

DEL

del Norte

Olga Fl Amazonian 340

PRINCIPATVS Tapuyi

BRASILIA

REGIO

CHRYSANTHÈME

# Escritoras do Brasil

A INFANTA  
CARLOTA  
JOAQUINA

de  
CHRYSANTHÈME

SENADO FEDERAL



**A INFANTA CARLOTA JOAQUINA**, um dos últimos livros de Chrysanthème, é a desconstrução de uma megera. Pois foi, sempre, como megera, devassa e conspiradora que vimos Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830), esposa de D. João VI, a rainha consorte do reino de Portugal, Brasil e Algarves.

Neste romance histórico, lançado em 1937, Chrysanthème nos mostra uma Carlota Joaquina bem diferente do imaginário popular: uma mulher muito além de seu tempo, mas incapaz de suplantando o poder patriarcal que a mantinha aprisionada, paralisada e silente. Muito do que Carlota poderia ter sido e realizado em sua vida foi obstruído por D. João VI e pelos homens poderosos que circundavam o rei. Conforme explica a professora Risolete Maria Hellmann, “a protagonista é caracterizada como uma figura controversa: forte, apesar de vítima da sociedade; uma mentalidade de escol, do ponto de vista dos historiadores espanhóis, apesar de não vencer o poder político exercido na ‘força policial’ do marido; inteligente, pois sabia que a coroa portuguesa deveria enfrentar seus inimigos, assim como intuía que a colônia brasileira em breve alcançaria a independência, apesar de seu poder diplomático ser usurpado pelo marido quando lhe era conveniente”.

A publicação de *A infanta Carlota Joaquina* é mais uma ação do Senado Federal na grande festa de comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, em que o papel de Carlota Joaquina deve ser redimensionado para melhor compreensão da participação feminina em todo o contexto histórico das relações entre Portugal e Brasil.



A escritora Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos usava dois pseudônimos para assinar seus livros e textos jornalísticos: ou Chrysanthème ou Mme Chrysanthème. Filha de Carmen Dolores, também escritora (cuja obra *Um drama na Roça* foi publicada no volume 7 desta Coleção), Cecília/Chrysanthème nasceu em 1869 e cresceu entre viagens à Europa e a companhia de escritores e intelectuais, ao lado de sua mãe. Casou-se aos 19 anos e enviuvou aos 38 anos, tendo um único filho.

A partir de 1906, a escritora Chrysanthème inicia sua carreira literária, publicando 17 livros, entre novelas, romances, contos adultos e infantis e textos teatrais, além de mais de 1.500 crônicas, veiculadas nos periódicos *Correio Paulistano*, *O Paiz*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias*, *O Mundo Literário*, *Ilustração Brasileira*, *Única*, *Cruzeiro* e *A Imprensa*. Escrevia sobre tudo: a desigualdade social, a miséria, a seca, a fome, a distribuição da renda no Brasil, o desemprego, a busca de igualdade de direitos entre mulheres e homens, a educação, a infraestrutura urbana, as guerras... Sua literatura, realista, foi amada e odiada, principalmente por sua principal obra, intitulada *Enervadas*, com personagens femininos fortes e escandalizantes.

Como sua mãe, foi uma das cronistas mais bem pagas do Brasil em sua época. E, mesmo assim, ao falecer, em 1948, teve marcada em sua certidão de óbito a profissão de *doméstica*, evidenciando seu apagamento como produtora de conhecimento e colocando-a em seu devido lugar de mulher: *no lar*. Sua presença nesta Coleção era, pois, obrigatória.

**A INFANTA  
CARLOTA JOAQUINA**

**Senado Federal**  
**Mesa Diretora**  
Biênio 2021/2022

Senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG)  
**PRESIDENTE**  
Senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB)  
**1º VICE-PRESIDENTE**  
Senador Romário (PL-RJ)  
**2º VICE-PRESIDENTE**  
Senador Irajá (PSD-TO)  
**1º SECRETÁRIO**  
Senador Elmano Férrer (PP-PI)  
**2º SECRETÁRIO**  
Senador Rogério Carvalho (PT-SE)  
**3º SECRETÁRIO**  
Senador Weverton Rocha (PDT-MA)  
**4º SECRETÁRIO**

**SUPLENTE DE SECRETÁRIO**  
Senador Jorginho Mello (PL-SC)  
**1º SUPLENTE**  
Senador Luiz do Carmo (MDB-GO)  
**2º SUPLENTE**  
Senadora Eliziane Gama (CIDADANIA-MA)  
**3º SUPLENTE**  
Senador Zequinha Marinho (PSC-PA)  
**4º SUPLENTE**  
Ilana Trombka  
**DIRETORA-GERAL**  
Gustavo A. Sabóia Vieira  
**SECRETÁRIO-GERAL DA MESA**

**Conselho Editorial**  
Senador *Randolfe Rodrigues*  
**PRESIDENTE**

**Secretaria de Editoração e Publicações**  
*Rafael André Chervenski da Silva*  
**DIRETOR**

**Secretaria de Gestão de Informação e Documentação**  
*Daliane Aparecida Silvério de Sousa*  
**DIRETORA**

*Coleção Escritoras do Brasil, Volume IX*

CHRYSANTHÈME

# A INFANTA CARLOTA JOAQUINA

(Romance histórico)

## **Prólogo**

Senador Randolfe Rodrigues

## **Apresentação**

Risolete Maria Hellmann

## **Notas**

Maria Helena de Almeida Freitas

Mariana Sanmartin de Mello

Mônica Almeida Rizzo Soares

Osmar Arouck

Stella Maria Vaz Santos Valladares

Brasília – 2022

SENADO FEDERAL



## COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

Comissão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão e atualização ortográfica: Mariana Sanmartin de Mello (Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF)

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação/SEGRAF

VOLUME 9 – *A infanta Carlota Joaquina / Chrysanthème*

Supervisão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares.

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Imagem de capa: Gravura [Retrato de Carlota Joaquina de corpo inteiro] de Manuel Marques de Aguiar (1767-1816), [18--?]. Gentilmente cedida pela Fundação Biblioteca Nacional.

A produção literária de Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, está em domínio público, conforme a Lei nº 9.610/1998. A obra *A infanta Carlota Joaquina* foi publicada originalmente em 1937 pela Livraria Moura Editora, do Rio de Janeiro. O original digitalizado desta obra foi baixado do site do LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Instituto de Letras.

Chrysanthème, 1870-1948.

*A infanta Carlota Joaquina* : (romance histórico) / Chrysanthème ; prólogo senador Randolfe Rodrigues ; apresentação Risolete Maria Hellmann ; notas Maria Helena de Almeida Freitas ... [et al.]. -- Brasília : Senado Federal, 2022.

191 p. -- (Coleção escritoras do Brasil ; v. 9)

ISBN 978-65-5676-259-3

1. Literatura, Brasil. 2. Carlota Joaquina, Rainha, consorte de João VI, Rei de Portugal, 1775-1830, ficção. II. Título. III. Série.

CDD B869.3

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Coimbra Diniz CRB1-1179

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>

## SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	7
NOTA DOS EDITORES.....	11
APRESENTAÇÃO.....	13
A INFANTA CARLOTA JOAQUINA.....	37
Prefácio .....	39
Capítulo I.....	41
Capítulo II .....	47
Capítulo III.....	55
Capítulo IV .....	61
Capítulo V.....	67
Capítulo VI.....	75
Capítulo VII.....	81
Capítulo VIII .....	83
Capítulo IX.....	89
Capítulo X .....	93
Capítulo XI.....	97
Capítulo XII.....	99
Capítulo XIII .....	105
Capítulo XIV .....	109
Capítulo XV.....	113
Capítulo XVI .....	117
Capítulo XVII.....	121
Capítulo XVIII.....	127



Capítulo XIX.....	133
Capítulo XX.....	137
Capítulo XXI.....	141
Capítulo XXII.....	147
Capítulo XXIII.....	153
Capítulo XXIV.....	159
Capítulo XXV.....	163
Capítulo XXVI.....	171
Capítulo XXVII.....	177
Capítulo XXVIII.....	181
FONTES CONSULTADAS PARA A ELABORAÇÃO DAS NOTAS.....	187

## PRÓLOGO

### A INFANTA CARLOTA JOAQUINA

Senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP)

Cultura é um meio de dominação, ensinou o sociólogo francês Pierre Bourdieu. E, como tal, foi usada contra as mulheres durante todo o patriarcado, que continua bastante vivo na maioria das sociedades ao redor do globo e que, até a atualidade, deixa resquícios, matizes e raízes profundas.

Até a década de 1930, as mulheres, no Brasil, não tinham sequer o direito editorial de publicação, de modo que é libertador observar o avanço da literatura feminina em tão pouco tempo, rompendo os grilhões da dominação cultural.

Como não poderia ser diferente, o rompimento da dominação expõe, principalmente, a agenda feminista. Não existe escrita sem intenção. As pautas feministas residem nos assuntos que foram proibidos às mulheres durante todo esse período de dominação patriarcal. Ao lhes ser retirado, por tantos anos, o direito editorial, foi-lhes retirado também o direito de esmiuçar seus propósitos. Foi-lhes interrompido o fluxo emotivo e humanizado que a literatura carrega e que permite ao leitor, mais do que absorver, desenvolver empatia pelas narrativas.

Nesse contexto, a Biblioteca do Senado Federal, num momento muito feliz para a literatura feminina, lança essa importante e representativa coleção intitulada Escritoras do Brasil, cujo objetivo é

reverdecer escritoras brasileiras muito importantes em suas épocas, mas que tiveram suas linhas descoradas pelo tempo, havendo suas narrativas chegando com pouca força à contemporaneidade. O objetivo da Coleção Escritoras do Brasil é reeditar obras cuidadosamente selecionadas, de modo a oportunizar o robustecimento dessas narrativas e reavivar, nas memórias social e cultural, nomes literários femininos que não deveriam ter sido desbotados pelo tempo.

Entre essas importantes obras e escritoras femininas e feministas, destaco *A infanta Carlota Joaquina*, de autoria de Cecília Bandeira de Mello Vasconcellos, autora que se apresentava ao público com o pseudônimo Chrysanthème; filha da pioneira Emília Moncorvo Bandeira de Mello, que assumiu, em *O Paiz*, a coluna de crônicas de Machado de Assis, sob o pseudônimo de Carmen Dolores. Uma família de mulheres escritoras, de mãe para filha.

A obra traz um ponto de vista feminino sobre uma mulher que, mais uma vez, entrou para os registros históricos – escritos por homens – como megera. Já em 1937 Chrysanthème percebeu, imbuída pelo precoce espírito feminista, que a rainha luso-brasileira Carlota Joaquina merecia, como merecem todas as mulheres, ter sua história recontada fora dos arquétipos criados pelos homens, nos quais elas não podem sequer ser donas de seu destino sem ter que caber em papéis reduzidos, limitados e estigmatizados – verdadeiras gaiolas conceituais patriarcais.

Loucas, desequilibradas, submissas, megeras, inocentes... Sempre uma visão carregada, estigmatizada, sempre uma visão de fora, uma visão masculina sobre o universo feminino. Um lugar que foi feito por homens para elas, um lugar que interrompe sua complexidade como ser humano, enfim, uma visão determinista. Uma forma de invisibilizá-las, de fazê-las desaparecer por detrás da personagem.

A aclamada escritora contemporânea Brenda Navarro, em seu livro de estreia, *Casas vazias*, provoca com pertinência e ousadia que o papel das mulheres até a atualidade tem sido o de “casas vazias para abrigar a vida ou a morte, mas, no fim das contas, casas vazias”. Empenhamo-nos para que as mulheres sejam, definitivamente, donas dos seus próprios destinos, de suas próprias dualidades, de suas

próprias narrativas. Parabenizo a Biblioteca do Senado Federal, bem como a Comissão Editorial da Coleção Escritoras do Brasil, por esse projeto arrojado que caminha nessa direção.



## NOTA DOS EDITORES

Para facilitar a leitura, a grafia dos nomes próprios em língua portuguesa foi atualizada. Os nomes próprios estrangeiros foram mantidos como se apresentam. As palavras e expressões em idiomas estrangeiros tiveram a grafia mantida conforme aparecem, acompanhadas por definições quando foram encontradas. Foram incluídas notas no decorrer da obra com os significados dos termos que não são mais encontrados nos dicionários atuais, como também notas com a tradução das frases em outros idiomas e locais geográficos. No restante, procurou-se manter a fidelidade ao texto original, limitando as modificações apenas à atualização ortográfica.

Por se tratar de romance e para o leitor atual melhor compreender o contexto do período histórico, foram elaboradas notas para os personagens e fatos apresentados na obra.

A autora, em suas citações, por vezes, modifica os textos dos autores mencionados. Tais citações foram cotejadas com as edições existentes à época da elaboração do romance e as diferenças foram apontadas, quando ocorreram. Alguns nomes de personagens históricos estão trocados ou truncados. Observações foram acrescentadas visando esclarecer essas discrepâncias.

A biografia (mesmo que romanceada) de D. Carlota Joaquina, escrita por Chrysanthème, embora traga uma excessiva carga de inferiorização de D. João VI, outra figura histórica menosprezada, é um grande passo para a devida valorização do intelecto e pujança dessa mulher, espanhola, rainha de Portugal e do Brasil e figura histórica sempre vilipendiada.



## APRESENTAÇÃO

### CHRYSANTHÈME, UMA MULHER INTELECTUAL DO SEU TEMPO

Risolete Maria Hellmann<sup>1</sup>

Chrysanthème, nome de flor com variadas cores e espécies, ou nome de uma personagem do romance *Mme Chrysanthème*, publicado em 1887 pelo autor francês Pierre Loti, com grande sucesso de público naquela virada de século. Que importa as razões que levaram a autora de *A infanta Carlota Joaquina* a escolher este pseudônimo?

É provável que Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, a mulher intelectual do seu tempo, conhecesse esse romance francês, mas nada garante que Chrysanthème, ou Mme Chrysanthème, tenha escolhido esse pseudônimo para assinar toda a sua obra jornalística-literária, influenciada por essa leitura, por mais que alguns historiadores ou críticos busquem as semelhanças entre essas personas.

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura (UFSC), professora do Instituto Federal de Santa Catarina, organizadora da 2ª edição do livro *Almas complexas: contos*, de Carmen Dolores (ed. Mulheres, 2014) e autora de *Ousadia e irreverência na ponta da pena: crônicas de Carmen Dolores em O Paiz – 1905 a 1910* (ebook, editora Amoler, 2021).



O uso de pseudônimos masculinos ou femininos foi muito comum desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, tanto na Europa<sup>2</sup> quanto no Brasil,<sup>3</sup> tanto por mulheres quanto por homens. Esse aspecto nos permite duvidar da difundida ideia de que mulheres precisavam usar pseudônimos para esconder sua identidade civil. Para Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 98), “pseudônimos, aliás, fizeram parte da vida de muitas escritoras, ora para criar identidade, ora para escondê-la”. Para nós, Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, como sua mãe, era ousada e corajosa demais para se esconder atrás de um pseudônimo.

Cecília Moncorvo Bandeira de Mello nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de fevereiro 1869, e faleceu em 22 de agosto de 1948, com 78 anos, conforme cópia de sua certidão de batismo e de óbito que conhecemos na tese de doutoramento de Maria de Lourdes Pinto (2006, p.100-101).<sup>4</sup>

Ela é a filha primogênita de Emília Moncorvo Bandeira de Mello e Jerônimo Emiliano Bandeira de Mello, neta do Dr. Carlos Honório de Figueiredo e de D. Emília Dulce Moncorvo de Figueiredo (avós maternos), bisneta do Marquês de Sapucaí. Era descendente de duas famílias tradicionais na capital federal brasileira do século XIX: o pai

---

<sup>2</sup> Como exemplo: George Sand é pseudônimo de Aurore Dupin (1804-1876); Condessa de Martel (1849-1932) usou em literatura o pseudônimo Gyp; Delphine de Girardin (1768-1822) usou vários pseudônimos: Vicomte Charles Delaunay, Charles de Launay, Vicomte de Launay, Léo Lespès, Léa Sepsel.

<sup>3</sup> Entre muitos outros intelectuais da época, Paulo Barreto (1881-1921) usou o pseudônimo João do Rio, entre outros; Abner Mourão usou o pseudônimo feminino de Isabela Nelson; e Emília Moncorvo Bandeira de Mello usou três pseudônimos masculinos e dois femininos, até optar por Carmen Dolores.

<sup>4</sup> A pesquisadora também discute os registros equivocados dos dados biográficos da escritora presentes nos poucos historiadores e/ou críticos que mencionam Chrysanthème e sua obra, a exemplo do *Dicionário literário brasileiro*, de Raimundo de Menezes; *Anthologia feminina: escritoras e poetizas contemporâneas*, de Cândida de Brito (1929); *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas* (1565-1965), de J. S. Ribeiro Filho (1965), que registram seu nascimento em 1870 e são citados em livros posteriores sem nenhuma pesquisa comprovatória.

e o avô materno ocuparam cargos importantes no governo imperial<sup>5</sup> (HELLMANN, 2015).

Companheira de viagens da mãe, quando o pai falece, no Rio de Janeiro, em 25 de dezembro de 1886 (conforme nota de falecimento publicada na *Gazeta de Notícias* de 26 de dezembro de 1886), Emília e sua filha Cecília estão viajando novamente pela Europa. Na coluna “Hóspedes e viajantes”, do *Diário de Notícias* de 7 de setembro de 1886, consta que: “Seguiram ontem no vapor francês Senegal, para Lisboa e Bordéus, os seguintes passageiros [...] Para Bordéus: [...] D. Emília Moncorvo Bandeira de Mello e sua filha Cecília Bandeira de Mello [...]”. Desta viagem para o sudoeste da França, realizada com a finalidade de tratamento de saúde, mãe e filha só retornam ao Brasil em fevereiro do ano seguinte, conforme a *Gazeta de Notícias* de 8 de fevereiro de 1887: “No paquete Senegal regressaram ontem da Europa, a Exma. Sra. D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, viúva do Dr. Jeronymo Bandeira de Mello, e sua filha”.

Ela casou-se, aos 19 anos, com Horácio Rebello de Vasconcellos em 21 de março de 1888, conforme a publicação dos proclamas da união no jornal *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, naquele mesmo dia, p. 2. A partir dessa união, passou a usar o nome Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos.

Em 1889, nasce seu único filho, Henrique Rebello de Vasconcellos. É nesse ano que sua mãe, Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910), viúva, inicia sua carreira literária e jornalística com um livro de contos assinado com o pseudônimo Carmen Dolores e com a publicação esparsa de crônicas e contos em periódicos diversos, usando os pseudônimos Júlio de Castro, Mário Villar, Leonel Sampaio e, posteriormente, Célia Márcia. Carmen Dolores tornou-se escritora famosa no seu tempo, publicando livros de contos, um romance, um livro de crônicas, além de um número ainda não

---

<sup>5</sup> O pai foi nomeado para elevado cargo na Repartição de Estatística do Ministério do Império (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 out. 1873, p. 3). A partir desse período, acumulou outros cargos: foi membro da Sociedade de Higiene de Paris e secretário do Conselho Superior de Saúde Pública.

totalmente estudado de crônicas, tanto em periódicos de outras regiões brasileiras quanto em colunas fixas na grande imprensa carioca e paulista<sup>6</sup>. Além disso, ela foi conferencista e dramaturga, tendo suas peças teatrais (re)encenadas em vários teatros e cidades.

Em 1907, quando Chrysanthème também fica viúva, aos 38 anos, tem a trajetória de sucesso da mãe como espelho, também por ter tido uma formação literária semelhante, crescendo dentro da farta biblioteca da família, herdada por Carmen Dolores. Nas palavras de Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 100), “Cecília acaba aproximando-se muito mais de sua ascendência materna, por encontrar na genitora a confluência de ideias e de posturas de que necessitava”. A isso podemos acrescentar a parceria firmada entre mãe e filha nas viagens, nos passeios urbanos e nos eventos sociais. Junto à mãe, teve a oportunidade de conviver com os intelectuais da *Belle Époque* brasileira nos Salões Literários (inclusive os organizados por Carmen Dolores), nos auditórios onde aconteciam as famosas Conferências Literárias, nos salões de leitura literária em voz alta, nos teatros brasileiros, assistindo aos interlúdios musicais ou às encenações teatrais de companhias europeias.

De acordo com Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 101): “Ademais os nomes reais ou fictícios, o compromisso familiar, as convenções sociais, nada as unia com mais força que as letras: havia paixão em seus escritos, havia mesmo um fio condutor cosendo suas tramas na melhor tradição da memória feminina”. Nesse sentido, encontramos, na análise das crônicas, realizada pela pesquisadora, alguns elementos do discurso ou temáticas que também estão presentes nas crônicas de Carmen Dolores, como: uso demasiado de reticências, a ironia da mãe e o humor dissimulado da filha, a opção por não aderir ao movimento sufragista, a luta pelo direito da mulher ao divórcio, à educação e ao trabalho digno para seu sustento, entre outros aspectos. Para a pesquisadora de Chrysanthème, a filha “observava o que

---

<sup>6</sup> Somente do jornal *O Paiz*, resgatamos 282 crônicas da coluna dominical *A Semana*, entre janeiro de 1905 e agosto de 1910, em nossa pesquisa de doutoramento (HELLMANN, 2015).

lhe ia pela frente, assimilando aquilo que lhe interessasse, sem se render à sedução da coqueteria” (PINTO, 2006, p. 103).

Com essa postura muito semelhante à de Carmen Dolores, Chrysanthème configura a segunda geração de mulheres intelectuais, ousadas e corajosas, que atuaram em jornais e livros, encenando e revelando sua própria existência feminina e a opção feminista em um contexto ainda patriarcal, androcêntrico e machista. Foi com essa inspiração e formação que Chrysanthème também enveredou pela carreira literária e jornalística, a partir de 1906, o que lhe rendeu elogios e muitas críticas negativas até o seu óbito, em 1948.

Em 41 anos, sua produção literária resultou em 17 livros e muitas crônicas. A autora escreveu inicialmente contos infantis “com fortes influências europeias e religiosas”, principalmente usando o recurso da intertextualidade e da bricolagem, como afirma Alexandre de Castro Gomes (2021, p. 52), ao analisar os livros *Contos para crianças por Chrysanthème* (1906) e *Contos azuis* (1910). Nos anos seguintes, inicia sua produção de novelas, romances, contos, textos teatrais e crônicas voltados para o público adulto: *Flores modernas* (1921); *Energadas* (1922); *Gritos femininos* (1922); *Uma estação em Petrópolis* (1923); *Uma paixão* (1923); *Mãe* (1924); *Memórias de um patife aposentado* (1924); *Almas em desordem* (1924); *Vícios modernos* (1925); *Matar!* (1927); *Minha terra e sua gente* (1929); *O que os outros não veem* (1929); *A mulher dos olhos de gelo* (1935); *Cartas de amor e de vício* (1935); *A infanta Carlota Joaquina* (1936).<sup>7</sup>

Já nas páginas de periódicos da grande e pequena imprensa, segundo Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 126), Chrysanthème escreveu colunas regulares, ao longo de sua vasta carreira, principalmente para: o *Correio Paulistano* (1920-1934), *O Paiz* (1914- 1930 e 1933-1937), o *Diário de Notícias* (1935-1944), a *Gazeta de Notícias* (1935-1948), *O Mundo Literário*, a *Ilustração Brasileira*, a *Única*, o *Cruzeiro*, além de *A Imprensa* (1907-1911), onde estreou como cronista. Em

---

<sup>7</sup> De todas essas obras, até o momento, apenas o romance *Energadas* (1922) possui uma edição atual, publicada em 2019 pela editora Carambaia.

sua pesquisa, a crítica feminista inventariou 1.530 crônicas e ainda identificou “a encenação de uma de suas peças no Teatro Regina pela Companhia de Eugênia e Álvaro Moreyra e a sua constante presença como conferencista nos salões da época”.

De acordo com as análises de Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 139-140), os principais temas de suas crônicas ainda são atuais. A miséria, a seca, a má distribuição da renda per capita, a busca feminina de igualdade de direitos com os homens, a reforma educacional, as guerras, o desemprego, a fome, a valorização exacerbada do produto externo em detrimento do nacional e a infraestrutura das cidades são apenas alguns dos temas caros a esta senhora do início do século XX, que ainda ecoam em nossas vidas do novo milênio.

Mesmo com essa prolífica produção, tanto nas obras literárias como nas páginas da imprensa, assim como nos eventos literários, em seu registro de óbito podemos ler sua profissão como “doméstica”, fato significativo se considerarmos que era uma mulher do século XIX, ousando escrever e falar publicamente o que pensa, trabalhando para seu sustento, quebrando as correntes que a prendiam ao espaço doméstico mesmo na década de 1940. Mais significativo ainda é o retrocesso, se considerarmos que sua mãe, Carmen Dolores, em 1910, alcançou o reconhecimento da profissão “literata”, como consta em seu atestado de óbito presente em Hellmann (2015).

Mesmo sendo considerada “a colunista mais bem paga de todo o Brasil” por Castro (2019), o qual também a coloca entre outras feministas da época, ela teve estampado em seu derradeiro documento civil a profissão “doméstica”, como um prenúncio do silenciamento político, esse apagamento instaurado posteriormente sobre quase todas essas mulheres intelectuais, nascidas no século XIX e atuantes nos primeiros decênios do século XX no Brasil. Não se encontram em dicionários de literatura ou em textos críticos referências a sua vida e obra, embora tenha se tornado uma intelectual bastante reconhecida pelo público leitor em seu tempo.

Fato curioso é que Carmen Dolores também foi mencionada como a colunista mais bem paga no período em que atuou no jornal *O Paiz* (1905-1910) (HELLMANN, 2021) e, como a filha, sua obra também foi apagada ou menosprezada na História da Literatura canônica, bem como na crítica literária acadêmica, até ser resgatada pela crítica feminista nas últimas duas décadas do século XX.

O esquecimento tácito de sua vasta obra literária e jornalística por parte da história e da crítica literária canônica pode ser mensurada pelos obstáculos misóginos vigentes nos primeiros decênios do século XX, enfrentados pelas escritoras desse período. Gilberto Amado (1956, p. 27) menciona um possível relacionamento amoroso entre Chrysanthème e Alcindo Guanabara, que parece ter causado grandes rumores e até furor na época, já que ele era casado: “Alcindo Guanabara, em período de descrença política e de grande paixão por Mme. Chrysanthème, pseudônimo de uma filha de Carmen Dolores, a cronista d’*O País*, raramente vinha à redação à noite...”.

O jornalista e senador da República, que já havia apoiado Carmen Dolores no início de sua carreira nos últimos anos do século XIX e continuou a fazê-lo posteriormente para que alcançasse a grande imprensa, parece ter se apaixonado perdidamente por Chrysanthème. Para Maria Rosa Gens (2016, p. 1115):

[...] esse é o único traço de seu retrato que é trabalhado com insistência, o que demonstra, sintomaticamente, quais pontos são os alvos escolhidos, quando se trata de escritoras, pela crítica e pelos comentários da imprensa.

Já Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 104) se refere a esse possível relacionamento entre o senador da República e a escritora jornalista como uma “história rumorosa” e questiona, como quem duvida da veracidade dessa narrativa: “Quantas versões não deve ter produzido essa história de paixões e traições à época?”

Assim, costumeiramente, a crítica recebida se ocupava de sua vida pessoal e, mesmo nas avaliações de sua produção literária, os comentários moralistas predominavam na análise das personagens femininas criadas por ela. Agripino Grieco (1933, p. 183), por exemplo, afirmou:

Depois de escrever lindas histórias para crianças [...], Mad. Chrysanthème entrou a escrever livros meio escandalizantes. Passou a pôr venenos borgianos nas complotas de manga de caju. Seus heróis dantes faziam apenas orgias domésticas com chá, à tisana elegante dos ricos; hoje, atiram-se à morfina e à cocaína. Mad. Chrysanthème descreve agora de preferência o mostruário de homens da Avenida e suas heroínas praticam uma espécie de donjuanismo feminino.

A repreensão dura “aos livros meio escandalizantes” é um julgamento moral ofensivo, vazio de criticidade sobre o literário. Chrysanthème inicia sua carreira no período da *Belle Époque*, no qual a crítica se fazia impressionista e biográfica e era publicada em folhas de jornal. Rosa Gens (2016, p. 1112) assim define este período literário:

*A Belle Époque* carioca aponta para uma intrincada rede de tendências, que se espraiam ao final do século XIX e prosseguem nas primeiras décadas do XX. Entre elas, avultam as ligadas ao panorama de movimento vertiginoso, às tensões modernas, às dinâmicas de gênero e ao traçado da cidade do Rio de Janeiro.

A partir da década de 1920, Chrysanthème conhece o movimento de instauração do modernismo, com a Semana da Arte Moderna em São Paulo, mas opta por continuar sua produção literária nos moldes do realismo tardio ainda ativo entre nós, entre manifestações naturalistas e parnasianas.

Como esmerada observadora que era, talvez estivesse muito mais atenta ao contexto em que estava inserida e, a partir dos laços sociais estabelecidos por ela, inseriu-se no campo literário de maneira excêntrica. Eliane Vasconcelos (2004, p. 538) nos lembra que Chrysanthème publicou, na primeira fase do modernismo, entre 1922 e 1929, 12 livros que “não mantêm nenhuma relação com a nova ordem estética”, a qual se queria e era “diferente do que se fazia no final do século XIX e início do século XX”, elaborando uma produção paralela. Assim, sua obra não foi tecnicamente modernista, pois sua formação intelectual a manteve na continuidade do projeto literário realista, apesar de viver e escrever num período em que as

ideias e as formas literárias estavam num processo de formação e transformação da literatura brasileira.

A partir da década de 1930, quando jovens escritores modernistas enveredam pelos romances regionalistas, como Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, ou pelos romances psicológicos, como Clarice Lispector, Chrysanthème, já com a idade avançada, encerra sua carreira literária com o romance histórico *A infanta Carlota Joaquina*, como quem busca, na memória do vivido e nos registros históricos, a condição feminina na sociedade patriarcal do século XIX.

Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 120), ao discorrer sobre o momento vivido por Chrysanthème, volta ao século XIX, período em que ela nasceu:

E, se um século foi profícuo em ideias, esse foi o XIX. Imaginação não faltou a todos, inclusive à sociedade brasileira, que sofreu uma série de transformações, a saber: a ratificação do capitalismo como modelo econômico vigente; a ascensão de um novo *modus vivendi*: a burguesia; o início da transição entre o modelo rural e a vida urbana; a instituição de um estado nacional; e a reorganização das relações familiares e dos *campi* de atuação da mulher são características dessas transformações em que o país mergulhava.

Chrysanthème teve a oportunidade de presenciar, ao longo de sua vida, cenários de grandes transformações: no sistema político e econômico de seu país, vê a monarquia – em que nasceu e foi criada e que muitas benesses lhe proporcionou – cair e a República se instalar em meio a muitas crises políticas e revoltas sociais no Brasil, além de crises econômicas mundiais causadas pela primeira Grande Guerra e pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, as quais também afetam a economia local. Além disso, com a república, novos hábitos sociais são implantados, como o consumo da última moda e a modernização das cidades (SEVCENKO, 1989, p. 28).

É durante esta primeira república que Chrysanthème se vê viúva e sente a necessidade de trabalhar para ganhar o sustento de sua família. Ao longo de sua trajetória literária, a escritora ainda vive outras



transformações do período entre guerras e presença a Segunda Guerra Mundial, enquanto no Brasil se vive a ditadura do Governo Vargas.

Esses cenários presenciados ao longo de sua vida literária ainda podem ser acrescidos de todas as influências das notícias sobre “a ebulição feminina e feminista” que chegavam da Europa, comentando “todas as temeridades cometidas por nossas companheiras europeias” (PINTO, 2006, 119-120).

Norma Telles (1997, p. 432) descreve a “nova mulher” a partir do movimento feminista da primeira fase, dizendo que ela :

[...] pretendia ser sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção de vida. Tendo tido maiores oportunidades de estudo e desenvolvimento fora do casamento, privilegiava as carreiras profissionais. Às vésperas do século XX, essas ideias estavam difundidas por toda Europa e América do Norte. Na medida em que avançava nas profissões e ocupava espaço significativo no mercado de trabalho, a Nova Mulher, educada e sexualmente livre, acordou as vozes da conservação, que se ergueram para gritar em alto e bom som que tais ambições só trariam enfermidades, esterilidade, degeneração da espécie.

Mesmo se Chrysanthème quisesse ficar alheia a todas essas ideias, transformações sociais, políticas e econômicas, tanto as suas condições de sobrevivência quanto a sua personalidade, assim como o seu caráter combativo, não lhe permitiriam tal opção. Segundo Maria de Lourdes Pinto (2006, p. 120), o movimento feminista europeu e norte-americano desse período começou a

[...] imprimir novas feições ao comportamento sociocultural da mulher brasileira. Presencia-se aqui no Brasil, como na Europa, um período ambíguo para a construção do ideário feminino: de um lado, o apelo social e, de outro, os emblemas da boa reputação.

Esse ideário feminino ambíguo em construção aparece em várias de suas obras literárias, pois Chrysanthème cria personagens fe-

mininas de seu tempo que expressam seus sentimentos e têm ideias próprias, que vivem cenas semelhantes à sua própria condição de mulher numa sociedade patriarcal, situações que ela presencia no contexto em que vive.

Para ilustrar como a escritora acabava por incomodar a seus pares, fosse pela temática abordada, fosse como figura pública, Humberto de Campos (1951, p. 57) assim escreve sobre o romance *O que os olhos não veem*:

Espantado com a linguagem dessa bulhenta senhora, eu tive oportunidade de comunicar, verbalmente, à ilustre escritora a minha estranheza. Ela teve, porém, a bondade de explicar-me, prontamente: – Pois, não se espante não. As mulheres que eu descrevo são apanhadas ao vivo.

Contudo, são personagens femininas para a qual a sociedade da época não estava preparada, daí as críticas misóginas que ela recebe. Para corroborar esse ponto de vista, lembremos o que disse Rosa Gens (2016, p. 1112):

Observa-se que as personagens femininas produzidas pela escritora não agem segundo as convenções, desfilam pelas ruas do Rio de Janeiro surpreendendo os passantes, usam o sexo como elemento de poder, utilizam drogas. No entanto, sua elaboração ficcional continua esquemática, sem complexidade psicológica. Pela leitura dos títulos de seus volumes e dos anúncios que os veicularam nos jornais, fica patente o propósito da autora de atingir um grande número de leitores a partir de uma estratégia de sedução pelo apelo ao erótico, ao moderno, ao violento. A autora celebra o feminino, mostra-o e desnuda-o, através de representações vigorosas, que compõem o leque de possibilidades de entendimento de mulheres à beira do moderno, mas ainda vagando à margem de uma consciência de seu papel enquanto mulheres.

O seu posicionamento feminista perpassa toda a sua obra, pois ela estava permanentemente defendendo os direitos das mulheres, apesar de, paradoxalmente, negar a igualdade entre os gêneros que as feministas da primeira fase tanto reivindicaram, como se evidencia em uma de suas crônicas de 1921:

Não ignoro a irritação que desperto em alguns corações femininos divergindo, como o faço sempre, da opinião corrente que quer empurrar a mulher, com demasiada precipitação, para a igualdade dos sexos, para as urnas, quando esta se acha ainda sem preparo, entre leis malformadas para ela e sem a proteção de uma personalidade forte. Eu sofro de um mal sem cura e que na nossa terra, de embriaguez constante, causada pela exuberância da nossa natureza e perfume da nossa atmosfera, se torna imperdoável. Tenho horror às palavras belas e pomposas, pululantes no nosso cantante idioma, mas tão desprovidas de sentido e de sinceridade que ecoam no ar como vistosos foguetes sem bomba. Não, eu não sou feminista, locução entre irritante e ridícula, se feminismo significa a entrada da mulher na arena política, arena de cobiça e de desfalecimentos de caracteres. (CHRYSANTHÈME, 1921, p. 3)

A crítica mordaz de seus contemporâneos – que seguiam os ditames do biografismo e do impressionismo –, ora pelos rumores em torno de seu suposto relacionamento com Alcindo Guanabara, ora por ser mulher e ousar escrever o que pensava, ora porque dava voz a suas personagens nada convencionais, ora por ser feminista, tiveram pelo menos o mérito de manter seu nome em evidência.

Porém, a sua ausência nos textos da crítica acadêmica posterior, bem como dos historiadores da literatura brasileira, é similar à história de quase todas as escritoras do século XIX e início do século XX, pois é um silenciamento tácito, político, de exclusão das mulheres da literatura brasileira.

Contudo, em tempos de visibilidade e modificação de limites e fronteiras, a crítica feminista engajada nesse movimento vem resgatando e estudando a vida e obra de inúmeras escritoras do século

XIX até as últimas duas décadas do século XX, seja pela publicação de novas edições de seus livros, seja pela construção de antologias<sup>8</sup>, seja pelo estudo crítico dessas obras.

Entre elas, *A infanta Carlota Joaquina* (1936) de Chrysanthème ganha, nesta edição, um espaço de poder e reconhecimento.

### **Entre seus romances, *A infanta Carlota Joaquina***

O livro *A infanta Carlota Joaquina*, o último publicado em vida, é um romance histórico de sucesso editorial no final da década de 1930, recebendo críticas e notas editoriais em alguns jornais. Chrysanthème, porém, não parou de escrever, pois, conforme nota de falecimento da autora, publicada na revista *O Cruzeiro* de 11 de setembro de 1948, a escritora incansável ainda deixou o livro *Memórias de uma velha* no prelo.

Na presente obra, a escritora procura se munir de informações publicadas por historiadores diversos, além de manifestar seu explícito posicionamento feminista inaugural no país, buscando desconstruir e contestar a imagem tradicional da rainha luso-brasileira como uma megera, conforme é retratada em muitos trabalhos históricos.

Em 8 de agosto de 1937, Chrysanthème explica, em uma coluna do *Diário de Notícias do Rio de Janeiro*, as razões que a levaram a uma pesquisa sobre Carlota Joaquina na história oficial brasileira e a motivação para escrever este romance histórico. Ouçamos a voz da própria autora:

---

<sup>8</sup> A exemplo da *Antologia de Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizada por Zahidé Muzart (1999, 2002 e 2004) em três volumes e construída por um grupo de professoras pesquisadoras vinculadas a diversas universidades brasileiras, que empreenderam uma verdadeira “escavação do passado” durante quase duas décadas. Nessa antologia, encontramos verbetes de mais de 150 escritoras dos séculos XVIII e XIX. Algumas atuaram até a primeira metade do século XX, como nossa autora Chrysanthème; entretanto, a história e crítica canônicas as mantiveram no esquecimento tácito durante todo o século XX. Essa obra coletiva constata o quanto as mulheres produziram literatura e que o trabalho de resgate dessas autoras e obras é uma questão de gênero e de política e é também social, pois resulta de uma atitude feminista crítica e reflexiva. O que as pesquisadoras promovem é a reescrita das histórias da literatura brasileira do século XX, ou a escrita de uma nova história da literatura inclusiva.

Foi no lindo “cottage” de Luiz Edmundo que, sob a sua inspiração, decidi-me a escrever este meu novo livro.

Era noite e, no silêncio dessa hora, na tranquilidade e no artistismo do seu ambiente, entramos a conversar acerca da infeliz soberana do Brasil colonial. Luiz Edmundo mostrava-se seu adversário integral, enquanto eu, mulher, condoía-me ardentemente da sincera e desgraçada esposa de D. João VI, este, clerical, astuto e neurastênico. Pareceu-me ver no salãozinho-biblioteca do autor do “Rio de Janeiro do tempo dos vice-reis”, a pobre rainha, vinda de uma Espanha de sol e de arte a enterrar-se numa colônia de escravos, de pântanos e de ignorância. Ao lado de uma sogra louca e de um marido remelento, a sorte de Carlota Joaquina, bondosa, intrépida e inteligentíssima, deve ter sido um calvário sem fim e sem nome.

Encetei, pois, a realização da minha ideia, percorrendo as obras que, a ela, se referiam, encontrando em quase todas o achincalhe à mulher viva e o insulto à morta. A sua memória nunca fora respeitada e, ainda sob a esteira em farrapos, onde ela se envenenou, a sua triste e desventurada figura mereceu os mais cruéis apodos de alguns escritores. Notava-se nas páginas dedicadas à infanta Carlota Joaquina a ânsia de criticá-la não só, no seu físico, de que não era responsável, como também no seu moral, que, num sadismo de “curée” caçadista, os literatos envenenavam e sangravam. E tive a impressão de que, do seu túmulo, o mísero esqueleto da filha de Carlos IV, pedia defesa e justiça. Nesses volumes, dedicados à desprotegida e sempre traída infanta, esqueciam-se de ordinário de sua bondade, da sua inteligência, da sua energia, para se ocuparem maldosamente da sua vida privada, dos seus amores, da sua fealdade. Entretanto, D. João VI, bobalhão melancólico, fradesco, e covardão, é lisonjeado pelos homens e merecedor de elogios moderados, sim, mas sempre elogios. Iniciei, então, as primeiras linhas desse livro que defende a Carlota Joaquina, com imensa piedade no coração e com infinito desejo de lavar a sua memória de alguns injustos aleives, dos quais nem a Morte a salvou! E ao confessar esse meu plano a

alguns colegas, via-os rir impertinentemente, julgando absurdo e inútil o meu objetivo. (CHRYSANTHÈME, 1937b, n.p., grafia atualizada)

Assim, a escrita do romance *A infanta Carlota Joaquina* não seria um enaltecimento do sistema político do império, mas, sim, a defesa da menina e da mulher que a “infeliz soberana” foi, naquele contexto machista e patriarcal do século XIX, que se perpetuava no riso explícito dos colegas intelectuais de Chrysanthème, homens como Luiz Edmundo.

No enredo, o leitor conhece os fatos vividos pela protagonista espanhola, Carlota Joaquina, numa sequência cronológica, com raros momentos de *flashback*, desde a sua infância na Espanha até sua morte em Portugal, depois dos anos vividos no Brasil.

A inocência e a ingenuidade da infanta espanhola, que é conduzida a Portugal, aos 10 anos de idade, para se casar com D. João VI, permitem que o leitor se comova com a brutalidade das circunstâncias vividas por ela.

O casamento precoce da menina e a falta de preparo do corpinho para as obrigações do casamento são mencionadas logo no início e repetidas inúmeras vezes em *flashback* ao longo da narrativa: “Sorridente, mas atônita, a menina sabia que ia se casar com um príncipe português, ignorando, todavia, em que consistia esse contrato a que a iam obrigar a política de interesses, para ela, desconhecidos” (CHRYSANTHÈME 1937a, p. 9, grafia atualizada). Assim, as críticas dos historiadores ao comportamento de Carlota Joaquina, que apenas se defende das investidas do marido, iniciam na noite de núpcias e permanecem no imaginário coletivo até após a sua morte.

O jogo de xadrez político acompanha todas as fases da vida da princesa espanhola, que se torna rainha luso-brasileira, mas, a cada etapa vivida, alguma nova peça se move e ela não tem quem a defenda, pois as traições sempre rondam, à espreita.

Nos primeiros anos em Portugal, a protagonista não conseguiu conquistar o afeto dos súditos e nem o respeito do marido, por mais que fosse “bondosa, intrépida e inteligentíssima”, aos olhos da autora.

As discrepâncias estruturais dos corpos do casal – ele, gordo, já com 17 anos, e ela, menina franzina, feia para os moldes de beleza da época – apenas intensificam as diferenças culturais. D. João VI é caracterizado na narrativa, principalmente, a partir da influência da religião católica nas suas ações, como clerical, astuto e neurastênico. Do mesmo modo como os historiadores lidos por ela e literatos de seu tempo se colocam como adversários integrais de Carlota Joaquina, Chrysanthème não economiza no achincalhe e nos insultos ao seu personagem masculino, transformando-o em “bobalhão melancólico, fradesco, e covardão”; um ser “cantochoão,<sup>9</sup> sorumbático, com pouca ou nenhuma luz nas salas e aposentos, que passava sem ser pressentido pelas galerias obscuras”; além de “remelento”, ressaltando seus hábitos de falta de higiene e de finesse à mesa. Essa imagem degradante é resgatada toda vez que a narradora leva o leitor a pensar na vilania do personagem masculino.

Se alguma característica negativa da protagonista é reconhecida na voz da narradora é o fato de a soberana não se enquadrar nos moldes de beleza da época, mas, ainda assim, tira-lhe a responsabilidade sobre essa fealdade, como o faz a autora na folha do periódico.

Aliás, do ponto de vista estético, o uso da repetição *ad infinitum* parece ser uma estratégia de construção narrativa, já que as muitas qualidades da protagonista Carlota Joaquina, comparadas aos defeitos do vilão Dom João VI, são retomadas em todas as fases da vida conjugal, social e política desses personagens.

Outra retomada frequente, ao longo da narração da trajetória de vida da protagonista, é a ideia de que Carlota Joaquina foi, por um lado, uma grande vítima do poder patriarcal e, por outro, uma mulher *avant la lettre*. Sua vitimização está evidenciada na descrição

---

<sup>9</sup> Em sentido figurado, monótono.

da ingenuidade da menina de 10 anos, conduzida a um casamento precoce, firmado por interesses políticos dos regentes dos dois países, os quais ela desconhecia. Da mesma forma, o discurso vitimista é evidente, quando, posteriormente, se vê obrigada pelo marido a fugir para o Brasil contra a sua vontade; ou, ainda, quando acaba prisioneira familiar e política de D. João VI em um c/onvento, onde o marido a deixa confinada para impedi-la de se tornar regente da região do Rio da Prata, colonizada por seus conterrâneos espanhóis.

Do ponto de vista da narradora, Carlota Joaquina também foi a grande vítima de seus súditos portugueses e brasileiros que passaram a odiá-la em função da má fama construída pelo poder falocêntrico vigente, formado por políticos, intelectuais e historiadores. Justamente pelo fato de ela ser inteligente e ousada e não se calar diante dos homens, concebidos como superiores, em detrimento dos demais indivíduos, foi descrita na história como máscula. Como isso não era suficiente para derrubá-la, afetar a sua moral, acusando-a de adultério, foi a saída encontrada para naturalizar a impopularidade da monarca.

Caracterizar a personagem feminina como vítima e o masculino como vilão nas narrativas ficcionais, produzidas por escritoras oitocentistas, foi um modo de denunciar as injustiças sociais a que as mulheres estavam submetidas numa sociedade patriarcal e androcêntrica. A insubmissão de Carlota Joaquina, em contraponto, remete-nos à busca de igualdade de condições sociais entre mulheres e homens, uma luta travada pelas feministas da primeira fase, luta essa em que Chrysanthème estava engajada.

A narradora não se cansa de repetir fatos que destacam a personalidade forte de sua protagonista: sua ousadia em se defender do marido na noite de núpcias, sua argumentação para que enfrentassem os inimigos de Portugal em vez de fugir para a colônia, a audácia em planejar sua fuga do convento em que estava presa e a tentativa de chegar a Buenos Aires, onde teria apoio dos seus conterrâneos que a admiravam. Porém, essa rememoração constante, do ponto de vista estético, acaba por produzir uma sensação de falta de progressão narrativa em alguns momentos.



Antes do retorno a Portugal, nos longos anos vividos no Brasil, Carlota Joaquina foi traída, insultada, acusada de adultério e odiada nessa “colônia de escravos, de pântanos e de ignorância”, como a narradora nos faz acreditar que era esta terra, com a descrição detalhada da situação calamitosa das ruas do Rio de Janeiro. Entretanto, a filha de Carlos IV nunca escondeu seu menosprezo pelo Brasil e sua gente, tanto pelos fidalgos, grandes proprietários rurais, quanto pelos negros escravizados. Assim, Chrysanthème reproduz a ideologia do colonialismo econômico e todos os preconceitos raciais a ele inerentes, pela voz da protagonista, que via os negros como uma raça inferior.

Outro aspecto que merece atenção é o fato de ser descrita como “mãe zelosa” em vários momentos; no entanto, a autora deixa de falar do período de nascimento desses filhos. Apesar de seu zelo, há um momento em que o desprezo por seu filho D. Pedro I aparece, assim com a predileção por D. Miguel, que se torna monarca de Portugal, depois da morte do pai, no retorno da família real para o país de origem. Na fase final de sua vida, isolada de tudo e todos, já viúva, Carlota Joaquina sequer recebe a atenção do filho preferido e comete suicídio ao lado de dois subalternos negros, seres a quem tanto menosprezou nos seus anos no Brasil.

Quanto ao protagonismo de Carlota Joaquina, neste romance histórico, contrapondo a narrativa histórica na qual só aparecem os seus aspectos negativos, parece que Chrysanthème manteve uma estratégia já presente em outros romances anteriores publicados por ela, pois resgata da história de vida da monarca os momentos em que ela não age segundo as convenções e usa o sexo como elemento de poder.

Assim, a protagonista é caracterizada como uma figura controversa: forte, apesar de vítima da sociedade; uma mentalidade de escol, do ponto de vista dos historiadores espanhóis, apesar de não vencer o poder político exercido na “força policial” do marido; inteligente, pois sabia que a coroa portuguesa deveria enfrentar seus inimigos, assim como intuía que a colônia brasileira em breve alcançaria a independência, apesar de seu poder diplomático ser usurpado pelo marido quando lhe era conveniente.

Diante de todas essas circunstâncias vividas pela protagonista, de sua moral afetada pelas fofocas que naturalizaram a sua impopularidade, a narradora justifica, em vários momentos da narrativa, os erros de Carlota Joaquina, assim como seu costumeiro mau humor e atitudes inadequadas para a função social e política que ocupava.

Esse investimento na defesa de uma mulher injustiçada na história, partindo de outra mulher, não era comum na primeira fase do feminismo brasileiro. Contudo, remete-nos a uma questão bastante discutida pela crítica feminista contemporânea: o ponto de vista feminino configura o lugar de fala da mulher, que, silenciado por séculos pelo poder androcêntrico, começa a ganhar espaço na literatura produzida por mulheres do século XIX, a exemplo da obra de *Chrysanthème*.

Nesse sentido, é preciso ainda salientar um aspecto evidente na construção da voz narrativa, assumidamente feminina, uma estratégia de várias escritoras oitocentistas que buscavam representar o contexto social e histórico da perspectiva da mulher. *Chrysanthème*, porém, além de construir uma narradora que se identifica como mulher, chega a confundir a voz da narradora com a voz autoral, talvez por estar tão acostumada a manifestar sua ideologia feminista nas páginas dos periódicos como cronista. Enquanto romance histórico, a escritora se vale da pesquisa trazendo para a obra literária citações de historiadores, comentando e criticando a perspectiva androcêntrica presente no discurso desses autores. No discurso da narradora, fica evidente que suas críticas pretendem ressaltar o quanto historiadores foram injustos e até vis com a infanta Carlota Joaquina.

Weinhardt (1994, p. 51), retomando a perspectiva de Lukács (1937) nos lembra que:

Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram.

Concomitantemente à denúncia da narradora aos “homens daquele tempo”, poeticamente, Chrysanthème reconstrói a imagem da infanta da Espanha, princesa e depois rainha de Portugal e do Brasil.

Também num tom de denúncia, mais de uma vez, a narradora se refere à repetição das acusações a Carlota Joaquina, à forma como os “malévolos” historiadores se copiam, como ela declara no início do terceiro capítulo do romance: “A imitação e a monotonia têm impulsionado vários escritores a se copiarem uns aos outros, quando se trata de escrever a história de Carlota Joaquina, infanta da Espanha e depois rainha de Portugal e do Brasil” (CHRYSANTHÈME, 1937a, p. 27, grafia atualizada).

A personagem Carlota Joaquina, como a figura real, tornou-se, assim, também vítima de historiadores que se copiam e perpetuam a sua imagem negativa no contexto da história. Atitude falocêntrica que a narradora denuncia veementemente:

Covardemente, copiando-se, repito, uns aos outros, os historiadores, passados e presentes, em gestos rítmicos e fáceis, decidiram enegrecer, perante as gerações, o vulto, heroico e bem feminino, de Carlota Joaquina, crentes de que o mal, dela, dito estaria mais de acordo com a necessidade visceral dos homens, de velarem a superioridade das criaturas, que se elevaram acima do banal, intitulado virtude pelos hipócritas ou pelos tímidos. (CHRYSANTHÈME, 1937a, p. 27, grafia atualizada)

O recurso de trazer personagens reais para a ficção, utilizado largamente por escritores realistas, reforça o efeito de verossimilhança na obra. Quando esses personagens, pertencentes ao passado histórico, são relidos pelo escritor no seu tempo presente, há uma atualização dos fatos no romance histórico, o que resulta na possibilidade de o leitor repensar a história real.

Se Carlota Joaquina foi uma mulher *avant la lettre*, no sentido de deter um conhecimento de sua condição submissa e querer mais do que lhe era permitido, antes que mulheres conseguissem ocupar um espaço público, Chrysanthème foi uma mulher do seu tempo, que usa a voz narrativa para dizer o que pensa a autora:

Hoje, Carlota Joaquina seria uma criatura superior, um espírito invulgar, uma dama interessantíssima.

Naquele tempo, sem eletricidade, sem aviões, sem rádio, sem telégrafos, sem autos, essa infanta, nascida fora de sua época, que tentava olvidar a vida que a má sorte lhe deparara por meio de desperdício de carinhos, de dinamismo e de inteligência, surge como uma tarada, uma excêntrica, uma fêmea, indisciplinada e dissoluta. (CHRYSANTHÈME, 1937a, p. 49, grafia atualizada)

Assim também, a título de exemplo, as sufragistas brasileiras foram feministas *avant la lettre*, pois iniciaram a luta pelo direito da mulher ao voto duas décadas antes de efetivamente poderem exercê-lo. Entretanto, quando pensamos na atuação literária de mulheres intelectuais dos primeiros anos do século XX, como Chrysanthème e tantas outras escritoras nascidas no século XIX, entendemos que ela foi uma mulher do seu tempo. Tempo em que, em meio a um mar de analfabetismo, uma pequena parcela de todo o público feminino, pertencente a uma classe social com acesso aos eventos culturais e outros intelectuais, teve condições de estudar, buscou no trabalho intelectual seu meio de sobrevivência quando o apoio familiar lhe faltou, engajou-se em lutas feministas que buscavam a igualdade de direitos entre os gêneros.

Chrysanthème deixou as marcas de sua inteligência, de seu empenho na luta feminista de seu tempo, nas linhas desse romance histórico.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

CAMPOS, Humberto de. As mulheres e o amor. In: CAMPOS, Humberto de. *Crítica: primeira série*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1951.

CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar*. O Rio moderno dos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos]. *A infanta Carlota Joaquina*. Rio de Janeiro: Livraria Moura, 1937.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos]. *A infanta Carlota Joaquina*. Bilhete Azul. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1937.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos]. Sem título. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1921, p. 3.

HÓSPEDES e viajantes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 set. 1886, p. 1.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Sem título. Rio de Janeiro, 11 out. 1873, p. 3.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. 5 v.

FREITAS, Geraldo de. No mundo dos livros. Notas. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 47, p. 36, 11 set. 1948.

GAZETA DA TARDE. Sem título. Rio de Janeiro, 21 mar. 1888, p. 2.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Sem título. Rio de Janeiro. 8 fev. 1887, p. 1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Sem título. Rio de Janeiro. 26 dez. 1886, p. 1.

GENS, Rosa. Cecília Vasconcelos e as modernas mulheres: a figuração de Chrysanthème. In: ENCONTRO ABRALIC, 15. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016.

GOMES, Alexandre de Castro. *A configuração dos monstros na literatura infantil e juvenil brasileira do séculoXX*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/17920/2/Dissertacao%20-%20Alexandre%20de%20Castro%20Gomes%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GRIECO, Agripino. *Evolução da Prosa Brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

HELLMANN, Risolete Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

HELLMANN, Risolete Maria. *Ousadia e Irreverência na ponta da pena: Crônicas de Carmen Dolores em O Paiz – 1905 a 1910*. Blumenau: AmoLer Editora, 2021 [eBook].

LUKÁCS, George. *Le roman historique*. Paris: Payot, 1972.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO FILHO, J. S. *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1965)*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto / Unesp, 1997.

VASCONCELOS, Eliane. Madame Chrysanthème. In: MUZART, Z. L. (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia*. v. 2. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. *Letras*, Curitiba, n. 43, p. 11-23, 1994.



**A INFANTA  
CARLOTA JOAQUINA**





## PREFÁCIO

Este meu livro *A infanta Carlota Joaquina* não é propriamente obra histórica, dessas que os homens inçam de datas, de falsidades, mais ou menos verossímeis, copiadas uns dos outros, e de sugestões, não raro, inconscientes. Por isso, tendo sempre lido e visto, faladas ou escritas, ofensas ignominiosas<sup>1</sup> contra a desgraçada rainha do Brasil, vítima da época, do marido e dos aventureiros da hora, lembrei-me de defendê-la, lendo e meditando sobre o que se traçou e se refere à mesma através e nas linhas dos livros, ditos históricos. Compreendi então que a inteligência, a generosidade e o temperamento da infanta<sup>2</sup> espanhola revoltavam a falsa fidalguia e a ignorante plebe desse tempo, arrancando-lhes calúnias, incompreensões e perseguições... A sua indiferença pelos preconceitos e a “molície”<sup>3</sup> do marido, invejoso da sua superioridade e inquieto por vê-la mais firme e varonil do que ele, na política e fora dela, estimularam as perversidades dos que a infanta contrariava os planos ou desprezava a vil ambição. E, desse modo, se o físico da infanta era menosprezado, o seu moral foi e é ainda objeto das mais brutais maledicências e dos mais impiedosos julgamentos.

Se o Rio continua a ser, malgrado o seu progresso e desenvolvimento, a grande aldeia que conhecemos, que seria ele na sua época colonial, habitado por gente inferior, analfabeta e aventureira?

---

<sup>1</sup> Que causa ignomínia, que suscita desonra.

<sup>2</sup> Em Portugal e na Espanha, infanta e infante são títulos de nobreza atribuídos aos filhos de reis e rainhas não herdeiros da coroa.

<sup>3</sup> No original, *mollice*. Não foi possível determinar se é palavra da língua portuguesa. Localizou-se a palavra molície, que significa falta de empenho, indolência, moleza, frouxidão.

Carlota Joaquina desafinou entre essa bolorenta casta, que do-  
brava o joelho à passagem de D. João VI e que, humilde, subserviente  
e amedrontada, vivia de cócoras diante das quinas de Portugal.

Entretanto, percorrendo algumas obras de neutralidade digna e  
simples, admiramos a infinita bondade dessa princesa, roubada, altiva  
e sempre perseguida como um animal feroz. Errar é humano e, se ela  
cometeu faltas, como todos os mortais, redimiui-as à força de sofri-  
mento, de amor e de lágrimas.

Nem a sua pobre memória adquiriu o respeito, concedido, em  
geral, aos que já se acham diante do Tribunal de Deus. A curée<sup>4</sup> con-  
tinua sobre o seu extenuado coração de mulher, que vibrou, se alan-  
ceou e, hoje, se acha reduzido a pó... Se os homens não entenderem  
o fito desse meu livro, as mulheres, sempre caluniadas e vítimas da  
falta de indulgência dos primeiros, entender-me-ão certamente. E,  
desse modo, ao terminarem a sua leitura, rezem uma oração pela in-  
feliz criatura, que nem pela morte conseguiu o silêncio e a tolerância  
dos vivos.

CHRYSANTHÈME

---

<sup>4</sup> Palavra francesa: luta, disputa.



## CAPÍTULO I

Carlota Joaquina<sup>5</sup> era filha de Carlos IV de Bourbon<sup>6</sup> e de Maria Luísa de Parma<sup>7</sup> e irmã de Fernando VII<sup>8</sup>, que, soberano da Espanha, mostrou a esta os seus vícios e a sua máscara, estigma do seu caráter dúbio e do seu temperamento sensual.

Em 1785, no paço de Aranjuez<sup>9</sup>, por certa tarde de abril, uma pequena de 10 anos, tímida e inocente, beijando a mãe, que chorava, abria os seus grandes e pestanudos olhos de espanhola diante dos preparativos feitos para ser levada a Portugal.

Sorridente, mas atônita, a menina sabia que se ia casar com um príncipe português, ignorando, todavia, em que consistia esse contrato a que a iam obrigar a política e interesses, para ela, desconhecidos.

Mirando o céu dessa Espanha que ela nunca olvidou, Carlota Joaquina, num pulo e com um sorriso nos lábios, tomou assento no carro que a levaria a Portugal, sentando-se junto do duque de Almodóvar,<sup>10</sup> encarregado de a entregar ao príncipe D. João,<sup>11</sup> que a esperava, aliás, sem grande impaciência nem forte curiosidade.

---

<sup>5</sup> Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830), esposa do rei D. João VI, rainha consorte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e depois Reino de Portugal e Algarves de 1816 até 1826 e imperatriz do Brasil (consorte).

<sup>6</sup> Carlos IV (1748-1819), rei da Espanha entre 1788 e 1808. No original consta Carlos VI.

<sup>7</sup> Maria Luísa de Parma (1751-1819), rainha da Espanha, esposa de Carlos IV.

<sup>8</sup> Fernando VII (1774-1833), filho de Carlos IV e de Maria Luísa de Parma, rei da Espanha entre março e maio de 1808 e de 1814 até sua morte.

<sup>9</sup> Palácio Real de Aranjuez, localizado na cidade de Aranjuez, Espanha.

<sup>10</sup> No original está *Almodívar*. Trata-se de Pedro Francisco Ximénez de Góngora y Luján, 1º duque de Almodóvar (1727-1794), diplomata, escritor e embaixador espanhol em Lisboa.

<sup>11</sup> D. João VI (1767-1826), à época infante de Portugal, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves de 1816 a 1822. Segundo filho da rainha Maria I.

E, num faustoso tilintar de arreios, sacudida pelo impaciente arrancar dos cavalos, que as mãos dos nobres palafreiros<sup>12</sup> mal conseguem reter, e entre o séquito fidalgo dos seus acompanhantes, lá segue, dentro de uma rica e nova carruagem, a pequena princesa espanhola, a infanta Carlota Joaquina, que, mais tarde, pela sua inteligência, pela forma da sua mentalidade, adiantada à sua época, mereceu as agruras da crítica e a incompreensão dos tartufos<sup>13</sup> moralistas, profanadores da sua memória e incompletos analistas da sua psicologia.

Já o sorriso desapareceu dos inocentes lábios da menina que, até então, só brincara com bonecas, e algumas lágrimas correm dos seus largos olhos, que fitam o caminho, através da névoa do pranto.

Comovida, a duquesa de Almodóvar<sup>14</sup> tenta distraí-la, gabando-lhe a sina, apontando-lhe a beleza dos sítios que atravessam. Com o rosto escondido entre as mãos, a infanta nada ouve, nada vê...

A princesinha, como todas as crianças, leu contos de fadas e, sob o sol radioso da Espanha, ela sonhou com formosos mancebos, com altezas, de espada em punho e *panaches*<sup>15</sup> de penas frisadas.

– Que figura terá esse homem que ela vai encontrar em Portugal, tão longe dos seus e falando uma língua que não é a sua! – pensa a infanta, enquanto encosta a cabeça no ombro da camareira-mor, a marquesa de San Juan.<sup>16</sup>

E o seu coração infantil, a sua alma, que uma espécie de fatalismo torna sombria, adquire a visão de que não é para a ventura que ela se dirige.

---

<sup>12</sup> Cavalariço. Rapaz que cuidava do palafrem, designação do cavalo em que os soberanos e nobres desfilavam na época.

<sup>13</sup> Dissimulado, hipócrita. Alusão a *Tartufo*, personagem hipócrita da peça *Le Tartuffe*, de Molière (1622-1673).

<sup>14</sup> María Joaquina de Montserrat y Acuña (1751-1807), esposa de Pedro de Góngora y Luján, 1º duque de Almodóvar (1727-1794).

<sup>15</sup> Palavra francesa: penacho. Feixe de penas que serve para enfeitar um penteado, um chapéu ou um capacete.

<sup>16</sup> Florencia Pizarro Piccolomini de Aragón y Herrera, marquesa de San Juan de Piedras Albas (1727-1794).

– Tão novinha! tão pequena! – grita o povo que a vê passar.

– Como é possível que casem tal criança com um príncipe estrangeiro, deixando-a ir para tão longe do seu país e da família! – murmura uma anciã juntando as mãos, num gesto de piedade e de recriminação.

Entretanto, o cortejo avança, ao som das campainhas dos cavalos, ao repinicar dos sinos das igrejas, que atravessa.

A infanta abre, afinal, os olhos, tumefatos de lágrimas vertidas, e, inteligente, vivaz, contempla, curiosa, as cidades por que passa.

Horas depois, pela *Puerta del Sol* entram em Toledo, a cidade histórica, com o seu famoso *Alcazar* e o seu *Cristo de la Véga*, os seus balcões mouriscos, os seus arcos de Triunfo.<sup>17</sup> Fidalgos e belas, entusiasmados, acenam com os lenços à infanta, que, suggestionada pelas vibrantes aclamações, sorri e cora de inconsciente prazer ou de vaidade satisfeita.

É uma simples menina que, pela vez primeira, se vê tomada a sério, recebendo aplausos e lisonjas, contrastantes com a sua idade.

E sempre, sempre, a mesma exclamação irrompe dos lábios da multidão, surpresa e magoada:

– Tão novinha! Parece ter 8 anos! É um crime casarem uma boneca desse tamanho!

Carlota Joaquina não escuta o que murmuram todas aquelas bocas que se escancaram perto dela, mas a expressão dos olhos que a miram não lhe passa despercebida.

Em Toledo, festas e solenidade nas velhas catedrais... Fatigada e surpresa, a infanta, todavia, assiste a algumas, ouvindo os elogios e as demonstrações de pesar da turba, que continua a considerar uma ofensa a Deus os esponsais<sup>18</sup> de tão tenra criança.

---

<sup>17</sup> Toledo é uma cidade da Espanha, cuja fundação remonta ao século V a.c. A autora cita alguns de seus monumentos e arquitetura: a fortaleza de Alcázar (um grande palácio fortificado sobre rochas situado na parte alta da cidade), a ermida do Cristo de la Vega, os arcos da entrada da cidade (Puerta del Sol) e os balcões mouriscos (estruturas de treliças de madeira) que resguardam as janelas das casas.

<sup>18</sup> Contrato ou cerimônia de casamento.

E, desse modo, chega o séquito a Vila Viçosa,<sup>19</sup> onde os grandes castelos surgem em cada canto e onde o povo português se espanta igualmente dos verdes anos de uma infanta, que mais parece uma menina em caminho do colégio do que uma princesa destinada ao leito de uma alteza.

Nesse tempo, Carlota Joaquina era uma pequena desajeitada e tímida, cuja única beleza consistia nuns cintilantes e negros olhos de oriental, com os quais ela observava, ainda que sem experiência, o mundo e as suas criaturas. Essa filha dos Bourbons<sup>20</sup> mostrou depois possuir uma mentalidade bem diversa da lusitana, avessa aos preconceitos, vibrante de sensualidade, aberta ao progresso e, sobretudo, adiantadíssima à época em que viveu, o que a tornou antipática e bom alvo de calúnias e aleives.<sup>21</sup>

Se Carlota Joaquina, infanta da Espanha e rainha de Portugal e do Brasil, tivesse existido no nosso período, nenhuma das desqualidades<sup>22</sup> de que a acusam seria sublinhada de maneira tão torpe para a sua memória, de modo tão covarde pelos seus historiadores.

Era ela inteligente, de bravura sem par, de audácia sem limites e, se má esposa de um homem indolente e pouco limpo, apareceu sempre, no entanto, como mãe admirável dos filhos que deu ao mundo.

Condenam-na por ser feia, tanto como por ser sensual, mas, com as progressivas teorias de hoje, perguntamos nós que culpa lhe cabe nessa falta de beleza e nesse vezo<sup>23</sup> do seu temperamento?

E é injustiça negar-lhe a graça espanhola, esse *donaire*<sup>24</sup> lascivo e gracioso que será, tradicionalmente, o apanágio das mulheres da terra do sol, das guitarras, das artes e das touradas.

---

<sup>19</sup> Vila no distrito de Évora, localizado na região do Alentejo, em Portugal.

<sup>20</sup> *Casa de Bourbon*: família nobre e importante casa real europeia, originária do centro da França. Atualmente, duas monarquias são governadas pelos Bourbon: Espanha e Luxemburgo.

<sup>21</sup> Aleivosias, perfídias, injúrias, calúnias.

<sup>22</sup> Palavra utilizada na época, antônimo de qualidade. Apesar de não constar no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, optou-se pela manutenção do termo conforme o original.

<sup>23</sup> Hábito, costume ou vício.

<sup>24</sup> Galicismo: graça, distinção.

Amou como mulher se, talvez, só foi temida como rainha. Que importa, porém, esses crimes de amor de que tanta carga lhe fazem os tartufos e os moralistas, se ela provou ser mais valente do que o marido, mais sensível do que o mesmo e possuir, diante dos olhos, um horizonte mais largo do que frangos e rapé,<sup>25</sup> únicos enfeites constituindo o visual de D. João VI?

Antônio Ballesteros Beretta,<sup>26</sup> da Real Academia de Madri, escreve, no prólogo do livro de Rubio,<sup>27</sup> sobre Carlota Joaquina:

Documentos esquecidos tantos anos, mostram-nos os segredos da diplomacia da época, entabulando diálogos com outros manuscritos, e, sob uma acerada<sup>28</sup> busca, notamos que as testemunhas são obrigadas a dizer a verdade. Eles nos mostram solapado e pérfido a Linhares,<sup>29</sup> cavalheiresco a Casa Irujo,<sup>30</sup> vil e baixo, o favorito, débil e nulo, o príncipe regente de Portugal, varonil, inteligente e esforçado, Carlota Joaquina. O processo psicológico dos personagens aparece completo e acabado nesses documentos e, como figura que sobressaísse entre as mediócras espirituais da corte brasileira, surge a infanta espanhola, sempre caluniada na sua gestão política e *mal compreendida* por nós outros, se falsificada pelos estranhos.

Foi sempre Carlota Joaquina um formidável pesadelo para os homens que, covardemente, temiam a mulher isolada, apartada da realeza em país estranho, lutando contra a ad-

---

<sup>25</sup> Pó de folhas de tabaco torradas após fermentação, algumas vezes misturado a substâncias aromáticas, usado para inalação, que provoca espirros. Hábito em voga nos séculos XVIII e XIX.

<sup>26</sup> Antônio Ballesteros Beretta (1880-1949), advogado, escritor e historiador espanhol.

<sup>27</sup> Trata-se de Julian Maria Rubio Esteban (18-?-1939), historiador espanhol, em sua obra *La infanta Carlota Joaquina y la política de España en América* (1808-1812), de 1920.

<sup>28</sup> Aguçada.

<sup>29</sup> Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho Teixeira de Andrade Barbosa, conde de Linhares (1755-1812), diplomata e político português, ministro de Estado de D. João VI, considerado um dos principais articuladores do alinhamento aos ingleses e da transferência da corte para o Brasil.

<sup>30</sup> Carlos Manuel Martínez de Irujo y Tacón Erice y Gámiz, marquês de Casa Irujo (1765-1824), diplomata e político espanhol. Embaixador plenipotenciário no Rio de Janeiro, de 1809 a 1812.



versidade em transe de insuperável dificuldade, ainda para um indivíduo de talento!<sup>31</sup>

Vimos, pois, que, viva, a infanta de Espanha, depois rainha do Brasil, aparece sempre como vítima da maledicência tartufista daqueles que a censuraram, ignorantes das suas lutas, impiedosos diante dos seus sofrimentos íntimos, se, desaparecida, ela insiste ainda em ser o assunto predileto dos que, não a tendo compreendido, babujam sobre a sua memória, inventando fatos e circunstâncias que deviam calar por simples respeito à mulher e à morta.

Mas... a ideia do lucro ou da celebridade levam, não raro, as penas e as línguas longe demais e, como da calúnia sempre algum rasto<sup>32</sup> fica, a memória de Carlota Joaquina surge ainda hoje conspurcada<sup>33</sup> e mal definida pelos que a ela se referem desrespeitosos, injustos e... inutilmente agressivos. O rebanho de Panurge<sup>34</sup> da pena e da crítica habituou-se a envilecer a memória da pobre rainha, acusada de crimes que, hoje, constituem, entretanto, o encanto e o triunfo das damas modernas.

Questão de pontos de vista e de sugestões *carneirais*.<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> Ballesteros Beretta, *Prologo*, in Rubio, *La infanta Carlota...*, 1920, trechos da p. VIII. Tradução da autora

<sup>32</sup> Rastro, vestígio, pegada.

<sup>33</sup> Maculada, desonrada.

<sup>34</sup> Panurge (ou Panurgo, em português) é um personagem da obra *Gargântua e Pantagruel* (obra em 5 v., publicados entre 1532 e 1564), de François Rabelais (1494-1553), padre, médico e escritor francês. A expressão “Rebanho de Panurgo” (ou “ovelhas de Panurgo”) refere-se a uma passagem do terceiro livro e designa aqueles que imitam o comportamento alheio.

<sup>35</sup> Como carneiros, aludindo ao mencionado “rebanho de Panurge”.



## CAPÍTULO II

Maria Luísa de Parma, progenitora da infanta Carlota Joaquina, que, mais tarde, seria a esposa do filho de Maria I, a louca,<sup>36</sup> legou muitas das suas taras<sup>37</sup> à menina que, por certa tarde de abril, tomou o caminho de Portugal. Supersticiosa, sensual e dinâmica, a mulher de Carlos IV de Bourbon<sup>38</sup> frequentou assiduamente Cagliostro,<sup>39</sup> ouvindo, deste, sentenças que a perturbaram e a surpreenderam.

Acompanhada do seu favorito Antônio Godoy,<sup>40</sup> depois príncipe da Paz, a princesa consultou, várias vezes, o célebre feiticeiro em Madri, onde, então, ele se encontrava, pedindo-lhe lhe dissesse alguma coisa sobre o destino do seu amante e sobre o da sua filha.

Palpitante e temerosa, ela escutou da boca daquele que se fazia chamar conde de St. Germain, José Balsamo e conde de Stéphanie,<sup>41</sup> palavras que a atordoaram por completo.

– O seu amigo – profetizou-lhe Cagliostro – será ferozmente combatido, tendo de fugir se quiser evitar a morte. O seu palácio sofrerá as mais bárbaras agressões e a sua fortuna cairá por terra.

---

<sup>36</sup> D. Maria I (1734-1816), rainha de Portugal entre 1777 e 1816, apelidada de *A piedosa* e também *A louca*. Mãe de D. João VI.

<sup>37</sup> Neste contexto, refere-se a anomalias ou deficiências transmitidas ou agravadas pela hereditariedade.

<sup>38</sup> No original consta Carlos VI.

<sup>39</sup> Giuseppe Giovanni Battista Vicenzo Pietro Antonio Matteo Balsamo (1743-1795), conhecido por seu pseudônimo “Alessandro, conde de Cagliostro”, viajante, ocultista, alquimista, curandeiro e maçom italiano.

<sup>40</sup> Trata-se de Manuel de Godoy y Alvarez de Faria Rios Sanchez Zarzosa, príncipe da Paz (1767-1851), político, diplomata e militar espanhol, um dos favoritos de Carlos IV de Espanha e de sua esposa, a rainha Maria Luísa de Parma, tendo sido primeiro-ministro da Espanha entre 1793 e 1798.

<sup>41</sup> Outros nomes e títulos utilizados por Cagliostro.

Quanto à infanta, ela representará de rainha sem coroa, de mulher sem amor, de mártir da vida, padecendo ultrajes violentos e injustos ainda depois de morta...

Todavia, Maria Luísa, esquecendo tão sinistras profecias, insistiu em continuar os seus planos, confiante no seu poder e na força da realeza.

Feia, deselegante, com uma dentadura postiça que a obrigava a comer numa sala, separada dos demais, ela se apaixonou ardentemente por Godoy, cuja beleza física a empolgara de tal modo que, sem cogitar nas opiniões do público e na dignidade do marido, ela o fez homem de governo, ao mesmo tempo que *gigolô* de uma alteza.

A infanta Carlota Joaquina contava 8 anos, quando se ajustou o seu casamento com D. João, neto da rainha Vitória de Portugal,<sup>42</sup> e que, nesse tempo, orçava 15 anos!

Completamente ignorante do que aprestavam para ela, tratados políticos e interesses internacionais, a pequena corria, saltava, vivendo a sua existência de criança.

E a tarde em que a mãe, terna, mas autoritária, a avisou de que teria de partir breve para Lisboa, a fim de desposar o príncipe D. João, a menina de 10 anos, magra, tímida e inocente, caiu num grande e clamoroso pranto.

Assis Cintra<sup>43</sup> escreve no seu livro sobre ela:

Efetuados os dois contratos nupciais, através das procurações dadas aos respectivos embaixadores, em Lisboa e em Madri, combinou-se que a apresentação da infanta ao respectivo noivo seria realizada na cidade portuguesa de Vila Viçosa, fronteira da Espanha. Aí, em 8 de maio de 1785, Carlota Joaquina recebia em casamento o príncipe D. João<sup>44</sup> [para desgraça de ambos, acrescento eu].

---

<sup>42</sup> Mariana Vitória de Bourbon (1718-1781) foi a esposa do rei D. José I e rainha de Portugal e Algarves de 1750 até 1777. Era filha de Filipe V da Espanha e de sua segunda esposa, Isabel Farnésio.

<sup>43</sup> Francisco de Assis Cintra (1897-1953), jornalista, professor e historiador. Publicou em 1934 a obra *Os escândalos de Carlota Joaquina*.

<sup>44</sup> O trecho transcrito não corresponde exatamente ao texto original. Conforme Cintra (1934, p. 12), o ano do casamento foi 1775. No entanto, Carlota Joaquina nasceu em 1775 e casou-se aos 10 anos, em 1785. A autora corrigiu o erro do texto de Cintra, ao citá-lo.

E foi assim que a infanta da Espanha começou a obedecer a esse carma de que José Balsamo avisara a mãe da fatalidade... invencível.

Quanto ao amante de Maria Luísa, o famoso príncipe da Paz, que a soberana continuava a cumular de honras e de poderio, o seu fim foi terrivelmente exato ao que lhe profetizara o célebre taumaturgo.<sup>45</sup>

Pérez Galdós,<sup>46</sup> *El Maestro*,<sup>47</sup> como o chamam os espanhóis, na sua admirável obra *Episódios nacionais*, traça, sobre Antônio Godoy, o terrível aventureiro que, durante tantos anos, dominou a Espanha, essa clara condenação:

Tanto favor dispensado a um homem nulo e que, nos atos mais indignos, procurava o objetivo de medrar pessoalmente, causou uma grande aversão e um pesado descontentamento a todos os espanhóis.

A queda de um favorito, que havia desconcertado o erário público e desmoralizado a Justiça, vendendo os destinos, era fatal. E a destruição do seu rico palácio, com a demolição dos seus móveis e preciosidades pelo povo, violento e fazendo justiça por suas próprias mãos, era a resultante segura dos seus atos pérfidos e do seu trato oculto com Napoleão,<sup>48</sup> inimigo da Espanha.

Ele – o privilegiado, o homem cheio de *morgne*<sup>49</sup> e de prestígio – teve de se escapar por uma porta de serviço ou acabaria linchado pela multidão, que não lhe perdoava a torpitude e a traição.<sup>50</sup>

---

<sup>45</sup> Aquele que adivinha, que opera milagres.

<sup>46</sup> Benito Pérez Galdós (1843-1920), escritor espanhol. A obra em referência, *Episodios nacionales*, é uma coleção de 46 novelas históricas escritas entre 1872 e 1912. São divididas em 5 séries e tratam da história da Espanha, de 1805 a 1880.

<sup>47</sup> Palavra espanhola: o mestre, o professor.

<sup>48</sup> Napoleão Bonaparte (1769-1821), estadista e militar francês que se destacou durante a Revolução Francesa. Imperador dos franceses de 1804 a 1814 e por 100 dias em 1815. Sob seu comando o exército francês se envolveu em diversas guerras, chegando a controlar inúmeros países europeus.

<sup>49</sup> Termo não localizado.

<sup>50</sup> Galdós, *La corte de Carlos IV*, 1886, trechos da p. 81 e outros selecionados pela autora.

Foi, pois, em tal ambiente que a infanta Carlota Joaquina se desenvolveu, física e moralmente. E foi daí que, deixando as suas bonecas, embaladas ao som de malagueñas<sup>51</sup> e de seguidilhas<sup>52</sup>, ela se dirigiu, bem longe ainda da puberdade, à cama de D. João, príncipe desagradável, na sua palermice, deselegante, resultado da sua gordura, e pouco sugestionável pelos seus hábitos e pela sua... anatomia.

E bem compreensível nos aparece o asco da menina, inexperienced e pura, diante do arroubo sensual e indelicado do mancebo que, sem mimos nem primícias, tentou desvirginar um corpo, não preparado ainda para o amor... físico.

Escreve um autor francês que a mulher conserva a marca indelevel do primeiro homem que a toma nos seus braços, que a beija nos lábios, que a deita no seu leito. E que, brutal ou fino, ele será sempre o iniciador, perfeito ou rude, da sua vida sensual. Carlota Joaquina, aos 10 anos, foi vítima do atropelo sexual de um príncipe, glutão em todo o gênero de comidas, sem requintes nos seus gestos de marido como nos de comilão, pouco aseado de aspecto, como nada cavalheiroso de maneiras na difícil arte de... amar.

E a infanta da Espanha, mordendo a orelha de D. João e tentando quebrar-lhe a cabeça com um grosso castiçal de prata, na noite de núpcias, não fez mais do que defender-se de um assalto não previsto, de uma ameaça à sua limpeza de menina ingênua, à sua inconcepção<sup>53</sup> de um enlace monstruoso e utilitarista.

A noite caíra de todo sobre Viçosa e os festejos tinham terminado, quando, cansada e sonolenta, Carlota Joaquina se encontrou a sós com o gordo esposo no aposento nupcial. Já a figura, nédia<sup>54</sup> e anafada,<sup>55</sup> do príncipe lhe havia desagradado e a sua gulodice, nas mesas das refeições, lhe tinha arrancado sorrisos de desdém. D. João sempre se serviu dos dedos para levar os manjares à boca e não dis-

---

<sup>51</sup> Malaguenha; canto popular originário da região de Málaga, na Espanha.

<sup>52</sup> Dança popular espanhola em compasso ternário, usualmente com acompanhamento vocal, guitarra e castanholas.

<sup>53</sup> O que é inconcebível.

<sup>54</sup> De aspecto lustroso, devido à gordura.

<sup>55</sup> Balofa, gorda.

farçou os arrotos, se os flatos lhe saíam do estômago. Assim, quando a infanta espanhola, de camisa de seda enfeitada com rendas de Bruxelas, se encontrou, sem a companhia da sua açafata,<sup>56</sup> a condessa de Badajoz,<sup>57</sup> diante do recente esposo, transformado em patrão, que lhe exigia *cousas feias*, em contraste com os seus hábitos e com a sua idade, a princesa usou da sua força física e da sua habilidade dentária, inutilizando ousadias, que lhe vinham melindrar o pudor e a infância.

Pelo belo e elegante Marialva,<sup>58</sup> amigo da condessa de Badajoz, soube-se logo na corte do incidente ridículo, que mereceu tantos risos e galhofas de toda gente. E a brecha, aberta na augusta frente de D. João, foi o alicerce sobre o qual se elevaram depois outros ornamentos, naturalmente resultantes do modo pouco jeitoso com que ele se portara na primeira noite de casamento com uma menina completamente ignorante dos contratos a que a tinham comprometido interesses e ambições... vãs e mesquinhas.

Carlota Joaquina entreviu, pois, o amor, pela vez primeira, através de incidentes grotescos e ofensivos, que a fizeram duvidar da sua realidade e do seu fundo sentimentalismo.

Entretanto, espanhola, voluptuosa e ardente, de uma inteligência superior às da sua época, e de bravura, vencendo às dos cavaleiros do seu tempo, ela foi caluniada pela santa *nitouche*,<sup>59</sup> a famosa duquesa de Abrantes,<sup>60</sup> que a temeu, certo dia, como rival, e pelos diversos pretendentes, que lhe quisera conquistar ilegitimamente a mão de mulher e de rainha. E se o despeito feminino contém muito e forte veneno nos seus detalhes, o dos homens, rechaçado sob aparências de ironia e de falsificação histórica, condenou, até o presente, a rainha de Portugal e do Brasil aos achincalhes dos que, sem

---

<sup>56</sup> Fidalga a serviço de damas da família real.

<sup>57</sup> Não se encontraram referências.

<sup>58</sup> D. Diogo José Vito de Meneses Coutinho, 7º conde de Cantanhede, 5º marquês de Marialva e estribeiro mor (1739-1803).

<sup>59</sup> Jovem ou mulher que se passa por pudica e que, hipocritamente, assume ares ofendidos.

<sup>60</sup> Laure Junot, duquesa de Abrantês (1784-1838), escritora francesa e esposa do general francês Jean-Andoche Junot.

respeito pela morta, que morreu cantando, ultrajam a mulher que sofreu martírios, neste Brasil colonial, de clima tórrido, de escravos catíngudos<sup>61</sup> e de civilização... quimérica e primitiva.

Vinda da Espanha e residente em Portugal, Carlota Joaquina, fugitiva contra a vontade e experimentando a invencível revolta, que lhe inspirava a covardia insensata de D. João, não podia deixar de se sentir mal num Brasil que iniciava, muito lentamente, a sua trajetória na via do progresso.

Imagine-se o que seria a Bahia nesse período, em que a rainha de Portugal nela desembarcou, e estremeceremos... E não ignoramos que o Rio de Janeiro, bem longe de ser a cidade maravilhosa que hoje admiramos, não passava, nesse momento, de um território mal iluminado, malcheiroso, cheio de mosquitos, de pântanos, de negros, de maltrapilhos e de vielas obscuras.

A esposa de D. João VI respirava penosamente em tal atmosfera, abandonada, sem consolo e sem apoio, pelo adiposo e impassível marido, beato sem elevação, que do altar ia para a mesa, decepar frangos com os dedos e fungar rapé depois das refeições.

Supersticioso, fanático e indiferente, D. João não soube guiar a mulher, superior a ele, e, no seu rancor e vaidade feridos, entregou-a à opinião do mundo e à dos historiadores, que, solidários como são os homens entre si, esmeraram-se em cobrir de opróbrios a rainha que agiu e amou à moderna num tempo em que a hipocrisia e a tartufice eram obrigatórias como as... virtudes domésticas não o são atualmente.

Existisse Carlota Joaquina no momento presente, e a todas essas suas desqualidades, há muito tão censuradas ao chicote das penas dos escritores moralistas, seriam rendidas homenagens, sob os títulos e subtítulos de elegâncias, *raffinements*<sup>62</sup> e... fidalguices. E o meu amigo Gastão Penalva,<sup>63</sup> no capítulo do seu lindo livro *Mulheres*, em lugar

---

<sup>61</sup> Fedorentos.

<sup>62</sup> Palavra francesa: refinamentos.

<sup>63</sup> Gastão Penalva (1887-1944), pseudônimo de Sebastião Fernandes de Sousa, militar e escritor carioca, autor de várias obras, entre elas *Mulheres: história e fantasia*, 2 v., de 1942.

de a chamar *Sua Majestade infidelíssima*, intitulá-la-ia “Sua Majestade interessantíssima”.

Mas... é muito mais fácil condenar do que defender e os homens, quando se trata de mulheres, possuem, todos, em geral, as mentalidades fantasistas e agressivas dos acusadores públicos.







### CAPÍTULO III

A imitação e a monotonia têm impulsionado vários escritores a se copiarem uns aos outros, quando se trata de escrever a história de Carlota Joaquina, infanta da Espanha e depois rainha de Portugal e do Brasil. Afastando sempre para o lado a viva inteligência e a personalidade curiosa dessa mulher, eles atacam, infatigáveis e ilógicos, a sua sensualidade e a sua independência, certos de assim agradarem aos virtuosos e aos... falsos castos de espírito ou de matéria. Na intrincada malha dos documentos, na psicologia do ambiente que cercava a infanta, nas intrigas da corte, no exame da duplicidade dos embaixadores da época e, sobretudo, na multiplicidade dos interesses que se agitavam em torno dela, eles só encontram vícios e desqualidades nessa soberana, que intentou viver a sua vida junto de um marido covarde, pouco *seigné*,<sup>64</sup> frouxo e... inexpressivo. Covardemente, copiando-se, repito, uns aos outros, os historiadores, passados e presentes, em gestos rítmicos e fáceis, decidiram enegrecer, perante as gerações, o vulto, heroico e bem feminino, de Carlota Joaquina, crenes de que o mal, dela, dito estaria mais de acordo com a necessidade visceral dos homens, de velarem a superioridade das criaturas, que se elevaram acima do banal, intitulado virtude pelos hipócritas ou pelos tímidos.

Rubio traça, no seu magnífico livro sobre a infanta da Espanha, os seguintes dizeres:

Os historiadores não hão circunscrito os seus ataques a essa mulher ao terreno político; levando, porém, mais longe a

---

<sup>64</sup> Termo não localizado. Possível erro de grafia da palavra francesa *soigné*, que significa asseado.

sua sanha, penetraram na vida privada da infanta, sublinhando com duros traços a sua conduta. Talvez, Carlota Joaquina seja mais uma vítima da legenda negra<sup>65</sup> contra a Espanha, o que, então, era lícito, e da calúnia que deixou sempre rastros indelévels em toda as mentes e em todas as épocas.<sup>66</sup>

Alguns escritores, vivos ou mortos, que dela se ocuparam, atraídos pelo interessante do seu temperamento, vivacidade das suas opiniões, ausência dos preconceitos, que, modernamente, tanto desdenham as homenageadas damas, pegam-se até ao físico da irmã de Fernando VII, declarando-a feia, quase monstruosa e mesmo repugnante. Fazendo dessa falta de beleza mais uma culpa ao cargo da rainha de Portugal e do Brasil, eles a julgaram tanto mais devassa quanto menos bela a censurada se apresenta. Se a infanta possuísse formosura indiscutível, muito pecado lhe seria perdoado, mas a uma criminosa, desprovida de encantos, que espécie de indulgência merecerá ela? E assim, guiados pelas cópias sucessivas, feitas sobre a infeliz Carlota Joaquina, lá vão os juízes, de pena e papel, traçando, sobre a criatura que eles não podem julgar, sentenças absolutas, vexatórias, desrespeitosas e falsas! Desse modo, Savine,<sup>67</sup> inspirado na mentirosa duquesa de Abrantes,<sup>68</sup> defensora tenaz do marido, que, entretanto, se apoderou indevidamente de várias riquezas nos saques de guerra, escreve:

A princesa do Brasil tinha apenas cinco pés na parte mais alta do seu corpo. Parece que, resultante de uma queda de cavalo, se lhe havia partido um quadril, o que a fazia coxe-ar. E o seu ombro esquerdo, sofrendo o mesmo choque,

---

<sup>65</sup> A *legenda negra espanhola* é uma teoria historiográfica que defende a existência de propaganda antiespanhola e anticatólica desde o século XVI, sendo, originalmente, uma arma política e psicológica utilizada pelos rivais da Espanha do norte da Europa.

<sup>66</sup> Ballesteros Beretta, Prologo, in Rubio Esteban, *La infanta Carlota...*, 1920, p. VIII. Tradução da autora. A última frase não consta do trecho original citado.

<sup>67</sup> Jean-Louis Albert Savine (1859-1927), escritor francês. Organizou a obra *Le Portugal il y a cent ans; souvenirs d'une ambassadrice*, publicada em 1912.

<sup>68</sup> A duquesa de Abrantès publicou *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 à 1811*, em 1837.

era igualmente contrafeito. O busto da princesa era também um mistério da natureza, que se havia divertido em deformá-la. A cabeça teria conseguido remediar a essa deformidade, se não fosse a mais monstruosa que houvesse passeado pelo mundo. Os olhos eram pequenos [falsidade providíssima] e mui juntos. O nariz, pelo hábito de andar ela à caça e ao ar livre, surgia vermelho e inchado como o de um suíço e a boca, *a parte mais repugnante dessa figura repelente*, era guarnecida de várias fileiras de dentes negros, grandes e amarelos, colocados obliquamente como um instrumento composto de diversos canudos de diferentes dimensões. A pele mostrava-se rude e curtida e, nela, abundavam as espinhas, quase sempre em supuração, o que tornava o rosto da princesa francamente asqueroso. As mãos, disformes e negras, colocadas no final dos braços (naturalmente), enquanto os cabelos, pretos e ralos, hirsutos e de vários coloridos, nunca tinham sido domados por nenhum pente ou escova.<sup>69</sup>

Esse retrato, que não corresponde a nenhuma verdade, mas que responde ao ódio da duquesa de Abrantes por Carlota Joaquina, que, em certo momento, interessou ao marido, prova bem a falta de escrúpulos femininos em se tratando de uma rival, porquanto outros escritores, mais benévolos, como Giedroye,<sup>70</sup> afirmam que, sem possuir a beleza da sua raça, a infanta não era, todavia, desprovida *de graças e de encantos*, o que desmente as asserções de Savine e da duquesa, *parvenue*<sup>71</sup> cuja opinião serviu de base ao primeiro para que ele desse errada e maldosamente a sua. E, depois desses dois, quantos historiadores têm continuado a dizer o mesmo que eles disseram, empurrando a verdade e servindo-se da mentira, que, como uma pe-

---

<sup>69</sup> Abrantès; Savine, *Le Portugal...*, 1912, trechos das p. 112-114. Tradução e grifos da autora.

<sup>70</sup> Romuald Władysław Giedroyc (1842-1899), príncipe e escritor russo, autor de várias obras históricas. O trecho citado (e traduzido) pela autora é de *Resumé de l'histoire du Portugal au XIX siècle*, 1875, p. 6.

<sup>71</sup> *Parvenue* é uma expressão francesa para a pessoa que ascendeu a uma classe socioeconômica melhor. No caso, pessoa que chegou à nobreza sem tradição familiar ou hereditariedade. Remete à ideia de alpinista social; novo rico.

dra atirada à água, abre círculos que se têm ido alongando e alargando até o presente?! Mas... continuemos.

A noite caía sobre Viçosa e os ruídos da festa se iam afastando ao longo das ruas, quando do aposento onde se tinham recolhido D. João e Carlota Joaquina partiram gritos de socorro, gemidos de dor.

– Depressa, o cirurgião-mor – gaguejava um laçao que ouvira esses clamores. – O príncipe está morrendo. Acudam-no depressa.

E, de súbito, o corredor encheu-se de gente, alarmada e curiosa, que a presença do cirurgião-mor, gordalhudo e vermelho, dizimou por momentos, visto que, atrás dele, ela se reuniu novamente, compacta e murmuradora.

Que teria sucedido? Morrera, de fato, D. João ou teria sido simplesmente vítima de um desmaio, causado pela muita comida que ingerira ou pelo muito vinho que engorgitara?<sup>72</sup> Ou talvez fosse a princesa, coitada, que não suportara, tão criança, os embates do casamento?

O caso é que, atrás da porta cerrada, sucedia um drama, drama este de que somente o cirurgião, o felizardo, era sabedor. E homens e mulheres, fidalgos e laçaios, num atropelo curioso, se empurravam, se interpelavam, se respondiam, separadas todas as distâncias sociais pelo anseio invencível de conhecerem a verdade.

De repente, forçando a multidão, surge a condessa de Badajoz, que, pálida e autoritária, bate à porta, que se abre diante do seu forte gesto e do seu grito de que é a açafta da princesa e que quer entrar.

E, atrás dela, os murmúrios se alteiam, os olhares se esgueiram e alguns risos, rapidamente sufocados, se fazem escutar.

– Que houve, santo Deus, que houve? – perguntam-se, com sofreguidão, uns aos outros.

O pavilhão cerrado guarda o seu segredo e, somente à saída do cirurgião-mor, risonho e com expressão de malícia no rosto, a turba adquire a impressão de que o sucesso é mais cômico do que trágico. Pela manhã, porém, o fato é revelado ao público na sua íntegra e nos seus menores detalhes.

---

<sup>72</sup> O mesmo que ingurgitar; engolir sofregamente e em grande quantidade.

Fazia a noiva a sua oração da noite em camisa e ajoelhada, quando irrompe pelo quarto, esbaforido e suado, o príncipe lusitano, a fim de usar dos seus direitos de marido. E, sem preâmbulos nem diplomacia, quer apoderar-se vivamente da infanta espanhola, que ignora ainda em que consiste o amor à portuguesa. Tentava o príncipe, vermelho e brutal, erguer-lhe a longa camisa de seda branca, quando Carlota Joaquina, irritada e medrosa, chama-o, no seu idioma natal, de *perro*<sup>73</sup> indecente e, para defender-se, morde-lhe a orelha com toda a força dos seus dentes.

D. João grita, afasta a esposa, mas, decidido a vencer, agarra-a, violentamente, pela cintura, o que faz com que a infanta, dos seus braços livres, se apodere de um castiçal de prata e, com ele, quebre a fronte promissora do homem que não aprendera a branda arte de amar... princesas.

Toda Viçosa soube do acidente e, lamentando D. João, que, no dia seguinte, se apresentou com parchos<sup>74</sup> na orelha e na cabeça, celebrou Carlota Joaquina, que, embora criança, agira como mulher, vendendo caro e com sangue a sua virgindade, a sua posse.

E, entre cochichos e risos, a viagem continuou, reinando rancor silencioso entre o príncipe, ferido e trombudo, e a princesa, intacta e sorridente.

Desse modo, ridícula e parva, iniciou-se a vida conjugal da infanta da Espanha com um príncipe que, desde a primeira noite, se mostrara um pobre homem, desprovido de diplomacia amorosa e... vencido... no seu papel de esposo.

---

<sup>73</sup> Palavra espanhola: cachorro.

<sup>74</sup> Pequeno pano embebido em alguma substância que se aplica para aliviar a dor; emplastro, parche.





## CAPÍTULO IV

O crítico momento em que Napoleão decidiu invadir Portugal<sup>75</sup> provou com perfeição a superioridade de Carlota Joaquina sobre João VI. Portugal era então a débil embarcação que, encadeada à Inglaterra, tinha de lhe sofrer os comandos, hesitando, cavilando<sup>76</sup> em frente de uma situação, que lhe parecia insustentável, visto que se traduziu na fuga da corte portuguesa<sup>77</sup> para a colônia do Brasil.

Durante as discussões havidas a esse respeito entre D. João VI e sua esposa, a cólera e o desprezo de Carlota Joaquina pelo marido atingiram o seu apogeu.

– Como, João, é possível que penses em fugir como um frouxo e como um covarde? – dizia esta última, torcendo as mãos, cheias de joias, diante dos olhos piscos<sup>78</sup> do soberano, amedrontado com o seu gesto violento e impulsivo.

– Que fazer, então, mulher? – respondia D. João, tomando uma pitada de rapé, com tamanha tremura nas mãos gordas, que metade do tabaco caía-lhe sobre a roupa, já semeada de várias manchas.

---

<sup>75</sup> Em 27 de outubro de 1807 é assinado o Tratado de Fontainebleau, entre França e Espanha, que permite a passagem das tropas francesas pelo território espanhol, a fim de invadir Portugal, e sua posterior divisão entre os dois países. Com a assinatura do tratado, as tropas de Napoleão entram na Espanha e seguem para Portugal, conseguindo chegar a Lisboa em 30 de novembro de 1807.

<sup>76</sup> Cavilar: usar astuciosamente de sofismas, pretextos, subterfúgios.

<sup>77</sup> A corte portuguesa, com todo o aparato administrativo-burocrático, embarca para o Brasil em 29 de novembro de 1807. A comitiva, de cerca de 12 a 15 mil pessoas, partiu em mais de 30 navios, escoltados pela armada britânica.

<sup>78</sup> Que piscam com frequência.



– *Títtere!*<sup>79</sup> *cobardón!*<sup>80</sup> – gritava em espanhol Carlota Joaquina, andando de um lado a outro do aposento. – Não compreendo que sejas um homem! – acrescentava ela em um português acastelhano, que soava como chicotadas ao infeliz que a ouvia. – Não passas, como se diz na minha terra, de um *Juan lanas!*<sup>81</sup> Vou-me embora, não suportando mais discussões dessa ordem... Um rei que foge não merece a coroa...

E, arrebatada, vermelha, Carlota Joaquina abandona a sala, onde o rei permanece mais algum tempo, sorvendo pitadas de rapé, muito murcho e fitando o assoalho, na esperança de recuperar uma energia que jamais possuiu.

Resolveu ele, pois, continuar uma política de temporização, balançando-se entre a França e a Inglaterra, quando Napoleão, apercebendo-se da fraqueza de Dom João, apertou as suas exigências, tornando impossíveis, desse modo, as suas ambiguidades e as suas perfídias.

E, diariamente, discussões terríveis se entabulavam entre D. João e Carlota Joaquina, o primeiro amedrontado e a segunda valerosa e destemida, julgando uma infâmia abandonar-se Portugal à sua sorte.

Uma noite de grossa tempestade, em que relâmpagos lívidos ou fulgurantes cortavam o céu lusitano, a infanta espanhola foi procurar o esposo real, na intenção de o demover do seu propósito de fuga, vergonhosa e triste.

Sentado numa cadeira de alto espaldar e de estofos escarlate, onde se salientavam os ouros dos ornatos, D. João VI, de cabeça baixa e dedos entrelaçados, escutava, mais uma vez, a mulher, que, finalmente,<sup>82</sup> quase soluçante, lhe falava ora em castelhano, ora em mau português:

---

<sup>79</sup> Fantoche, marionete. Pejorativamente, pessoa que se deixa manejar por outrem.

<sup>80</sup> Palavra espanhola: aumentativo de covarde.

<sup>81</sup> Expressão espanhola: *Juan lanas*: homem de pouca personalidade ou valia.

<sup>82</sup> Agitada, trêmula.

– Não é possível que pretendas escapar-te, quando a tua Pátria vai ser invadida pelo inimigo, João! Lutemos contra Junot<sup>83</sup> e, com a ajuda de Deus, venceremos! Os portugueses são valentes, corajosos e provados. Tentemos, pelo menos, a defesa, *hombre!*<sup>84</sup>

Mudo, com os olhos pregados no chão, ele não respondia, representando a estátua da inércia, sob a sua forma mais balofa e irritante.

Carlota Joaquina, agora de pé e debruçada sobre o marido acachapado e absorto, interrogava-lhe, febrilmente, a fisionomia inexpressiva, na sua cerração de estupidez absoluta.

– *Entonces, que dices?*<sup>85</sup> Permaneces na tua vil intenção de fugir? Que dirão de ti o teu povo e a história, João?

– Que posso eu te responder, mulher, se estou acuado como um pobre animal? – responde, enfim, D. João, erguendo as vagas pupilas do assoalho e fixando-as na esposa. – A Inglaterra ameaça bombardear Lisboa se não embarcamos para o Brasil e o exército francês avança cada dia mais... O embaixador inglês propôs-me enviar a sua esquadra à Inglaterra ou empregá-la em nos levar ao Brasil, enquanto Sir Sidney Smith<sup>86</sup> declara bloqueadas as nossas costas... Como doarmos esse destino que se mostra tão adverso para nós?

– Ficando aqui e cumprindo o nosso dever – replicou Carlota Joaquina com grande majestade no tom e nas maneiras.

– Nunca! – gritou o príncipe regente, sacudindo os ombros e procurando levantar-se da cadeira, a fim de terminar com aquela inútil discussão, que o aborrecia até o bocejo.

– Podes, então, partir sozinho, porque eu não te acompanho – declarou, preemptória, a princesa de Portugal, batendo com os pés no chão.

---

<sup>83</sup> Jean-Andoche Junot, Duque de Abrantès (1771-1813), militar francês. Encarregado por Napoleão da invasão de Portugal em 1807.

<sup>84</sup> Palavra espanhola: homem.

<sup>85</sup> Frase espanhola: *Então, o que dizes?*

<sup>86</sup> William Sidney Smith (1764-1840), almirante inglês, responsável pela escolta da família real portuguesa ao Brasil e articulador da tentativa de regência de Carlota Joaquina no Vice-Reino do Rio da Prata.

– Meu Deus! – soluçou D. João, cobrindo o rosto com as mãos sujas. – Não me aumentes o desespero, Carlota! Bem vêes que isso não é possível!

Uma forte rajada de chuva, batendo na janela, abafou os gemidos do príncipe e desviou a atenção de Carlota Joaquina. E, de súbito, soou um grito agudo, um apelo angustiado, que fez estremecer os príncipes regentes.

Era D. Maria, a louca, que, aterrada pelos ruídos da tempestade, urrava de medo, procurando fugir aos cuidados das suas açaфatas.

D. João empalideceu e, vencendo a sua preguiça, abandonou vivamente o assento em que estivera tanto tempo como colado a ele e, empurrando Carlota Joaquina, correu, sustentando o largo ventre, a ver o que sucedera à mãe louca.

Sozinha, na sala mal iluminada e tétrica, a filha de Maria Luísa de Parma ficou-se um instante, absorvida nos seus pensamentos.

Teria decididamente de ir para essa colônia de Portugal, longe, muito longe da sua Espanha e dessa doce Lusitânia,<sup>87</sup> que ela já começara a adorar como sua segunda Pátria. D. João não era homem e ela era uma simples mulher. Fugir? Nunca que uma espanhola, da raça das mulheres de Cid, o Campeador,<sup>88</sup> compreenderia tão vergonhosa farsa!

E, bombardeando a poltrona, onde o marido estivera sentado, com um furibundo olhar de desprezo, ela abandonou o aposento, fazendo vibrar no corredor o barulho ritmado dos saltos das suas chinelas vermelhas.

Entretanto, o exército francês continuava a invadir o território lusitano e a corte portuguesa tinha que tomar uma decisão qualquer e executá-la.

---

<sup>87</sup> Na Antiguidade, era o nome atribuído ao território oeste da Península Ibérica, atual Portugal.

<sup>88</sup> Rodrigo Díaz de Vivar (1043-1099), mais conhecido por El Cid (do mourisco *sidi*, “senhor”) e de Campeador (campeão), foi um cavaleiro espanhol do Reino de Castela, um dos maiores guerreiros da Idade Média, eternizado como um herói a serviço dos reis cristãos.

O príncipe regente reuniu pela última vez o Conselho do Estado,<sup>89</sup> ficando resolvida definitivamente a partida da corte para o Brasil. D. João, com a sua voz rouquenha, explicava a toda a gente os motivos da sua partida e, numa proclamação ao povo, declarava a necessidade insuperável dessa fuga, *aconselhando-o a que não fizesse nenhuma resistência aos franceses*. Nomeou, em seguida, um Conselho de Regência,<sup>90</sup> composto de sete membros, incumbido de governar o país durante a sua ausência, e, muito satisfeito, ainda que temeroso de Carlota Joaquina, começou a pensar na viagem.

A confusão que reinou em Lisboa ao saberem, os portugueses, do abandono do príncipe regente foi indescritível... E mais terrível ainda foi a cólera de Carlota Joaquina ao ser informada por D. João, estarrecido e trêmulo, do inevitável dessa fuga, que a transportaria para um local desconhecido, habitado por negros e desprovido de toda e qualquer civilização.

Nesse dia, a infanta da Espanha chorou como uma verdadeira criança. A ideia de que a poderiam chamar, mais tarde, de covarde fujona crispava-lhe os nervos e enlouquecia-lhe a mente. E, mais uma vez, a espanhola, inteligente e heroica, lamentou o seu matrimônio com um príncipe fraco, comilão e sem energia, monarca que, sem linha, sem elegância, sem nenhuma espécie de coragem, entregava os seus súditos e a sua terra ao furor e à autoridade dos inimigos.

Rubio escreve sobre a manhã dessa triste partida, em que um soberano, descendente de tantos bravos portugueses, vencedores de batalhas célebres, se escapava sorrateiramente do seu palácio, dirigindo-se a bordo de um navio à vela, a fim de se desembaraçar da responsabilidade de uma luta, de fugir aos perigos de uma invasão:

---

<sup>89</sup> Instituído em Portugal em 1562, com caráter exclusivamente consultivo para apreciação dos assuntos da escolha do monarca. A reunião mencionada pela autora ocorreu em 24 de novembro de 1807. Os membros do Conselho prosseguiram suas atividades no Brasil.

<sup>90</sup> Pelo decreto de 26 de novembro de 1807, D. João VI nomeia um Conselho de Regência para governar Portugal durante sua ausência.

Belo e sereno amanheceu o dia 27 de novembro de 1807, mudando logo em sombrio e chuvoso, tal qual a situação de Portugal. Grupos errantes de pessoas vagavam desde o amanhecer pelas ruas e praças de Belém, notando-se, em todas as fisionomias, sinais claros do desespero em que ficava o povo com a partida da corte.<sup>91</sup>

No interior do palácio real, Carlota Joaquina, com o rosto decomposto pela angústia e pela cólera, dava as suas ordens, vociferando em castelhano contra a Inglaterra, contra Junot, que a iludira com falsas promessas, contra o marido, que a envergonhava, e contra o Brasil, aonde tinha de ir, malgrado a sua repugnância, a sua vontade de regente e a sua coragem de espanhola...

---

<sup>91</sup> No original lê-se “1817”. No trecho citado (Rubio, *La infanta Carlota...*, 1920, p. 4) consta 1807.



## CAPÍTULO V

Entretanto, ainda antes da invasão napoleônica, nem por isso a vida conjugal de Carlota Joaquina com D. João VI fora de rosas. Ligada a um príncipe moroso, amador de cantochões, de rapé e de padres, no meio de uma corte que não a compreendia, a infanta da Espanha, melancólica, com a nostalgia da pátria querida, levava uma existência em contraste com a sua extrema juventude e mentalidade de castelhana. E, enquanto em Queluz<sup>92</sup> a rainha D. Maria delirava de fanatismo religioso aos pés de Frei José Maria<sup>93</sup> e junto ao vasto oratório, onde as mais diversas imagens de santos se acotovelavam, a esposa de D. João VI tentava divertir-se em Queluz, rodeando-se de raparigas andaluzas e de Antonita, a sua dançarina predileta. Os cortesãos de casaca encarnada e perucas coloridas flertavam com as açafatas, tornadas sentimentais ao plangente<sup>94</sup> dos fados<sup>95</sup> entoados pelos guitarristas de Alfama,<sup>96</sup> que enchiam o silêncio das tardes de Portugal com os sons repinicados dos seus instrumentos. Sentada sobre tapetes luxuosos, com as pernas cruzadas como uma soberana moura, Carlota Joaquina olvidava um pouco o seu exílio e o seu triste matrimônio escutando as risadas cristalinas das quarenta moças que

---

<sup>92</sup> O Palácio Nacional de Queluz, também designado por Palácio de Queluz e Palácio Real de Queluz, é um palácio do século XVIII localizado na cidade de Queluz, próximo a Lisboa.

<sup>93</sup> D. José Maria de Mello, bispo do Algarve (1756-1818), padre português, foi inquisidor geral, confessor da rainha Dona Maria I e presidente da Junta do Melhoramento das Ordens regulares no final do século XVIII.

<sup>94</sup> Triste, choroso.

<sup>95</sup> Canções populares de Portugal, geralmente em tom de lamentos, acompanhadas por guitarra.

<sup>96</sup> Bairro localizado na cidade de Lisboa.

lhe faziam companhia, procurando desviar-lhe o pensamento do que se passava longe dela.

Às vezes, não raro, nas visitas da rainha louca a Queluz, onde, de dia e de noite, se ouvia o seu angustioso “Ai Jesus!” e os seus gritos de terror do inferno, a pobre princesa de Portugal ordenava que se cantasse e se risse mais alto, a fim de que ficassem abafados os clamores e os gemidos da demente.

Estava certa do desamor do marido, da desconfiança da corte portuguesa para com ela, da solidão de alma a que era condenada. E, dessa grande necessidade de afeto e de fusão, originaram-se alguns dos erros de que a culpam os homens, sempre intransigentes para as mulheres e estas sempre intolerantes para as do seu sexo.

Nessas tardes serenas de Queluz, tardes de pastoral<sup>97</sup> e de minueto,<sup>98</sup> entre as jaquetas verdes dos filhos dos marqueses do reino, que, com as suas graças de efebos<sup>99</sup> e galanterias de fidalgos, se faziam querer das jovens castelhanas, vindas no séquito de Carlota Joaquina, ainda mais sedenta de carinhos e de amor se tornava a alma dessa mulher vibrante e sensualista, que trouxera para Portugal, para a Corte, onde viviam uma soberana louca e um homem pasmado, sujo e clerical, um espírito cheio de sol, de ardor e de ansios.

Porque, se risonha, fremente, ela palpitava, nessas horas vesperais, por qualquer cousa que não possuía, bem longe dos tapetes, onde se acorava como uma odalisca, D. João VI, tomando rapé, apostava com Beckford<sup>100</sup> e D. Pedro, o último Marialva,<sup>101</sup> uma corrida de gamos velozes, que galopavam pelas avenidas solitárias do palácio.

---

<sup>97</sup> Música de temática idílica ou pastoril.

<sup>98</sup> Dança da aristocracia francesa, leve, graciosa e solene.

<sup>99</sup> Homens de pouca idade; mancebos.

<sup>100</sup> William Beckford (1760-1844), aristocrata, romancista e político inglês, muito popular entre a nobreza de Portugal, onde viveu por alguns anos antes da invasão francesa.

<sup>101</sup> D. Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho, 6º marquês de Marialva e 8º conde de Cantanhede (1775-1823), foi um nobre e militar português. Serviu como conselheiro de Estado e estribeiro-mor de Dom João VI.

E, quando o sol se ocultava no horizonte, a infanta, vendo-se sozinha com Antonita e ao respirar a fragrância do bosque a se imobilizar para a noite, dizia sempre:

– Ah! Antô, o céu parece-se com o da Espanha, mas não é o nosso... Gosto de Portugal; adoro, porém, a minha Pátria... Que estarão fazendo meu Pai e minha Mãe a essa hora?

E os seus largos olhos negros subiam ao espaço, na intenção de ler nas suas páginas escuras o que se passava longe dela.

Muitas vezes, lágrimas saltavam involuntárias das sombrias pupilas da princesa, que se lastimava:

– Não me amam aqui... Sempre tão só, sempre a desejar um coração que bata com o meu. Sou bem infeliz, Antô, mais infeliz do que tu, que és livre e não és princesa!

E, enquanto Carlota Joaquina padecia, fatigada do isolamento, com o coração a pedir-lhe afeto, ardência de amor e carinhos, escutava-se ao longe as músicas sacras que D. João VI fazia tocar para o seu regalo e a voz chorosa da sogra a clamar: “Ai Jesus! ai Jesus! que vou para o inferno!”

Às vezes, a fim de mudar a monotonia de uma existência, tão em contraste com a sua mocidade, a infanta acompanhava o marido às caçadas, montando a cavalo como homem, o que lhe arrecadou as censuras de Laura Junot. Vestia, nessas horas, uma roupa bizarra de cor verde-claro, domando o ginete<sup>102</sup> bravio com as mãos seguras e os joelhos firmes. Não lhe perdoavam, na corte portuguesa, a ausência do fato de amazona,<sup>103</sup> habitual nas senhoras da época, constituindo isso mais uma crítica às modalidades de vida de Carlota Joaquina.

Pedro Calmon<sup>104</sup> escreve no seu livro *O rei do Brasil*: “Beckford, porém, jamais olvidaria o aspecto contraditório daquele Versalhes peninsular, em cujos pátios iluminados uma infanta adolescente vivia

---

<sup>102</sup> Cavalo bem proporcionado, adestrado e de boa raça.

<sup>103</sup> Roupa, indumentária apropriada para uma mulher cavalgar.

<sup>104</sup> Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (1902-1985), professor, político e historiador brasileiro. Entre outras obras, publicou *O rei do Brasil: vida de D. João VI*, em 1935, muito utilizado pela autora.



pitorescamente e em cujos varandins<sup>105</sup> sombrios a loucura e a astúcia se abrigavam, transidas de sustos.”<sup>106</sup>

As noites, sobretudo, eram terríveis para a menina, vinda da bela e bravia Espanha, que, na idade da alegria, se encontrava entre as paredes sinistras de um paço<sup>107</sup> silencioso ou ecoante de gemidos tétricos e lancinantes. Como fantasma amedrontada, ela errava pelas salas, que velas de cera, enfumadas, tristes, como círios mortuários, iluminavam, apertando, com dedos trêmulos, o seio pequenino que arfava de terror. E, não raro, procurando o esposo para a consolar e a socorrer, deparava-o de joelhos a orar, com a fisionomia cerrada e com o gesto brutal de quem repele uma intrusa ou uma indesejável.

O medo arrancava-lhe, então, chispas<sup>108</sup> dos grandes olhos, que se pousavam frementes em torno de si. Corria às janelas, e as sombras, enchendo o parque, pareciam-lhe ainda mais ameaçadoras do que as chamas fúnebres das velas a arderem crepitantes nas vastas salas do paço.

Que viera ela fazer nesse lindo Portugal, onde, porém, se sentia tão abandonada e tão distante dos seus? Triste destino o dela! E os seus suspiros, através do espaço, cruzavam-se com os de D. Maria I.

Só se aplacou quando, em 1793, lhe nasceu a primeira filha, a infanta Maria Teresa,<sup>109</sup> que foi o raio de sol da sua vida de exilada.

Depois, vieram outros filhos, frutos de um consórcio tão dispartado, de uma aliança de caracteres tão contrastantes, que se repeliam natural e logicamente.

---

<sup>105</sup> Pequenos terraços gradeados; sacadas.

<sup>106</sup> O trecho, retirado da obra de Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 50-51, apresenta algumas diferenças em relação ao original. Por exemplo, em vez de “vivia pitorescamente” consta “vivia com estrondo a sua alegria”.

<sup>107</sup> Palácio; habitação suntuosa para a realeza.

<sup>108</sup> Manifestação intensa e brilhante de um sentimento, de uma ideia; centelha, lampejo.

<sup>109</sup> Maria Teresa de Bragança (1793-1874), primogênita de D. João e D. Carlota Joaquina. Em 1810 casou-se com o infante Pedro Carlos de Espanha e Portugal, de quem enviuvou em 1812.

Carlota Joaquina é, pois, uma vítima dos historiadores, que não circunscreveram, escreve Rubio, os seus ataques ao terreno político, mas a tornaram uma espécie de heroína das lendas negras, uma maneira, naquele período, de se vexar a Espanha. E o interessante é que os seus inimigos, passados e presentes, fazem-lhe uma injúria da sua falta de atractivos físicos, como se, bela, a sua ausência de virtude fosse mais compreendida e... perdoada.

Na vida dessa mulher, inteligente, enérgica, ambiciosa, vida ao lado de um marido remelento, guloso e astuto, dessa mulher vinda da Espanha em tenros anos para Portugal, nota-se a procura instintiva ao amor e à satisfação de uma vontade máscula e continuada.

Hoje, Carlota Joaquina seria uma criatura superior, um espírito invulgar, uma dama interessantíssima.

Naquele tempo, sem electricidade, sem aviões, sem rádios, sem telégrafo, sem autos, essa infanta, nascida fora da sua época, que tentava olvidar a vida que a má sorte lhe deparara por meio do desperdício de carinhos, de dinamismo e de inteligência, surge como uma tarada, uma excêntrica, uma fêmea, indisciplinada e dissoluta.

A princesa de Portugal admirava a força e detestava a pusilanidade e, devido a isso, era tida naquela corte, clerical e beata, por criatura sem princípios e sem religião.

E, em muitas ocasiões, palestrando com o elegante Marialva, sob a copa das árvores de Queluz, que, à noite, lhe incutiam tanto horror pelas trevas acobertadas, ela lhe dizia na sua doce e ardente língua castelhana:

– Esse formoso céu de Portugal, que tanto se assemelha ao da Espanha, ainda de mais tristeza me enche o coração. Sinto-me tão pequenina debaixo dele!

E como Marialva sorrisse do seu sorriso lisonjeiro de fidalgo cortesão, Carlota Joaquina acrescentou:

– D. João esquiva-se ao meu carinho como se esquiva às conversas sobre política. As distrações, aqui, são nenhuma e as hostilidades muitas. Os prazeres do príncipe são missas e caçadas nas charnecas

do Alentejo<sup>110</sup> e nas tapas de Mafra.<sup>111</sup> E eu? Que fazer numa terra em que tudo e todos me são hostis?

– Vossa Alteza se ilude pensando desse modo – replicava Marialva, curvando-se com graça diante da princesa.

– Infelizmente, não me engano. Sou espanhola e isso é bastante para que em Portugal não me suportem.

D. Pedro procurava não anuir aos ditos da infanta, que, melancolizada, oferecia, no rosto, uma maravilhosa expressão de dor.

– Leio muito – continuava a infanta – e oro, mas o silêncio e a tristeza dessa corte irritam os meus nervos de mulher jovem e enérgica. Olhe, marquês: até as flores são minhas inimigas neste país. Ontem, querendo colher algumas rosas para colocá-las sobre os meus cabelos, senti os meus dedos cheios de sangue. Eram os seus espinhos que me tinham dilacerado a pele!

E, mostrando ao marquês as mãos, que ela possuía claras e bonitas, mostrou-lhe também os arranhões que as maculavam.

Entretanto, se, em Portugal, Carlota Joaquina se sentia pouco amada, em Espanha o seu prestígio era imenso, explicando isso o grande número de adeptos que ela juntou em torno de si.

Culta, bem-educada e mãe solícita, Carlota Joaquina não merece, como veremos mais tarde, os achincalhes com que alguns néscios historiadores a cobrem.

Ao lado de D. João VI, ela foi de uma outra humanidade, de uma época diversa da dele. E a prodigiosa atividade que ela dispendeu em favor de objetivos, aliás admiráveis, demonstra, cabalmente, o vigor da sua inteligência, a largueza da sua capacidade.

---

<sup>110</sup> Terreno árido, não cultivado, onde crescem plantas rasteiras e silvestres. No caso, na região de Alentejo, situado no centro-sul de Portugal.

<sup>111</sup> A Tapada Real de Mafra, criada em 1747, no reinado de D. João V, é uma mata cercada que servia ao lazer, especialmente para a caça esportiva da família real e da nobreza. Ficava ao redor do Palácio de Mafra, situado no município de Mafra, distrito de Lisboa. O Palácio de Mafra é um enorme complexo arquitetônico, constituindo-se de um palácio real com uma basílica integrada, uma biblioteca e um convento. Atualmente é denominado Palácio Nacional de Mafra.

Documentos indiscutíveis provam também que o governo lusitano se preocupou deveras com a tenacidade de Carlota Joaquina e que a sua intervenção nos assuntos políticos foi de importância e de alcance.

Figura saliente dessa época, em que o marido se ocultava entre as batinas dos padres e os ruídos do cantochão,<sup>112</sup> Carlota Joaquina, infanta da Espanha, atraiu sobre a sua cabeça a maledicência injusta e a calúnia torpe dos que não respeitam a inteligência nos vivos nem nos mortos.

---

<sup>112</sup> Canto tradicional da liturgia católica ocidental.





## CAPÍTULO VI

Quando Carlota Joaquina compreendeu que o esposo fugiria inevitavelmente diante das forças de Junot, ela sentiu ferver-lhe nas veias o sangue espanhol. E, até a última hora, a princesa combateu esse projeto, tentando evitar essa escapada, que lhe parecia covarde e iníqua.

Durante a viagem no famoso navio inglês, soturna e revoltada, ela padecia as mais terríveis dores. D. João, nascido numa época de tristeza invencível e criado numa atmosfera de falsa humildade dos fidalgos do tempo, não experimentava a mesma sensação que a mulher. Indiferente, calmo e impassível, o príncipe, levando a mãe louca no bojo do navio, considerava justo e correto abandonar Portugal à sanha dos invasores.

Pedro Calmon, no seu livro *O rei do Brasil*, diz:

D. João, educado religiosamente, temia toda atmosfera de pecado. Se tivesse o pé de Pompeu,<sup>113</sup> patejaria nas lajes de Mafra,<sup>114</sup> acordando as legiões que socorressem Luiz XVI.<sup>115</sup> *Vótava à Espanha um rancor atávico.*<sup>116</sup> E a mulher, leviana e ambiciosa, não conseguira conciliá-lo com a intriga de Madrid: previa-lhe as insídias. Todos o menosprezavam, porque o tempo exigia príncipes fortes, e ele vinha, filho segundo

---

<sup>113</sup> Pompeu (106-48 a.c.), cônsul romano, afirmou que poderia derrotar César e alistar seus exércitos apenas batendo os pés no solo italiano.

<sup>114</sup> Pedras do Palácio/Convento de Mafra, município de Portugal.

<sup>115</sup> Luiz XVI, rei da França e Navarra (1754-1793). Deposto durante a Revolução Francesa em 1792 e executado no ano seguinte.

<sup>116</sup> Avoengo; ancestral.

que não nascera para reinar, dos corredores conventuais, onde se entoava o mais solene cantochão da cristandade. Carlota Joaquina convenceu-se, desde logo, da sua pusilanimidade. O gabinete da Espanha julgava-o meio tolo e a Inglaterra desconfiava do seu juízo.<sup>117</sup>

E foi debaixo de tal forma que o filho de D. Maria, a louca, malgrado as preces da infanta de Espanha, tomou o caminho do Brasil, então colônia de Portugal.

Nós fazemos uma ideia do que poderia ser a nossa linda Pátria nesses tempos coloniais! País de escravos, sem higiene e sem luz, ele brilhava pelo desconforto, pela sujidade, pelas trevas.

E ao aportar na Bahia, à vista de tanta gente de cor, de tanta primitividade nos hábitos, a esposa de D. João VI não pôde reter movimentos de surpresa ou de repulsa, que foram notados e censurados.

– Vamo-nos embora – rogava ela ao marido. – Isso aqui não é suportável!

E, enquanto D. Maria uivava a um canto no seu delírio de paranoica, a princesa chorava o seu destino adverso.

Afinal, à força não de rogos, mas de impertinências, Carlota Joaquina conseguiu que o príncipe viesse para o Rio de Janeiro, onde também a civilização era ainda um mito e uma quimera.

Nessas noites, longas e silentes, passadas por Carlota Joaquina a bordo da nave britânica, ela dizia para Antô, que a acompanhara na viagem:

— Ah! *niña*,<sup>118</sup> que triste é a minha vida! Sem amor, sem prestígio, sem proteção, fugida como uma reles vagabunda, recordo-me com saudades dos dias passados em Queluz! A quinta do Ramalhão,<sup>119</sup> com as suas águas, o seu arvoredo, o perfume das suas flores, também me vem à memória! Acusam-me de ter sido infiel a D. João,

---

<sup>117</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 47. O trecho transcrito não corresponde exatamente ao texto da obra original. Destaque da autora.

<sup>118</sup> Palavra espanhola: menina, garotinha.

<sup>119</sup> O Palácio do Ramalhão é um palácio localizado no município português de Sintra.

com o belo jardineiro de lá. Tu, porém, que conheces o meu orgulho, o meu coração, sabes que isso é mais uma infâmia atirada sobre mim. Mas... o que começa sendo mentira, quando muito repetido, acaba sendo verdade! *Pobre de mi!*<sup>120</sup>

E foi assim, saudosa e melancólica, que Carlota Joaquina desembarcou neste Rio, do qual Luiz Edmundo escreveu essas palavras na sua grande obra *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*:<sup>121</sup>

Como hoje, já era de enlevo e de deslumbramento a impressão que assaltava o estrangeiro ao transpor a barra estreita da Guanabara.<sup>122</sup>

Entretanto, no quadro maravilhoso da natureza, a cidade é ainda um contraste.

Em 1808, com a corte dourada de Dona Maria I, a Intendência Geral da Polícia,<sup>123</sup> mandando varrer praças e ruas, derrubar casas, na ânsia justa de transformar a *urbs* num domicílio real, Luccock<sup>124</sup> acha-a *a mais imunda associação humana vivendo sob a curva dos céus!*<sup>125</sup>

Nessa época, as ruas achavam-se repletas de negros, de padres e de mendigos. Durante o dia a cidade, no verão, cheira a lixo, a suor, a podridão, enquanto de noite a iluminação escassa enche-a de sombras, cobre-a de entulhos, de valas inomináveis, nos quais tropeçam e

---

<sup>120</sup> Palavra espanhola (pronomes): meu, mim.

<sup>121</sup> Luiz Edmundo de Melo Pereira da Costa (1878-1961), jornalista, poeta, cronista e historiador brasileiro, foi membro da Academia Brasileira de Letras e é autor da obra, aqui citada, *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1931, e, como livro, pela Imprensa Nacional em 1932.

<sup>122</sup> Edmundo, *O Rio de Janeiro...*, 1932, p. 9.

<sup>123</sup> Conforme Cabral, *Intendente/Intendência...*, 2011, “O cargo de intendente-geral da Polícia da Corte e Estado do Brasil foi criado pelo alvará de 10 de maio de 1808, com a mesma jurisdição do intendente de Portugal, estabelecido em 25 de junho de 1760”, competindo-lhe grande diversidade de atribuições relacionadas à ordem pública e a questões urbanas.

<sup>124</sup> John Luccock (1770-1826), comerciante inglês, autor de um livro e alguns textos sobre o Brasil. A frase de Luccock, citada por Edmundo, encontra-se em sua obra *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Part of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818* (Londres, Samuel Leigh, 1820), à p. 133.

<sup>125</sup> Edmundo, *O Rio de Janeiro...*, 1932, p. 10.



caem os raros transeuntes. As casas, baixas e lóbregas,<sup>126</sup> assemelham-se quase todas a tugúrios<sup>127</sup> miseráveis.

Leio igualmente no livro *O Rio no tempo dos vice-reis*:

Quando a corte de D. Maria I chega ao Brasil, fugindo às hostes belicosas do enviado de Napoleão, o prédio brasileiro causa mau efeito ao fidalgo recém-vindo. E ler-lhe a correspondência mandada daqui para a metrópole. Esse fidalgo da corte de D. João é um príncipe de linha um tanto precária e que, em matéria de bom gosto, pergunta sempre pela opinião do *guarda-roupa*<sup>128</sup> Lobato<sup>129</sup> antes de dar a sua.<sup>130</sup>

Por isso, embora, nessa ocasião, encete-se a derrubada de alguns antros e se inicie uma relativa limpeza nos charcos e nos pântanos existentes, a cidade continuava repulsiva e suja. Todavia, não era possível demolir uma cidade inteira e os mesmos fidalgos protestam. A rua das Violas, hoje Teófilo Ottoni, contava, entretanto, algumas propriedades abastadas, dignas de hospedar um príncipe, e, das muitas, contava-se o antigo e patriarcal sobrado construído pelo pai do padre Antônio Marinho, senhor do engenho de Tapacará. Casa histórica, leio no livro *Mulheres*, de Gastão Penalva, que, em seguida, passou às mãos do oficial de marinha José Domingues Moncorvo, meu bisavô, acrescento eu.

Foi, portanto, nesse centro inconfortável e merencório<sup>131</sup> que Carlota Joaquina se encontrou ao desembarcar, entre os urros da sogra e a impassibilidade do marido.

---

<sup>126</sup> Sem iluminação, escuras, sombrias.

<sup>127</sup> Habitação pequena e pobre; choupana, casebre.

<sup>128</sup> O encarregado por cuidar das roupas do príncipe, o roupeiro

<sup>129</sup> Não foi possível determinar a qual Lobato o autor se refere, pois os quatro irmãos da família Sousa Lobato serviram a D. João, desde Portugal, como *guarda-roupas e ajudantes particulares*: Francisco José Rufino, Matias Antônio, Joaquim José e Bernardo José (Gomes, 1808..., 2007, p. 172). O mais próximo de D. João era Francisco José.

<sup>130</sup> Edmundo, *O Rio de Janeiro...*, 1932, p. 56. O trecho transcrito não corresponde exatamente ao texto da obra original.

<sup>131</sup> Melancólico; triste, sombrio.

A sua mentalidade ardente e sentimental de pura castelhana teve de reagir forte contra o ambiente e o meio, dentro dos quais procurou viver o melhor possível. Superior à época e à atmosfera que esta destilava, indiferente ao esposo, atrabiliário<sup>132</sup> e comilão, ela agitava-se continuamente, tentando vencer o tédio e a nostalgia que a devoravam.

E, na primitividade dos nossos costumes coloniais, na vigência das convenções e preconceitos do tempo, entre a gente humilde e inferior habitando o Rio, a infanta da Espanha, então princesa do Brasil, surgiu como um monstro de iniquidade, adquirindo uma fama que perdura até os nossos tempos.

Entretanto, Rubio, o ilustre escritor espanhol, refere-se a ela como uma mentalidade de escol<sup>133</sup> e, pondo de lado, com desdém, os pequenos pecados veniais<sup>134</sup> com que lhe salpicam a memória, considera-a adornada de qualidades que, hoje, constituiriam glórias para as mulheres modernas.

---

<sup>132</sup> Referente a *atrabilis* (bílis negra), a que se atribuía, na teoria humoral, o temperamento melancólico, a irascibilidade e a hipocondria.

<sup>133</sup> O que há de melhor em uma coletividade; elite.

<sup>134</sup> Erros leves; desculpáveis, perdoáveis.





## CAPÍTULO VII

Quando Carlota Joaquina desembarcou, pois, no Rio de Janeiro,<sup>135</sup> o seu primeiro golpe de vista foi terrificante. E, como a princesa não ocultasse o seu nostálgico horror pelo que via, iniciou-se imediatamente a campanha contra ela.

– Oh! João, tu não achas isso medonho? – indagava Carlota Joaquina do marido.

– Nem tanto assim – respondia o príncipe, que nunca fora muito requintado nos seus desejos e hábitos.

– Ah! meu Deus! – exclamava a futura soberana do Brasil, torcendo as mãos. – Jamais me poderei acostumar a esta terra de pântanos, de escravos, de tugúrios! Que saudades tenho da Espanha e até de Portugal! Como me sobem as lágrimas aos olhos ao recordar-me de Queluz, tão romântico, tão pitoresco, tão agradável! O calor daqui é asfixiante e parece-me que a transpiração de toda essa gente me afoga!

D. João, calmo, sorridente, não ligava a menor importância aos queixumes da esposa, que diariamente mudava de moradia, na esperança de encontrar o conforto, ignorado ainda nesta colônia humilde e primitiva. Carlota Joaquina, enérgica e valente, experimentava também imenso e invencível horror pelas baratas e ratos, soltando gritos clamorosos quando os via a esvoaçarem pelo ar ou surgirem das muralhas esburacadas dos seus quartos. Irritada e dolorida, a princesa nunca deparou nessa hora com o apoio do marido, que, silente ou irônico, mofava implícita ou claramente do seu estado de

---

<sup>135</sup> A família real portuguesa desembarcou no Rio de Janeiro em 8 de março de 1808.

alma, compreensível numa criatura tirada do seu meio para cair num outro muito diferente. Depois, mordida-lhe o espírito a ambiguidade da situação política do marido. A contemporização do governo português, que, no começo, foi com a França e com a Inglaterra, cessando com a primeira somente depois que Napoleão iniciou as suas ameaças, amargava-lhe a existência. Porque, entre as investidas francesa e a inglesa, ainda piores, o governo teve de escolher e cessar a ambiguidade. Lorde Strangford,<sup>136</sup> diplomata britânico, graças ao seu engenho, triunfou facilmente da França, o que acarretou para Portugal desventuras trágicas e sinistros sucessos.

Napoleão, que não perdia de vista os seus projetos e de acordo com a Espanha pelo tratado de Fontainebleau, dispôs-se a invadir o reino lusitano, o que necessitou a fuga de D. João e da família para o Brasil. E toda essa triste e dolorosa aventura cavou na alma vibrante e sensível de Carlota Joaquina o abismo de dor e de desejo de reação, que o tempo não satisfaz.

Ao chegar numa terra estranha, rodeada de aventureiros e sem um peito amigo que lhe compreendesse as mágoas, a infeliz mulher não conseguiu esconder suficientemente o seu desânimo e o seu rancor, o que acarretou para ela e a sua memória os mais infamantes insultos e calúnias, que a morte e o tempo não conseguiram anular.

---

<sup>136</sup> Percy Clinton Sydney Smythe, 6º visconde de Strangford (1780-1855), diplomata irlandês, embaixador do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda em Lisboa. Veio para o Brasil junto com a corte portuguesa, atuando como ministro britânico durante a estada de D. João VI no Brasil, a fim de garantir os interesses ingleses.



## CAPÍTULO VIII

Percorrendo o livro de Presas,<sup>137</sup> secretário de Carlota Joaquina e confidente das suas mágoas e dos seus projetos, lemos:

Naquela época o gabinete do Brasil, como a maior parte dos da Europa, havia perdido a esperança de vencer Napoleão, nem que este pudesse conceder aos indivíduos reais da Espanha a liberdade de se colocarem no trono que ele lhes havia usurpado. Entretanto, no conceito público plantou-se a ideia de fazer valer os direitos que S. A.<sup>138</sup> a princesa Carlota Joaquina tinha de ocupar os domínios da monarquia espanhola, libertos da dominação inimiga. E os civis como os militares apoiavam esse direito, entabulando correspondências necessárias para que a princesa pudesse realizar o seu intento.

Foi o próprio príncipe regente que, agradado da minha capacidade no assunto, rogou-me servisse de secretário à sua augusta esposa.

No dia seguinte passei ao palácio a fim de tomar as ordens da princesa e tratar dos assuntos combinados. Foi esta a primeira vez que falei com S. A. D. Carlota Joaquina, que, com muita reserva e distinção, se referiu ao seu desejo de ganhar a confiança dos habitantes da América do Sul para

---

<sup>137</sup> José Presas y Marull (??-1842), escritor, político e diplomata espanhol, foi secretário de Carlota Joaquina durante a estada da corte portuguesa no Brasil. É autor de *Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reina de Portugal, la señora doña Carlota Joaquina de Borbón, escritas por su antiguo secretario José Presas*, publicado em 1830, traduzido no Brasil sob o título *Memórias secretas de Carlota Joaquina*, editado pelo Senado Federal em 2013.

<sup>138</sup> Sua Alteza. Pronome de tratamento devido à infanta.

quando chegasse a ocasião de passar a Buenos Aires e celebrar ali as cortes, como era de uso e costume, ser bem aceita e recebida.<sup>139</sup>

Segue-se aí a correspondência da princesa com Presas, sobre a remessa de papéis e títulos, julgados indispensáveis à sua pretensão.

Carlota Joaquina tinha alcançado de D. João VI a licença de partir para Buenos Aires, estabelecendo ali uma corte segundo a moda espanhola.

Tal era, pois, o estado em que se encontravam os projetos da princesa em relação a Buenos Aires, quando o príncipe regente, vendo o negócio sério, retirou a palavra de deixá-la ir a Buenos Aires. Três cousas concorreram para que ele assim agisse: primeiro, as sugestões e intrigas dos amigos, que viam inevitável a sua ruína se a princesa conseguisse o mando; segundo, a influência do ministro da Inglaterra, Lorde Strangford,<sup>140</sup> que, por ordem governamental, devia realizar a independência da América Espanhola; terceiro, o medo de D. João VI de que, uma vez senhora de Buenos Aires, Carlota Joaquina formasse um exército e fosse em caminho do Rio desapossá-lo do trono.

Perspicaz e arguta, Carlota Joaquina escreve, nessa hora, ao seu secretário:

Amigo, vejo tudo perdido se o Almirante Sidney afrouxa. Continuarei aqui de cabeça baixa, ofendida e odiada. Aperta Smith e diz-lhe que, neste negócio, *o príncipe tem, como sempre, duas caras.*<sup>141</sup>

O conde de Linhares, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros nesta hora e adversário da princesa, quis ter uma conferência com Estevão Salazar,<sup>142</sup> com o objetivo de conhecer a opinião do Peru sobre a princesa. Carlota Joaquina, informada disso, escreveu a Presas:

---

<sup>139</sup> Presas. *Memorias secretas...*, 1830, trechos das p. 23-24. Tradução da autora.

<sup>140</sup> No original está *Strangford*.

<sup>141</sup> Presas. *Memorias secretas...*, 1830. Tradução da autora de trechos das p. 39-40.

<sup>142</sup> Trata-se de Francisco Salazar y Carrillo (1767-1826), político e militar do Vice-Reino do Peru.

“Presas. Dize àquela pessoa que tenha cuidado com o ‘Turbilhão’ [nome dado ao conde de Linhares] porque, apesar de se mostrar arrependido dos seus antigos modos comigo, noto nele duplicidade e hipocrisia.”

E, para tal efeito, deu-me ordens peremptórias [continua o secretário], para que escrevesse um memorial, cujo objetivo seria o de mostrar a ordem e o método que se observava então na terra espanhola.<sup>143</sup>

Com a autoridade e a presteza que a distinguiam, Carlota Joaquina ordenou-me que mostrasse a moção a Smith, o que fiz, recebendo em resposta a seguinte carta:

“Londres, fevereiro de 1808. Amigo e senhor D. Presas. – Recebi o seu trabalho (que me parece digno de toda a minha atenção), demonstrando a ordem e modo de suceder ao reino. Chega a tempo de eu o levar a Londres e serve de base para o que queremos.”<sup>144</sup>

Assim, muitas cartas foram trocadas entre Smith e eu e sobre o mesmo assunto. Mas sempre, nas suas missivas, Carlota Joaquina fazia-me notar a falta absoluta de sinceridade da parte de Smith, o que a inquietava e enraivecia até o delírio.

– Que Salazar não se abra muito com ele e seja o mais discreto possível – aconselhava a rainha, cuja visão superior enxergava além do que se lhe apresentava.<sup>145</sup>

Entretanto, pessoalmente, a infanta de Espanha demonstrava possuir o coração grandioso e nobre dos espanhóis. Caridosa e beneficente, encarregava-me de socorrer os seus patrícios na miséria e de amparar o rei D. Fernando, seu irmão, prisioneiro dos franceses. E, sempre exigente, forçava-me a corrigir os erros da magistratura do Rio, como se eu tivesse autoridade para tal. Várias vezes, igualmente, confessou-me a sua antipatia pelo primo, o infante D. Pe-

---

<sup>143</sup> Presas. *Memórias secretas...*, 1830. Tradução da autora de trechos das p. 70-71.

<sup>144</sup> Presas. *Memórias secretas...*, 1830. Tradução da autora de trechos das p. 36-37. Na obra de Presas, consta o ano de 1809.

<sup>145</sup> Presas. *Memórias secretas...*, 1830, trechos das p. 70-71. Tradução da autora.



dro,<sup>146</sup> mal-educado, de mentalidade mesquinha e que não perdia uma só ocasião de a ferir no seu amor-próprio de mulher e no seu orgulho de soberana.<sup>147</sup>

Servi a rainha [termina Presas] com solicitude e sacrifício, passando noites em vigília e dias inteiros ao seu dispor. Todavia, *ela não me pagou os serviços*, ficando a dever-me somas fabulosas.<sup>148</sup>

Assim é que, no fim do seu livro, Presas, o secretário íntimo de Carlota Joaquina, lança também dardos ferinos sobre a rainha do Brasil, maculando a sua memória, porque ela o lesou em... dinheiro.

A personalidade, pois, da infanta de Espanha chocava-se continuamente com a de D. João VI e a dos seus ministros, cujos temperamentos, ideias e caráter raciais estavam sempre em desacordo com os da esposa e soberana espanhola, fremente e herdeira das qualidades e taras da família.

Euclides da Cunha<sup>149</sup> traçou da seguinte maneira o perfil de D. João VI:

Foi um medíocre e um predestinado. Inimigo de arrogâncias, alma ingênua, encerrando placidez burguesa, abatido pelas desordens da sua Pátria desgraçada, entristecido pela figura da sua velha mãe, louca incurável, a inércia tornou-se para ele uma qualidade eminente.<sup>150</sup>

Transcrevo igualmente aqui a carta de Junot a Talleyrand:

---

<sup>146</sup> Pedro I do Brasil ou Pedro IV de Portugal (1798-1834), primeiro filho homem de D. João VI e D. Carlota Joaquina.

<sup>147</sup> Presas. *Memorias secretas...*, 1830, trechos das p. 79-80. Tradução da autora.

<sup>148</sup> Presas. *Memorias secretas...*, 1830. Não foi possível verificar a paginação desse trecho específico. O autor discorre sobre a questão no capítulo 25 de sua obra: *Inexactitud de la princesa en verificar el pago de mis mesadas*.

<sup>149</sup> Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909), militar, escritor e jornalista brasileiro.

<sup>150</sup> Cunha, *À margem da história*, 1909, p. 262. O texto transcrito não corresponde literalmente ao texto original.

No moral, o rei é um homem afável, desconfiado e zeloso da sua autoridade, *mas que nunca soube se fazer respeitar*. Jamais aprendeu a conduzir-se por si próprio, necessitando sempre de uma vontade superior que o dominasse e se lhe impusesse. Tradicional devido à sua herança, inimigo de toda ideia renovadora, mantinha clara aversão pelos homens de talento. E, apenas atendia aos negócios públicos, corria a recolher-se ao mosteiro de Mafra, onde passava os dias a orar e a ouvir música religiosa.<sup>151</sup>

A infanta Carlota Joaquina, educada por P. Scío,<sup>152</sup> demonstrava, em contraste, funda e extensa cultura. E, observando o feitio casmurro e místico do marido, ela tentou muitas vezes inocular-lhe, ainda que em vão, a energia e a vitalidade que eram os seus predicados.

Na Espanha ela era amada e tido em alto conceito seu valor. E desse modo se explica a escolha de Carlota Joaquina para regente da sua Pátria, fato que não se realizou, devido à oposição da Grã-Bretanha.

No ano de 1806 [afirma Rubio, muito antes do episódio platino], ocorreu em Portugal um feito de grande influência na vida da infanta, sendo esse feito a origem da sua separação de vida com o príncipe regente. O fato foi que, adoecendo o príncipe gravemente e suspeitosos, os médicos, de se tratar de moléstia idêntica à da rainha mãe, formou-se uma conjuração, composta do Conde de Sabugal, do Marquês de Ponte Lima e de outras pessoas importantes na corte, no intuito de elevar D. Carlota ao cargo de regente.<sup>153, 154</sup>

---

<sup>151</sup> A carta de Junot a Talleyrand, em francês, encontra-se em Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, às p. 70-71. Não se pode afirmar que a autora usou essa fonte nos trechos citados.

<sup>152</sup> Felipe Scío de San Miguel (1738-1796), padre, pedagogo, escritor e tradutor espanhol.

<sup>153</sup> O autor refere-se à conspiração ocorrida entre 1805 e 1806 (conhecida como *Conspiração dos Fidalgos, de Mafra ou do Alfeite*), em que vários elementos da nobreza, magistrados e militares pretenderam afastar o príncipe regente Dom João do poder, fazendo Carlota Joaquina assumir a regência. Dom João, que estava fora de Lisboa, é avisado dos planos dos conspiradores e retorna à capital, pondo fim à conjuração. Como consequência, ocorre a separação entre Dona Carlota e Dom João, com a princesa sendo mandada ao palácio de Queluz e Dom João passando a viver no palácio de Mafra.

<sup>154</sup> Rubio, *La infanta Carlota*, 1920, p. 16. Tradução da autora.

Desconfiado de que a mulher tivesse tomado parte na conspiração, D. João, uma vez curado, entrou a odiá-la desde esse momento. E a vida da infanta tomou as cores negras que nunca cambiaram desde Portugal até o Brasil, onde mais sombrias ainda se tornaram.



## CAPÍTULO IX

Esse Dr. Presas, como geralmente o chamavam, era catalão e de família inferior. Encerrado na cadeia como traidor à Argentina, por ter tomado o partido da Inglaterra na invasão de 1806,<sup>155</sup> ele fugiu da mesma, refugiando-se no Rio de Janeiro. E foi assim que D. João VI o chamou para ser secretário da rainha do Brasil.

Apesar de beato e de... neurastênico,<sup>156</sup> o monarca tinha também os seus favoritos, que nem sempre mereciam esse privilégio. Francisco Lobato,<sup>157</sup> levantado do pó das ruas pela mão do príncipe, valia tanto como o tal Godoy da Espanha.

Todavia, esse homem adquiriu sobre D. João tão funestíssima influência, que chegou a melindrar Carlota Joaquina, a quem ele odiava e por quem era odiado.

– Não sei, João, o que encontras de bom nesse lacaio do Lobato – dizia a infanta para o marido. – É de ínfima condição, falso e ignorante. Sabujo como ninguém, ele me inspira repugnância e desprezo. Não passa de um *pendon*.<sup>158</sup>

---

<sup>155</sup> Em 1806, tropas britânicas ocuparam a cidade de Buenos Aires, na época capital do Vice-Reino do Rio da Prata. No entanto, um exército vindo de Montevideu, liderado por Santiago de Liniers e Bremond (militar francês a serviço da coroa espanhola), unido a milícias buenoiarenses, expulsou os ingleses da região, após 45 dias de ocupação.

<sup>156</sup> Irritação.

<sup>157</sup> Francisco José Rufino de Sousa Lobato, 1º barão e 1º visconde de Vila Nova da Rainha (1773-1830), aristocrata, político português e guarda-roupa de sua majestade, entre outros cargos.

<sup>158</sup> Palavra espanhola: biscate.

– Ele gosta de mim e não me combate – respondia D. João, arrotando ruidosamente. – Depois, na solidão em que vivo, Lobato é um amigo precioso.

– Mas... – continuava D. Carlota – como não compreendes que esse teu favorito é um espião dos ingleses? E que, sustentado pelo embaixador britânico, este o obriga a agir segundo a sua vontade?

– Histórias! Lobato é sincero e leal. Você não gosta dele e por isso o calunia – replicava D. João, sacudindo os ombros.

Entretanto, Carlota Joaquina, com a sua sagacidade natural, descobrira a verdade: Lobato era uma criatura do embaixador inglês, que se servia do valido-espião<sup>159</sup> para saber tudo quanto o monarca fazia e assim poder manejá-lo à vontade.

Nada, porém, consegui a sua esposa, visto que, chegando ao Rio de Janeiro, D. João lhe deu o título de visconde de Vilanova da Rainha, servindo-lhe uma boa pensão, igual à da princesa.

Assim, enquanto José Presas se cingia ao seu papel de secretário privado, Francisco Lobato, temeroso de que lhe cessasse a proteção inglesa, imiscuía-se em todos os negócios do soberano, dos quais dava parte à Grã-Bretanha.

Carlota Joaquina apreciava deveras Presas, cuja amabilidade e franqueza nunca se desmentiram. E, não ignorando o seu conhecimento do caráter dúbio e estranho do seu real consorte, ela lhe falava claramente dos seus desgostos e da tristeza da sua existência. Colocado assim entre os dois soberanos, o secretário da rainha soube portar-se sempre com lisura e diplomacia, o que é difícil e cansativo. E, embora possuísse qualidades superiores para a intriga, ele se serviu muitas vezes dessas qualidades para proteger os vencidos e inutilizar os vencedores. D. Carlota, inteligente e psicóloga, usou, não raro, de Presas, cuja habilidade descobriu, a fim de se vingar dos seus inimigos e amparar os seus amigos.

---

<sup>159</sup> Valido é uma pessoa que está sob proteção de alguém mais poderoso; protegido. No caso, além de protegido do embaixador, servia-lhe como espião.

Muitos historiadores argentinos censuram a ação do secretário da infanta espanhola, acusando-o de atos menos limpos e das calúnias as mais torpes.

No entanto, Carlota Joaquina concedeu-lhe toda a sua confiança, mandando-o até à Espanha como seu enviado.

Desse modo, enquanto D. João se entregava de pés e mãos a Francisco Lobato, que o vendia à Inglaterra, sua esposa, clarividente e ambiciosa, o que não constitui pecado grave, unia-se a José Presas para fins que, se triunfassem, provariam mais uma vez a sua superioridade sobre o marido.





## CAPÍTULO X

Os detratores sistemáticos de Carlota Joaquina, numa solidariedade invejável, declaram essa soberana deselegante, feia e desdenhosa de cuidados pelo seu corpo. Entretanto, toda a história nos conta que Luís XIV, o rei sol,<sup>160</sup> não lavava o rosto e comia mais ou menos com os dedos. E que certa rainha de Espanha, D. Isabel, a Católica,<sup>161</sup> não cambiou de roupa durante todo o tempo que durou a reconquista de Granada aos mouros.<sup>162</sup> Fizera esse voto e o mantivera até o dia da vitória, em que se despira, deixando ver o colorido sujo ou encardido das suas vestes, colorido que, por lisonja, tomou o seu nome de cor “isabelina”.

No Rio de Janeiro, na época da corte, não existiam banheiros, mas pequenas vasilhas, incômodas e desconfortáveis, de que os seus habitantes faziam uso parcial. D. João VI nunca pensou em banhos e Carlota Joaquina, nesse ponto, era solidária com o marido, visto que a moda do tempo não exigia tais requintes. E essa pedra se ajunta mais ao rochedo atirado, em geral e impiedosamente, sobre a infeliz soberana.

A elegância e a limpeza dessa época eram muito relativas, porquanto o ambiente aparecia desagradável e a cidade imunda. Carlota Joaquina não se podia furtar de todo à influência do meio em que vivia, ainda que sua alma de europeia repudiasse muitos dos hábitos e

---

<sup>160</sup> Luiz XIV de França, rei da França e Navarra (1638-1715), apelidado de *O grande e Rei-sol*. Reinou por 72 anos, o mais longo reinado da história da humanidade.

<sup>161</sup> Isabel I de Castela, rainha de Castela e Leão (1451-1504), apelidada de *Isabel, a Católica*.

<sup>162</sup> O Emirado de Granada, último estado muçulmano da Península Ibérica, existiu de 1238 a 1492, quando perdeu a guerra para os reinos cristãos de Castela e Leão e Aragão.



convenções coloniais. D. João, em contraste, sentia-se perfeitamente à vontade neste Brasil, colônia de Portugal, seguindo servilmente os hábitos e as leis da Lusitânia.

Desembarcada, porém, na Bahia e à vista da cor escura de muitos dos seus habitantes, Carlota Joaquina estremeceu e descorou. O horror ao negro nunca chegou a ser vencido completamente pela rainha do Brasil, se a piedade pelos escravos amoleceu-lhe sempre o coração. E essa sua primeira falta de diplomacia em S. Salvador foi a base de intrigas e calúnias que depois a atingiram por outros motivos.

Luiz Edmundo, no seu belo livro *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*, mostra-nos em que consistiam as modas desse período, não mudado à chegada de D. João VI entre nós.

Vestiam as mulheres à moda de França, usando balões, *panniers*, saias montadas sobre arame trançado ou barbatanas de baleia, que roçavam o chão. Os penteados eram esquisitos, pesados, antiestéticos. E Laura Junot, a *virtuosíssima* esposa do famoso general de Napoleão, falando malignamente dos vestuários das damas do paço de Lisboa, afirma serem eles os mais estranhos e mascarados possíveis.

E, descrevendo-os, diz Luiz Edmundo e eu resumo:

Se ao saírem as damas usavam penachos amarelos cor de ouro, semelhantes a coqueiros, nas cabeças, na intimidade a mulher carioca usava o *lava-peixe*, espécie de *robe de chambre*,<sup>163</sup> quase sempre de mangas curtas e, não raro, aberto, mostrando a camiseta, que se chamou à húngara, quando essa camiseta não era dispensada, visto que o calor patricio era um simplificador da indumentária carioca.<sup>164</sup>

Censura-se também a rainha do Brasil por mudar constantemente de moradia. Entretanto, ninguém ignora que as casas coloniais abafavam, diluindo o sangue de Carlota Joaquina em suor e o seu

---

<sup>163</sup> Vestimenta feminina caseira, de tecido leve, corte confortável e geralmente aberta na frente.

<sup>164</sup> Nos dois trechos, a autora faz um resumo, um apanhado do que expõe Edmundo em *O Rio de Janeiro...*, 1932, no capítulo *A moda feminina*.

gênio em mau humor. D. João jamais se incomodou com o nosso clima, que o inundava de transpiração. E aos queixumes da pobre espanhola, habituada ao frio do seu país, ele respondia sarcástica e zombeteiramente.

– Morro – dizia a rainha –, não suporto este calor, estes escravos, estas baratas.

– Que remédio senão suportá-los – replicava D. João VI, com o seu sorriso bonachão e irritante.

– Voltemos para Portugal – suplicava Carlota. – Aqui, as crianças estão sempre doentes e eu não respiro.

– Como voltar para Portugal, mulher? Estás louca? O Rio é maravilhoso e eu me dou perfeitamente nele.

– Que horror, João, como é possível que te sintas bem aqui, com este verão terrível e entre esses negros, malcheirosos e quase nus?

– Sinto-me admiravelmente e faça por me imitar, Carlota – declarava o rei do Brasil, mastigando conscienciosamente uma asa do frango, retirada do seu bolso. Não poderemos voltar a Lisboa tão cedo.

Vencida, a infanta mudava novamente de casa, pondo-se a chorar de enervação e de saudade da sua terra. E, abraçada aos filhos, exclamava, erguendo ao nosso céu de um azul forte e ardente os seus grandes olhos de mulher dominada e vitimada:

– *Soy una desdichada, hijos míos. Voy a morir, ciertamente, en este Brasil de llamas e de esclavos.*<sup>165</sup>

E como toda criatura tem horror ao vácuo e ao dispêndio de energias sem resultado, Carlota Joaquina entrou a se interessar pela política, condenando a do marido, julgada, por ela, lenta, dúplice e sem ossatura nem músculos. E foi aí que José Presas se tornou o seu secretário e o seu íntimo.

---

<sup>165</sup> Frase em espanhol: Sou uma desgraçada, meus filhos. Vou morrer, certamente, neste Brasil de chamas e escravos (tradução livre).





## CAPÍTULO XI

A desarmonia e as intrigas imperavam, entretanto, nessa corte. Nem os membros da família real, assim como os ministros, sempre amedrontados diante do embaixador inglês, a quem favorecia a política, se entendiam. A camarilha de D. João VI, adversária entre si e cujo pior elemento era o famoso Lobato, somente se unia quando o fim comum era pessoal e utilitário à mesma. Lorde Strangford, a figura de proa dessa nau perigosa, atraía a seu lado o conde de Linhares, o visconde de Anadia<sup>166</sup> e o favorito. O príncipe, dominado por tal gente e fraco de vontade, teve muitas vezes de lisonjear a Grã-Bretanha, satisfazendo-lhe os desejos, prejudicadores quase sempre dos seus próprios.

Assim, na sua ânsia de querer anexar ao Brasil a parte oriental do Rio da Prata,<sup>167</sup> anexação para a qual necessitava o beneplácito da Inglaterra, D. João sacrificou em vão grandes interesses, pois que nada conseguiu.

Carlota Joaquina, viva, inteligente e política, compreendeu logo as ciladas que armavam ao esposo. E, se este a atendesse, ela teria terminado de vez com os vexames e infâmias de que o príncipe era vítima. Como, porém, a princesa desse a conhecer a essa torpe camarilha

---

<sup>166</sup> João Rodrigues de Sá e Mello de Menezes e Sottomayor, 1º visconde e 1º conde de Anadia (1755-1809), político português, foi secretário de Estado dos negócios estrangeiros e da guerra no reinado de D. José I. Transferiu-se para o Brasil com a corte portuguesa, onde exerceu o cargo de secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos.

<sup>167</sup> Atual Uruguai. Na época, a região fazia parte do Vice-Reinado do Rio da Prata, estabelecido pela Espanha em 1776. Foi o último e mais curto vice-reino criado pela Espanha durante o período de colonização das Américas. Continha os territórios da atual Argentina, Paraguai, Uruguai e partes de territórios do Brasil e atual Bolívia.

a sua opinião, embora ineficaz, entrou ela a ser para toda a América do Sul uma mulher devassa, intrigante e adúltera.

Daí iniciar-se a campanha contra Carlota Joaquina, campanha que teria sido aniquilada se ela coparticipasse das intrigas do outro partido. Isolada, caluniada, em desavença natural com o marido, a pobre infanta possuía como único protetor o vice-almirante Sidney Smith, que então a encarava como muito superior ao príncipe e que, após observá-la atentamente, a cobria de carinhos e de respeito.

Bastou esse fato para que afirmassem logo, os maldizentes, ter sido Smith amante de D. Carlota. Finalmente, o vice-almirante foi relevado do seu cargo e a criatura se encontraria completamente abandonada se não surgisse então José Presas, cuja ousadia imprudente, não raro, a atingiu.

Carlota Joaquina, se era nesse tempo detestada pelos portugueses e pelos ingleses, conquistara, todavia, o amor de alguns espanhóis, nunca esquecidos do seu título de infanta e do seu parentesco com Fernando VII.

Datam, pois, desse tempo as calúnias que tisonaram<sup>168</sup> para sempre a reputação de Carlota Joaquina, acusada de ter dado à luz um filho do jardineiro do Ramalhão e outras sandices semelhantes. E, não contentes de terem enxovalhado a reputação de uma mulher boa, caridosa e naturalmente desconfortada no Rio de então, acusaram-na ainda, sem nenhuma prova, de ter envenenado o esposo, quando o criminoso foi outro. O interessante ou o impiedoso é que, até à nossa época, tão fértil em escândalos mundanos de toda ordem e gênero, continuem os historiadores a escrever e a assinar tais infâmias, quando os jornalistas abrem colunas especiais e elogiativas para os atuais.

É sempre tão fácil caluniar uma mulher viva, quanto mais uma... morta. Todavia, vemos que datam dessa oposição de Carlota Joaquina à trinca maldita dessa camarilha de D. João VI os primeiros e falsos golpes à sua reputação, golpes que os escritores de hoje não hesitaram em imitar.

---

<sup>168</sup> Macularam, sujaram.



## CAPÍTULO XII

Defendendo Carlota Joaquina, temos de insistir na psicologia de D. João VI, ainda em Lisboa e antes da sua fuga para o Brasil, sendo ela a seguinte, narrada por Palmela,<sup>169</sup> no livro de Pedro Calmon *O rei do Brasil*:

Não me foi possível dirigir pessoalmente as minhas solicitações ao Príncipe Regente, o qual nesse tempo, mortificado pelas discussões domésticas e pelo aspecto tenebroso que ia reassumindo o nosso horizonte político, afetado por uma doença nervosa, talvez em parte imaginária, vivia encerrado no palácio de Mafra, sem outra companhia mais que a dos frades e de um pequeno número de familiares e recusando receber qualquer pessoa estranha. Tanto assim que, havendo eu chegado a Lisboa nos fins do ano de 1806, só no verão seguinte pude pela primeira vez ver esse Príncipe, na ocasião do batizado da Infanta D. Ana, que, por sinal, só foi celebrado um ano depois do seu nascimento.<sup>170</sup>

Entretanto, D. João favorecia de maneira flagrante Francisco Lobato, o seu valido predileto, e as cartas que ele lhe escreveu dão cabal demonstração desse afeto estranho e demasiado copioso.

“Não tenho um só momento que tu não me lembres”, escrevia o príncipe a Lobato em 1805.

---

<sup>169</sup> Pedro de Sousa e Holstein, 1º duque de Palmela (1781-1850), político, diplomata e militar português.

<sup>170</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 99-100.

“Já não posso sofrer a falta da tua companhia, *pois* certamente não estimo mais outra que a tua, *pois* estou persuadido que ninguém me ama e serve com fidelidade”, diz outro bilhete.

Analisando os caracteres tão diferentes de Carlota Joaquina e de D. João, chega-se à certeza lógica de que eles jamais se poderiam entender. E, nos dias de gala, ainda mais se observava esse antagonismo, visto que a princesa condenava do mesmo modo o júbilo como a neurastenia do consorte. Sempre missas, cantochão, conferências religiosas, visitas de sacerdotes, pouca ou nenhuma luz nas salas e nos aposentos. Dom João, sorumbático e curvado, passava, sem ser pressentido, pelas galerias obscuras, fugindo à conversa dos amigos e tomado pelas suas obsessões. E, enquanto Carlota Joaquina aleitava a última filha, debaixo desses sombrios tetos de Mafra, o marido, indiferente a ela, acovardava-se diante dos altares. Depois, quando, se sentindo doente e vítima do ambiente melancólico de Mafra, a princesa foi para o Ramalhão, pitoresco e agradável, começaram as intrigas e as calúnias, manejadas por seus inimigos, detratores inventíveis da espanhola, cujo desdém eles não chegavam a vencer.

Todavia, D. João, com a sua mania religiosa, não escapava também aos sarcasmos da gentilha, que às margens do Tejo<sup>171</sup> soltava a voz, cantando:

*Nós temos um rei  
Chamado João,  
Faz o que lhe mandam,  
Come o que lhe dão  
E vai para Mafra  
Cantar cantochão.*

Várias vezes foi o príncipe regente informado dessas quadri-nhas, ofensivas para ele, mas, sacudindo os ombros, declarava estar acima das mesmas.

---

<sup>171</sup> O rio mais extenso da Península Ibérica. Nasce na Espanha, na Província de Teruel, e deságua em Lisboa, Portugal.

Carlota Joaquina, entretanto, devido ao seu temperamento altivo, indignava-se perante a calma do marido:

– Tens o poder de acabar com esses insultos e ficas quieto? Ainda uma vez não te compreendo, João!

– Traquinadas, Carlota, dos portugueses – dizia ele, sorrindo do seu ríctus<sup>172</sup> costumeiro de homem de beijos grossos e banhudos. – Não tem a mínima importância o que eles cantam. O que fazem, sim.

– Mas... – declarava a infanta – eles principiam cantando e terminarão, certamente, agindo.

– Deixa-os, mulher, deixa-os, que tenho mais a fazer do que importar-me com as suas modinhas. Vou agora escutar a missa de Marcos Portugal,<sup>173</sup> que é excelente, e, em seguida, almoçarei com mais apetite.

E, virando as costas à esposa, D. João tomou o caminho da capela, já de frente tombada para a frente e os olhos banhados em êxtase.

Todavia, o príncipe regente não ignorava o que falavam da sua casa os maldizentes e os caluniadores. Como, porém, não há pior cego do que aquele decidido a não ver, D. João permanecia tranquilo e como alheio às mentiras e às verdades que lhe eram trazidas. E como, em geral, elas se referiam, quase sempre, umas e outras, à pobre infanta, acusada de solidariedade com o tal príncipe da Paz, que ela não suportava, na intenção de ambos destronarem o príncipe, este não acreditava absolutamente no fato. Que Carlota Joaquina, com a sua mentalidade ardente e a sua existência vazia, se intrometesse agora na política, D. João cria piamente nisso. Mas intrigar para que a coroa lhe fosse entregue, Sua Alteza sabia que, malgrado a sua má opinião sobre ela, a mulher jamais cogitara em tal.

---

<sup>172</sup> Contração dos músculos da face ou da boca, que dá ao rosto o aspecto de riso forçado; rícto.

<sup>173</sup> Marcos António da Fonseca Portugal, conhecido como Marcos Portugal ou Marco Portogallo (1762-1830), foi um compositor e organista luso-brasileiro de música erudita. Compôs mais de 70 obras dramáticas, incluindo cerca de 40 óperas, e mais de 160 obras religiosas; conheceu um sucesso internacional sem paralelo na história da música portuguesa, com milhares de representações operáticas na Europa.



Aliás, nessa ocasião, a política tomou um rumo que obrigou D. João a ocupar-se um pouco mais do que dizia respeito ao seu cargo.

Efetivamente, Godoy surgira querendo domínio rico, onde pudesse representar o papel de rei. E, para isso, mandara Eugenio Izquierdo<sup>174</sup> a Paris, propor a divisão de Portugal em quatro províncias, uma das quais seria dele. Considerava-se amigo de Napoleão, se este vencesse, e seu adversário, se perdesse. Como, todavia, Godoy era o amante querido da mãe de Carlota Joaquina, esta teve de sofrer em Portugal as consequências do desregramento materno na Espanha e ser condenada como participante das infâmias do príncipe da Paz. Este queria, nem mais nem menos, ficar com o sul de Portugal, graças às suas ignóbeis lisonjas em torno de Napoleão.

Assim, enquanto a infanta, alheia a tudo isso, padecia os ódios dos seus súditos, Godoy vendia-se a Bonaparte na intenção de usufruir títulos e de satisfazer a sua ambição.

Carlos IV, também nessa hora, pressentiu a duplicidade traidora do filho mais velho, que jurava a Napoleão um afeto incoercível, no desejo de ser ajudado pelo mesmo a não perder a coroa herdada, e chamou a atenção da Europa para as desgraças que o ameaçavam.

Desse modo, a confusão reinava no jogo do xadrez político e, embora, nessa ocasião, Carlota se entregasse de todo aos cuidados que lhe mereciam os filhos, ela não escapou à sua responsabilidade nem aos despautérios dos lusitanos adversários, que viam a ruína de Portugal na fuga do seu príncipe e no seu abandono às forças invasoras de Junot. A duquesa de Abrantes, avisada do horror e da humilhação de Carlota Joaquina em partir para o Brasil, sorriu zombeteiramente da altivez da espanhola, que resolvera fazer frente ao marido. E, como não há pior inimiga da mulher do que uma do seu sexo, essa Abrantes, que se gabou, talvez falsamente,

---

<sup>174</sup> Eugenio Izquierdo de Rivera y Lazaún (1745-1813), naturalista e diplomata espanhol, representante informal de Manuel Godoy na corte de Napoleão.

de ter resistido aos convites amorosos do patrão do seu esposo, cobriu de injúrias, nas suas memórias elogiativas de si mesma, a infeliz infanta, cujo maior pecado ou crime consistia em não possuir a beleza, aliás muito contestável, da *parvenue* duquesa. E assim se escreve a história...





## CAPÍTULO XIII

Em virtude de todos esses fatos, a corte portuguesa, já então no Rio de Janeiro, considerou-se solidária com a Inglaterra no combate à Espanha.

E escreve Rubio:

Um dos motivos fortes dessa decisão foi o desejo da corte lusitana em intervir na política do Rio da Prata, no terror de que Napoleão pusesse em prática os seus propósitos de submissão ao seu poder das colônias hispano-americanas. Ignorantes ou quase do que se passava, realmente, na Espanha, ela julgava vencido e submetido à vontade tirânica de Bonaparte o pobre Carlos IV e, assim pensando, procuravam os portugueses salvar-se dos seus desastres, atirando-se também à conquista de alguns territórios espanhóis, deixados por conta.<sup>175</sup>

Nessa hora, surge Carlota Joaquina defendendo a sua Pátria, o que a colocou momentaneamente ao lado da Grã-Bretanha e da corte do Brasil, só momentaneamente, visto que, descobrindo logo o perigo do jogo do conde de Linhares, primeiro-ministro português, ela retirou logo do caso a sua influência pessoal, a sua inteligente visão e a sua atividade invencível.

Entretanto, D. João VI, que abandonara Portugal à sua triste sorte, resolvera, por conselho de Linhares, proteger Buenos Aires da tirania de Napoleão. Em maio de 1808,<sup>176</sup> o primeiro-ministro, em nome do en-

---

<sup>175</sup> Rubio, *La infanta Carlota...*, 1920, trechos da p. 36. Tradução da autora.

<sup>176</sup> Em Rubio, *La infanta Carlota...*, 1920, p. 37, consta março de 1808, e não maio.

tão príncipe regente, escreveu uma carta ao cabildo de Buenos Aires,<sup>177</sup> na qual, julgando, erradamente, a Espanha submetida a Bonaparte, ele oferecia ao Prata a proteção das casas de Bragança e de Inglaterra. E acrescentava que, diante de uma negativa deste último, *ele tomaria medidas enérgicas*, a fim de que Buenos Aires não se tornasse ponto ameaçador para Portugal e Grã-Bretanha. E diz simplesmente o historiador leal, justo e clemente da infanta espanhola:

Dessa maneira, e a fim de dar mais força a este pedido do Governo português, conseguiu-se que D. Carlota, aparentando agir particularmente, se dirigisse ao Cabildo de Buenos Aires expondo as razões pelas quais esse vice-reinado deveria colocar-se sob a proteção anglo-portuguesa, fazendo ressaltar ser ela a única herdeira, representante da casa bourbônica espanhola, que se quedava liberta da influência napoleônica e, portanto, como também única representante da Espanha na América, caber-lhe-ia, nem que fosse por algum tempo, reconhecê-la e reconhecer o Príncipe Regente como protetores dos direitos e prerrogativas da Espanha. A infanta acreditou confiantemente nos dizeres da sua corte, enviando ao mesmo Cabildo, em maio de 1808, uma carta, sincera e clara, em que expunha o que acabamos de ler.<sup>178</sup>

Carlota Joaquina, diante dos sucessos que se realizaram em seguida, compreendeu que fora burlada por D. João VI e pelo seu primeiro-ministro, senão pela mesma Inglaterra, visto que toda a ambição destes era apoderar-se do lado oriental do Rio da Prata.

E, quando o fracasso coroou essa primeira intervenção, o príncipe, Linhares e a Grã-Bretanha censuraram Carlota Joaquina pela sua falta de engenho e de diplomacia.

---

<sup>177</sup> O cabildo era a sede administrativa municipal instituída na América Espanhola durante o período colonial – algo similar a uma prefeitura. Além de Buenos Aires ser a capital do Vice-Reino do Rio da Prata, vários acontecimentos a fizeram mais forte e significativa que as demais cidades do Vice-Reino.

<sup>178</sup> Rubio, *La infanta Carlota...*, 1920, p. 37-38. No trecho, traduzido pela autora, lê-se a data de 21 de março de 1808.

Linhares, no entanto, não se deu por vencido e continuou as suas “manifestações” protetoras, pondo de lado a princesa e mandando a Buenos Aires um homem da sua confiança.

O seu vice-rei, D. Santiago Liniers,<sup>179</sup> porém, não foi no embuste da corte portuguesa, ainda que recebendo, por intermédio do seu enviado, certa carta em que o príncipe lhe exigia a imediata entrega da margem setentrional do Rio da Prata, sob pena de revinditas<sup>180</sup> terríveis e em contraste prometendo-lhe proteção se outorgado o seu desejo; ele se recusou, porém, a fazê-lo. Foi, pois, obrigado a abandonar o território espanhol, forçado a isso pelas circunstâncias.

Ainda, nessa hora, Carlota Joaquina, burlada, entrou com o seu jogo. Ela ignorava completamente as manigâncias<sup>181</sup> do marido, só sendo informada das mesmas por uma missiva de Liniers, contando-lhe o fato. Indignada com o papel que a fizeram representar, a infanta respondeu-lhe, apoiando o seu proceder e censurando-se a si mesma. E a cena que, nessa ocasião, teve com D. João VI, pusilânime e acusador de Linhares, provou, ainda uma vez, a Carlota Joaquina o que devia esperar do marido.

As negociações foram, porém, interrompidas e, vitoriosa, a infanta defendeu a sua Espanha!

---

<sup>179</sup> Santiago de Liniers e Bremond, ou Jacques Antoine Marie Liniers Bremond (1753-1810), foi um militar francês que atuou como administrador colonial para a coroa espanhola e vice-rei do Vice-Reino do Rio da Prata em 1807 e 1809. Defendeu esse território das Invasões Britânicas. Foi fuzilado por defender a coroa espanhola contra a independência da Argentina.

<sup>180</sup> Vingança da vingança; desforra.

<sup>181</sup> Manobras dissimuladas realizadas para enganar alguém ou para fazer com que realize o que se deseja; ardil, artimanha.





## CAPÍTULO XIV

Carlota Joaquina, mais perspicaz do que muitos políticos do tempo, via, no seu patriotismo ardente, a confusão reinante na Espanha, malgrado as falsidades que lhe serviam amigos e adversários.

Aliás, as notícias chegadas ao Rio de Janeiro eram desfiguradas para que surtisses o efeito desejado pela Inglaterra. Entre outras mentiras, dizia-se que Fernando VII queria forçar o pai a abdicar, tomando ele conta da coroa.

Os inimigos, aproveitando-se da situação, pensavam pescar proventos para eles e, nesse fim, aumentavam e falseavam o valor dos acontecimentos na Península. Um deles, o embaixador inglês, chegou a declarar ao seu Governo que se opunha tenazmente às tentativas portuguesas de se apoderarem de algumas das colônias espanholas. Carlota Joaquina, porém, mais espanhola do que portuguesa, compreendeu toda a verdade do plano, temendo-lhe as consequências. Sagaz e decidida, a infanta concebeu o plano, aliás inteligentíssimo e que teria triunfado sem a fraqueza e duplicidade de D. João VI, de reunir todas as colônias espanholas da América do Sul e de pôr-se em frente das mesmas como regente e em nome do rei da Espanha.

Naturalmente, a fim de tal conseguir, ela tinha de fazer valer os seus direitos eventuais ao trono espanhol, visto que a lei sálica fora derogada pelas Cortes em 1789.<sup>182</sup>

---

<sup>182</sup> A Lei Sálica é um código legal estabelecido no século V por Clóvis I, rei dos francos, e utilizado em várias monarquias modernas até o século XX. Regula a vida em sociedade, nas áreas civil e penal, sendo uma de suas disposições a proibição dos direitos sucessórios das mulheres, tanto em relação a terras quanto aos tronos. Em 1789, Carlos IV, pai de Carlota Joaquina, consegue aprovar nas cortes espanholas a revogação a Lei Sálica na Espanha, mas tal aprovação somente seria publicada por seu filho, Fernando VII, em 1830.



D. João, no começo, aprovou os nobres projetos da esposa, prometendo-lhe apoio e solidariedade. E, lendo o manifesto<sup>183</sup> que ela enviou aos fiéis vassalos de Sua Majestade Católica, o rei de Espanha e das Índias, ela, D. Carlota Joaquina, infanta de Espanha e rainha de Portugal e do Brasil, o rei sorriu satisfeito.

Entretanto, as ambições da família espanhola contrariavam os projetos da infanta. D. Carlota, todavia, valente e bravia, brilhou nessa hora, sendo o seu manifesto, lançado em resposta aos acontecimentos, o único merecedor de respeito e de acatamento.

D. João, sacudido pelas palavras da esposa, palavras enérgicas e de uma lógica sem jaça,<sup>184</sup> prometera a esta e a D. Pedro Carlos,<sup>185</sup> seu sobrinho, estar disposto a proteger os seus anseios e reconhecer os seus direitos ao trono de Espanha. O ódio, talvez, que ele guardava contra Napoleão, sequestrador então de Fernando VII e que impusera o seu irmão José,<sup>186</sup> chamado José Botellas pelos espanhóis, em seu lugar, obrigara o rei do Brasil a sair da sua inércia e da sua indiferença proverbiais.

Os historiadores malévolos acusam Carlota Joaquina de exploração sobre os ânimos dos coloniais e, sobretudo, sobre os das autoridades que regiam essas colônias. Afirmaram que o seu fim era abusar

---

<sup>183</sup> Explica Francisca Azevedo em *Carlota Joaquina e a revolução...*, 1998, p. 4: “Em agosto de 1808, Carlota Joaquina envia Manifesto a Espanha e às diferentes províncias americanas, no qual, em disfarçada crítica ao irmão, reconhece o pai como legítimo soberano, e se coloca como representante da monarquia espanhola, única em liberdade. Ao postular-se depositaria dos direitos da coroa espanhola a Princesa do Brasil, vai encontrar no próprio palácio seus mais ferrenhos adversários.”

<sup>184</sup> Sem imperfeição, impecável.

<sup>185</sup> Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812) foi um infante dos reinos de Espanha e Portugal. Filho primogênito e único sobrevivente de Gabriel de Bourbon, infante da Espanha (tio de Carlota), e de sua esposa, Mariana Vitória de Bragança, infanta de Portugal (irmã de D. João VI). Após a morte de seus pais, foi criado por sua avó, D. Maria I de Portugal. No Brasil, D. Pedro Carlos casou-se com sua prima Maria Teresa de Bragança, filha de Carlota e João VI.

<sup>186</sup> José Napoleão Bonaparte (1768-1844), irmão mais velho de Napoleão Bonaparte. Rei de Nápoles entre 1806 e 1808 e depois rei da Espanha e das Índias, quando Napoleão tomou a Espanha, em 1808, até sua própria abdicação, em 1813. Depois da queda de Napoleão, ele passou a usar o título de conde de Survilliers. Era chamado de *Pepe Botella* pelos patriotas espanhóis defensores dos direitos ao trono de Fernando VII.

dos mesmos. No entanto, os resultados desse seu plano, *soi disant*<sup>187</sup> maquiavélico, erraram de alvo, visto que o elemento oficial espanhol não correspondeu a ele, mas somente em Buenos Aires causou ele efeito, pondo-se este imediatamente em comunicação com a infanta.

D. João VI, maligno e prudente, esteve sempre ao lado da infanta, enquanto viu os seus programas balançados. Logo, porém, ciente da quase vitória de Carlota Joaquina no Rio da Prata, ele entrou a esquivar-se, a torcer-se, a exercer uma fiscalização torpe e escusa sobre os gestos e atos da esposa.

Não foi mais feliz a infanta na defesa dos seus; acreditou-se que ela desejava usurpar a coroa espanhola para si.

Mais tarde, Carlota Joaquina compreendeu que o Governo espanhol renegava os seus direitos a qualquer atuação na sua Pátria. E, intemerosa<sup>188</sup> e vibrante, ela se atirou com afinco a fazê-lo mudar de opinião, conseguindo-o finalmente à custa de muito trabalho e de muita arte.

---

<sup>187</sup> Expressão francesa: autoproclamado; autodenominado.

<sup>188</sup> Destemida.





## CAPÍTULO XV

Já em Portugal os folhetos contra Carlota Joaquina eram numerosos e muito sofria com eles o amor-próprio da infanta. Entretanto, debalde ela suplicava ao marido que pusesse um termo aos mesmos, D. João, indiferente e bonachão, não se queria incomodar.

– Vereis – disse Carlota, notando a inércia invencível do príncipe – que eu acabo com isso.

E efetivamente acabou, porquanto, tendo a seu serviço o famoso Couto da Judiciária,<sup>189</sup> rapagão destemido e robusto, ela o encarregou de descobrir o autor do folheto-pasquim.

Dias depois o mancebo aparecia, dizendo-lhe:

– Alteza, o autor dessa porcaria é o padre José Agostinho.<sup>190</sup>

– Um padre! E ele tem coragem de escrever tais infâmias! – exclamou a princesa, espantada. – Sacerdote ou não, ele me pagará e com juros!

– Aquilo nunca foi ministro de Deus, Alteza, tem mais vícios e mais manhas do que cabelos – continuou o Couto. – Do que ele precisa é de uma boa surra de pau.

– Nada de surras – murmurou a infanta, de sobrecechos cerrados –, esse castigo será pequeno e banal para tão sujo proceder.

– E se mal lhe ousar perguntar, que pretende fazer desse homem, Alteza? – indagou, tímido, Couto.

---

<sup>189</sup> Cintra (1934, p. 23) afirma tratar-se de Antônio Couto, filho de João Couto, mordomo do palácio. Conforme o autor, Antônio Couto era da *judiaria* (e não *judiciária*, como fala Chrysanthème). A *judiaria* era o bairro onde, por lei, os judeus eram obrigados a residir. As primeiras *judiarias* em Portugal foram as de Coimbra, Lisboa e Santarém.

<sup>190</sup> José Agostinho de Macedo (1761-1831), padre e escritor português, com textos de estilo polêmico e agressivo.

– Deixe-o comigo, deixe-o comigo, que uma espanhola sabe sempre vingar uma afronta – declarou Carlota Joaquina. E, depois de pensar alguns minutos, fitando o homem da Judiciária, a infanta falou:

– Olhe, Couto, com o auxílio de alguns companheiros, pegue esse padre obscuro e lhe sirva um clister<sup>191</sup> de pimenta. Em seguida, tire-lhe a batina e solte-o nu em pelo, no bairro das marafonas.<sup>192</sup>

Escreve Assis Cintra:

E assim foi castigado o padre José Agostinho, famoso escritor [de panfletos anônimos, acrescento eu] e orador *sacro* de Portugal e ao mesmo tempo famigerado devasso e rival de Bocage em poesias escabrosas.<sup>193</sup>

O caso é que Carlota Joaquina vingou-se com sal e pimenta das ofensas de José Agostinho, que, solto nu na via pública, só encontrou o manto de Maria da Luz,<sup>194</sup> atriz do Teatro dos Condes<sup>195</sup>, para encobrir-lhe a anatomia exposta. E parece que esta não era má de todo, visto que pouco depois se tornava amante dessa Samaritana<sup>196</sup> de uma nova espécie.

Todavia, tempos depois, a infanta e o padre se encontravam no palácio: a primeira, irônica, e o segundo, meloso:

– Sua Alteza já foi informada da agressão que sofreu?

– Ligeiramente. E como se sente o reverendo depois dela? – indagou, mimosa, a princesa.

– Completamente curado – respondeu, triunfante, o sacerdote.

---

<sup>191</sup> Enema, lavagem intestinal.

<sup>192</sup> Expressão utilizada para referir-se a local onde há prostituição. Marafona é um sinônimo para prostituta.

<sup>193</sup> Cintra, *Os escândalos de Carlota Joaquina*, 1934, p. 25. O citado Bocage é Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), poeta português cuja obra se notabilizou pelo caráter satírico, erótico e pornográfico.

<sup>194</sup> Maria da Luz, uma atriz cômica do *Teatro da Rua dos Condes* e posteriormente amante do padre José Agostinho.

<sup>195</sup> *Teatro da Rua dos Condes*, localizado na rua dos Condes, na cidade de Lisboa. Em 1916 passou a chamar-se *Cinema Condes*.

<sup>196</sup> Natural ou habitante da Samaria, região da Palestina; pessoa bondosa ou caridosa, por referência à *Parábola do bom samaritano*, do Evangelho de S. Lucas 10, 30-37.

– E não se queixa ao senhor bispo?<sup>197</sup> – continuou Carlota Joaquina.  
– Aliás, não sei bem do que se trata, reverendo. Poderia narrar-me em que consistiu a agressão? – perguntou maliciosamente ingênua a princesa.

José Agostinho tartamudeou<sup>198</sup> qualquer cousa, enquanto Carlota Joaquina, sarcástica, dirigindo-se ao bispo, presente, dizia:

– O senhor padre José Agostinho deseja queixar-se a Vossa Ex.<sup>a</sup> do brutal atentado de que foi vítima. Quererá o senhor bispo ouvi-lo?

– Pois não, estou às suas ordens, reverendo – replicou o bispo, inclinando-se.

O padre José Agostinho, porém, mudou de lugar e silenciou.

A infanta, num canto, ria às gargalhadas, monologando:

– Vai, *chucho*,<sup>199</sup> vai queixar-te ao bispo e chorar na cama, se quiseres!

O padre, no entanto, insistiu em versalhar contra o Couto, que, protegido e empregado, abandonou Lisboa, partindo para o Rio. E breve ouviam-se essas quadras:

*Não era o bom padre  
Avaro e catinga,<sup>200</sup>  
E por isso lhe deram  
Pimenta em seringa.  
E em pelo o puseram  
Numa rua de truz<sup>201</sup>  
Mas uma bela que o viu  
Deu-lhe um capuz.*

---

<sup>197</sup> A expressão “queixar-se ao bispo”, neste contexto irônica, alude ao pensamento antigo em que, esgotados os recursos à autoridade civil, se imporia o prestígio eclesiástico. Este instituto jurídico consolidou-se no Código Visigótico, do século VII, onde se observava que os querelantes, sentindo-se prejudicados pela sentença de um juiz, podiam queixar-se ao bispo; este poderia avocar a si as pendências, reformá-las e castigar os magistrados.

<sup>198</sup> Falou com dificuldade, gaguejando.

<sup>199</sup> Palavra espanhola: cão.

<sup>200</sup> Fedorento.

<sup>201</sup> *De truz*, muito boa; que causa sensação.





## CAPÍTULO XVI

D. João VI gostava de fazer espionar a mulher pelos seus fâmulos<sup>202</sup> e favoritos. Assim, o valido Lobato e reposteiro<sup>203</sup> Chalaça<sup>204</sup> viviam espreitando e comentando, no Rio de Janeiro, os atos e as palavras da princesa.

Muito naturalmente, Carlota Joaquina votou-lhes um ódio de morte, procurando todos os meios de pegá-los em erro.

Usando de diplomacia, ela soube, pela boca de certa criada, ao serviço da princesa Maria Teresa, que o tal Francisco Gomes da Silva (o Chalaça) cortejava, nunca platonicamente, a dama de honra<sup>205</sup> Eugênia Costa.<sup>206</sup>

Aproveitando-se da sesta do amo, sucedida entre as duas e três horas da tarde, o Chalaça deixava-se vencer pelo deus Cupido,<sup>207</sup> e isso na própria sala de costura do Paço.

D. João não admitia o amor ilegítimo. Moralista para os outros, ele se fizera uma moral e uma justiça para si, enquanto que, agressivo e rude, condenava brutal e facilmente o próximo.

---

<sup>202</sup> Criados, serviçais.

<sup>203</sup> Criado da casa real responsável por movimentar as cortinas que imitavam ou substituíam as portas, mover a cadeira para o monarca sentar-se ou se levantar e colocar a almofada quando este se ajoelhava.

<sup>204</sup> Francisco Gomes da Silva (1791-1852), filho adotivo de Antônio Gomes da Silva, ou-rives da casa real. Conhecido como *Chalaça* pelas pilhérias que fazia. Foi, entre outros cargos, secretário particular (e amigo) de D. Pedro I.

<sup>205</sup> Dama de companhia, aia.

<sup>206</sup> Eugênia, dama da casa real, de sobrenome Costa, segundo alguns textos, ou Castro, segundo outros. Não há maiores informações a respeito.

<sup>207</sup> Na mitologia romana, deus romano do amor, filho de Vênus e Marte.



Carlota Joaquina, que conhecia esse vezo do marido e não desconhecia também os zelos, acompanhando o afeto deste pelos favoritos, decidiu aproveitar-se da situação.

– Crês na honestidade desse Chalaça, a quem incumbiste de vigiar-me? – perguntou certa tarde a infanta ao esposo.

– Creio – replicou João – e por ele poria a mão no fogo!

– Como és néscio e confiante, João! E se eu te der uma prova do pouco valor e moralidade do teu favorito?

– Tolices! Estou certo de que não tens prova nenhuma da desonestidade de Francisco. O que queres é separar-nos!

– Espera, *hombre!*<sup>208</sup> Espera, que breve saberás a verdade. Essa moralidade, que aprecias tanto, não encontrou abrigo nem no palácio.

E, saindo, Carlota bateu violentamente a porta atrás de si.

Todavia, muitos dias não eram passados que a infanta, com um sorriso de triunfo nos lábios, procurava D. João, despertando-o da sesta costumeira.

– Calça as tuas chinelas e veste depressa o teu roupão, que te levarei a apreciar um espetáculo deveras interessante.

D. João, depois de largo bocejo, que lhe escancarou a boca gorda e oleosa, seguiu a mulher, resmungando.

Carlota Joaquina, sem falar e em passo macio, conduziu-o à sala de costura, onde o Chalaça e a bela Eugênia trocavam beijos ardentes e entoavam o canto da volúpia amorosa.

D. João empalideceu como uma mulher ciumenta diante da cena avistada, enquanto Francisco Gomes da Silva, abandonando a amada, caída em síncope, ajoelhava aos pés do seu amo.

– Que infâmia! Como é possível que tu, Francisco, me ludibries tão brutalmente e transformes o meu Palácio em ninho de amores vis! Sai depressa da minha presença e, no teu quarto, espera as minhas ordens. Quanto à senhora – acrescentou D. João –, está desde já despedida do seu cargo junto à minha filha.

---

<sup>208</sup> Palavra espanhola: homem.

E cambaleante, em companhia da mulher vitoriosa e vingada, D. João abandonou a sala, onde vira reinar a tão temida Imoralidade.

No corredor, Carlota Joaquina quis ter a última palavra naquela cena de comédia e, virando-se para o trêmulo companheiro, falou-lhe sorrindo:

– Vês que eu tinha razão quando te dizia que o Chalaça, incumbido por ti de me vigiar, não valia nada. E espero provar-te o mesmo do outro, desse infame Lobato, a quem escreves cartinhas suspeitas cheias de carinho estranho.

– Deixa-me, mulher, deixa-me, pelo amor de Deus! – gritou D. João, indignado com o triunfo completo da mulher. – Vingar-me-ei e estará tudo acabado.

E ao criado:

– Chama depressa Tomás Antônio,<sup>209</sup> que preciso de um serviço dele.

Carlota Joaquina, satisfeita, retirou-se. Antes, porém, de fazê-lo, soube de uma das suas açaфatas que os dois pombinhos haviam fugido do Paço, sem atender às ordens do marido.

Rindo-se às gargalhadas, a infanta voltou de novo para junto de D. João, dizendo-lhe sarcasticamente:

– Tarde piaste, João! Os dois pombinhos fugiram.

– Fugiram? Que canalhas! Eles me pagarão dobrado. Chamem o corregedor do crime<sup>210</sup> depressa.

E, dessa vez, foi ele quem fechou a porta à cara da mulher.

Dias depois, a melancólica Maria Teresa levava à mãe, moradora, nesse tempo, em Botafogo, um número da *Gazeta do Rio de Janeiro*,<sup>211</sup> em que ela leu o seguinte:

---

<sup>209</sup> Tomás Antônio de Vila Nova Portugal (1755-1839), advogado e político português, homem de confiança de D. João VI. Foi ministro de várias pastas no Brasil.

<sup>210</sup> O *corregedor do crime da Corte e Casa* era, no Brasil Império, o magistrado superior criminal. Servia à Casa Real, atuando na comarca onde estava instalada a Corte. Também lhe cabia o julgamento de crimes na Casa da Suplicação (órgão judicial que analisava sentenças de morte).

<sup>211</sup> Primeiro jornal impresso no Brasil. Não era órgão oficial, apesar de impresso na Imprensa Régia. Limitava-se à publicação dos atos oficiais e à transcrição de notícias estrangeiras. Circulou de 1808 até 1822.

Senhor Corregedor do Crime: – Não devendo ficar impune o desatino em que caiu o reposteiro da Câmara Real, Francisco Gomes da Silva, de abusivamente aliciar e raptar uma dama de honra, é el-rei nosso senhor servido que vossa mercê faça intimar o sobredito reposteiro que não entre mais no Paço e que deve sair para fora da Corte, numa distância de dez léguas, *até segunda ordem*. O que participo a vossa mercê para que o execute. Deus guarde a vossa mercê. – *Tomás Antônio*.

Carlota Joaquina, após ler essa sentença, abraçou a filha e, contentíssima, murmurou:

– Venci este inimigo e vencerei os outros! Teu pai é um ingênuo e um fraco. Sou, porém, espanhola e não sei perdoar.

Ela não contava, porém, com os historiadores malévolos e suspeitos!



## CAPÍTULO XVII

Em 1808, negras nuvens políticas planavam sobre a América do Sul, fazendo surgir o mal-estar e o terror. Balançando-se entre soluções diversas, esse continente hesitava em tomar uma atitude que o salvasse dos perigos que o ameaçavam. Acreditavam os espanhóis americanos que, mais tarde ou mais cedo, a Espanha se submeteria ao jugo de Napoleão e que era indispensável tomar-se uma resolução qualquer a fim de impedir tal atentado. Carlota Joaquina compreendeu logo a situação e procurou reunir em torno dela os americanos. A vida inteligente<sup>212</sup> e a diplomática ação dessa mulher quase conseguiram esse triunfo: o de constituir com as províncias do Rio da Prata uma monarquia absoluta, à testa da qual ela se colocaria como regente, até que a sua dinastia fosse reconhecida oficialmente pelas potências.

Manoel Belgrano,<sup>213</sup> num assomo de orgulho patriótico, aceitou o plano de Carlota Joaquina, formando um partido em seu favor. Os americanos, cansados também de suportar a inquietação e as ameaças que planavam no ar, confiaram na infanta da Espanha, que lhes prometia calma e liberdade.

Belgrano, ele próprio, iniciou o curso das negociações necessárias em projetos de tal ordem, enquanto D. Carlota contava para a sua solução com o apoio incondicional do vice-almirante Sidney Smith.

---

<sup>212</sup> Conforme o original. Possivelmente, a palavra seja *viva*.

<sup>213</sup> Manuel José Joaquín del Sagrado Corazón de Jesús Belgrano (1770-1820) foi um economista, político, advogado e militar argentino que promoveu, temporariamente, as aspirações de Carlota Joaquina ao Vice-Reinado do Rio da Prata.

O secretário da infanta, Dr. José Presas, era o grande confidente dos seus planos e, correspondendo-se este com um frade argentino, sabia pormenorizadamente de tudo que sucedia em Buenos Aires.

Assim, enquanto, no Rio da Prata, Carlota Joaquina era enaltecida, elogiada *na sua personalidade moral e física*, “até o ponto de ser considerada como a única pessoa capaz de realizar tão luminoso projeto”, no Rio, D. João VI começava a conceber a ideia maquiavélica de destruir os planos da infanta. Ignorando isso e prosseguindo na sua ideia de servir à Espanha, D. Carlota enviou uma carta, falando do estado de relações entre Montevideu e Buenos Aires e propondo partir para o primeiro a fim de, com a sua presença, acalmar os ânimos e poder exercer a sua influência de mais perto.

Aí, o carro saiu dos trilhos, visto que, para abandonar o Rio, ela precisava obter uma licença do príncipe regente, que, após concedê-la, a retirou.

Até então, pouco ou nada dos projetos da infanta era conhecido no Brasil. O conde de Linhares, porém, os descobriu e deu parte dos mesmos a lorde Strangford, que, usando do seu poder sobre o príncipe regente, começou com este o combate contra D. Carlota.

O vice-almirante Sidney tinha já posto uma nave inglesa ao serviço de D. Carlota, a fim de transportá-la a Buenos Aires, quando soube que essa viagem se tornava impossível, devido à proibição de D. João VI. Dona Carlota, porém, não se deixando vencer, esperou a chegada da fragata<sup>214</sup> espanhola La Prueba, que a deveria levar ao Rio da Prata, após ter terminado a sua missão junto ao príncipe regente. Assim, depois da conferência havida entre a infanta, o seu secretário e o comandante da fragata, ficou determinado que esta ficaria no porto do Rio de Janeiro às ordens da princesa, sem reconhecer os direitos do príncipe em rechaçá-la. Entretanto, apesar da sua qualidade de infanta de Espanha, Carlota Joaquina, ao apressar a partida de La Prueba, viu

---

<sup>214</sup> Navio de guerra a vela, de três mastros, com apenas uma ou duas cobertas de canhões.

desrespeitadas as suas ordens pelo comandante, que se negou a guardar silêncio, indo ele próprio comunicar tudo ao príncipe e ao embaixador inglês.<sup>215</sup>

O secretário da infanta, Dr. José Presas, exerceu papel importante em todo esse negócio, mostrando-se inteiramente devotado à sua ama e senhora. O comandante, todavia, provou a sua duplicidade, indo pedir em pessoa ao príncipe e a lorde Strangford licença para partir imediatamente, burlando assim as ordens de Carlota Joaquina.

D. João VI, todavia, com a sua manha habitual, pareceu mudar depois de opinião, declarando que, se chamada realmente, a infanta obteria licença de embarcar. Ele agiu assim espontaneamente, sem consultar ninguém e impelido por interesse ainda mal determinado. No entanto, *seis dias* depois, Carlota Joaquina, espantada, via retirarem-lhe a permissão obtida, sendo proibida de intervir em qualquer questão do Rio da Prata ou em qualquer outra que tivesse relação com a América Espanhola.

O medo da Grã-Bretanha forçara o futuro rei do Brasil a cambiar de propósito e a retirar a sua palavra dada à esposa.

Hipócrita e tartufo, D. João ousou insistir de modo ridículo na dor que lhe causaria a separação de com a infanta, o que fez esta sorrir deveras, visto que o seu desdém de mulher forte contra o homem fraco, que era o marido, aumentara com o tempo e com a psicologia que ela fazia dele.

Carlota Joaquina, firme e resoluta, não se desanimava, todavia, facilmente diante dos obstáculos que lhe semeavam o caminho. Indiferente às recusas do esposo, dominado pelo terror da Inglaterra, ela teve, porém, de desistir dos seus projetos em frente às negativas dos grandes homens argentinos acovardados em a aceitarem como regente.

Comparemos agora as atitudes da sempre caluniada Carlota Joaquina com as do seu real esposo e notaremos a superioridade da primeira, franca, luminosa e valente, sobre a do segundo, medroso, hesitante e subserviente.

---

<sup>215</sup> A fragata espanhola *La Prueba* aportou no Rio de Janeiro em novembro de 1808. Carlota Joaquina arquitetou um plano para se apropriar da fragata, a fim de que pudesse embarcar para Buenos Aires e consagrar-se rainha das províncias do Prata, mas não conseguiu convencer o comandante de seus intentos, partindo a embarcação e ficando a infanta no Rio de Janeiro.

Mas... mulher, ela atraiu e atrai ainda os insultos e as calúnias do sexo adversário pelo seu caráter indomável, o seu desprezo pelas intrigas mesquinhas da época e até pela bravura demonstrada diante da sua própria Pátria, teimosa em não reconhecer os seus direitos eventuais à coroa da Espanha.

Pedro Calmon escreve no seu livro *O rei do Brasil* a respeito desse negócio, no qual ridicularizam, alguns escritores, a figura da princesa Carlota Joaquina:

Linhares, em audiências matutinas, arejadas pela brisa cheirosa do golfo (?),<sup>216</sup> aquecidas pelo sol de oiro do inverno carioca, desdobrava o seu raciocínio. *A princesa preparava-lhes o caminho; depois, transitariam livremente.* NEM POR UM INSTANTE, D. JOÃO IMAGINOU LARGAR METADE DA AMÉRICA À ESPOSA, *que era temível na sua fraqueza de mulher acuada, desvalida, cercada de criados vendidos e de filhos malcriados.* Condenara-a a terminar a sua vida em família que não a suportava, *num suplício intolerável – impedida de ser o que o seu gênio permitia e que as circunstâncias miríficas<sup>217</sup> autorizavam, escravizada, pela represália dele, a deveres convencionais, a um lar há muito despeito.<sup>218</sup>*

Carlota Joaquina padecia horrivelmente dentro do círculo de ferro em que a tinham aprisionado.

E quando D. João, na voz melosa de que se servia nas ocasiões difíceis a que o obrigava a sua falsidade, negou à princesa a licença de partir, esta, encolerizada, teve ímpetos de bater-lhe no rosto fingidamente melancólico e dulçoroso. E ao vice-almirante Sidney Smith ela já tinha escrito:

*No creo en el príncipe. En todos los negocios de responsabilidad, él tiene dos caras e dos opiniones.<sup>219</sup>*

---

<sup>216</sup> Marcação da autora.

<sup>217</sup> Extraordinárias, admiráveis.

<sup>218</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 155, trechos. Destaques da autora. A última palavra da citação, na obra de Calmon, é *desfeito*, e não *despeito*.

<sup>219</sup> Frase espanhola: *Non acredito no príncipe. Em todos os negócios de responsabilidade, ele tem duas caras e duas opiniões* (tradução livre).

E Carlota Joaquina estava com a razão, porquanto, não satisfeito em privar a mulher da sua liberdade, D. João puniu Sidney Smith, escrevendo uma carta ao príncipe regente da Inglaterra, declarando que aquele divergia completamente do embaixador inglês e era capaz de praticar qualquer imprudência.

Sidney Smith, entretanto, ao saber da história, penetrou violentamente no quarto de D. João, que o recebeu risonho e afetuoso. E, como o almirante exigisse dele uma carta, desmentindo o que dissera na outra, ele jurou fazê-lo, demorando, porém, *um mês* a executar-se, o que originou a destituição de Sidney Smith do seu cargo no Rio de Janeiro. Duplicidade e covardia!







## CAPÍTULO XVIII

Não, exclusivamente, em assuntos políticos D. João VI contrariava Carlota Joaquina, mas também em assuntos íntimos.

Durante todo o ano de 1809, no Paço da Boa Vista,<sup>220</sup> do Rio, D. Pedro Carlos e Maria Teresa namoravam-se sob as vistas indulgentes de D. João.

A infanta detestava o príncipe, conforme já se disse, vendo-o carola, guloso e neurastênico como o marido. Mas... o amor da filha e a autoridade do esposo venceram-na, obrigando-a a inclinar-se diante do que não podia impedir.

Furiosa e vermelha, ela assistiu às grandes festas do noivado, que foram maravilhosas. Descreve-as assim Pedro Calmon:

O povo, que enchia o terreiro, exultava entusiástico e a tropa formava com os estandartes e os uniformes de gala. Ao soar de todos os sinos da cidade e das salvas das fortalezas, o cortejo saiu lentamente: à frente o príncipe dando a mão ao noivo, em seguida Carlota Joaquina, pálida e trêmula, com a noiva, depois, hierática,<sup>221</sup> de negro, os cabelos todos alvos, abrochados de diamantes, a princesa do Brasil, viúva, com o seu camarista,<sup>222</sup> os fidalgos de casaca encarnada e as damas de manto de púrpura, chamejando ao sol como labaredas tremulantes.

---

<sup>220</sup> O paço, hoje *Quinta da Boa Vista*, foi a residência da família real portuguesa no Rio de Janeiro. A propriedade fora doada pelo traficante de negros Elias Antônio Lopes, na chegada da família real ao país. Hoje, é um complexo paisagístico e arquitetônico histórico, incluindo o *Museu Nacional de Arqueologia e Antropologia*, que sucumbiu a um incêndio em 2018.

<sup>221</sup> Solene, formal.

<sup>222</sup> Camareiro. Membro da corte que é admitido à câmara real, privando da intimidade dos soberanos.

As fanfarras<sup>223</sup> soavam, os aplausos fundiam-se aos ecos dos tiros e na música dos carrilhões<sup>224</sup> e o esplendor das armas doirava-se do incêndio do poente – ao entardecer do domingo farto...

O casal respirava a alegria e a glória da sua paixão, protegida pelo Estado. Tão pouco tempo duraria!<sup>225</sup>

E ao contemplar esses festejos brilhantes, sublinhados pelas danças dos africanos enfeitados à moda do seu país natal e remexendo-se ao som de instrumentos bizarros e desconexos, no meio de todo esse ruído e de toda essa luz, Carlota Joaquina experimentava funda tristeza nostálgica e piedade imensa da sua filha.

Na véspera, a sós com a princesinha, ela lhe dissera:

– *Hija mia*,<sup>226</sup> pensa bem no que vais fazer. Pedro Carlos é um frouxo, um beato, um melancólico. E, também, não tem a saúde nem a varonilidade de um homem. Pensa, Maria Teresa, que uma mulher só será dominada e guiada por um marido robusto física e moralmente.

– Mas eu o amo tanto, assim mesmo como ele é – respondeu a princesinha.

– Sim? – replicou a mãe, torcendo as mãos de desespero. – É uma ilusão esse teu amor e verás mais tarde o sofrimento dissipá-la tristemente.

Maria Teresa baixara a cabeça e, nos seus largos olhos portugueses, brilhou a certeza de ser feliz.

Carlota Joaquina não mais insistiu: ela sabia que não venceria a teima nem a inércia dos Braganças.

E o matrimônio se realizou.

Em 1810, chegou ao Rio de Janeiro o embaixador da Espanha, Casa Irujo, que imediatamente compreendeu a situação. Talentoso

---

<sup>223</sup> Bandas musicais, com instrumentos de metal.

<sup>224</sup> Conjunto de sinos, geralmente nas torres de igrejas.

<sup>225</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 168-169. O trecho citado não corresponde exatamente ao texto original.

<sup>226</sup> Expressão espanhola: filha minha.

e fino diplomata, Casa Irujo, que se mostrou hesitante em considerar excelentes, para o país que representava, os planos de Carlota Joaquina, que, aliás, o recebeu muito amavelmente, enviando Presas perguntar-lhe se precisava de qualquer auxílio.

No dia 16 de agosto desembarcou o embaixador e, por meio do secretário da embaixada, avisou da sua chegada o conde de Linhares, combinando este com ele apresentá-lo no dia seguinte ao príncipe regente. Terminada essa audiência, recebeu-o também Carlota Joaquina, cercada das suas filhas, mostrando-se, na conversa, mais infanta espanhola que rainha portuguesa.

Se o príncipe regente acolheu amistosamente o marquês de Casa Irujo, o mesmo não sucedeu com a sua camarilha de favoritos e de amigos interesseiros.

A infanta, porém, exultou, crendo ver no embaixador um elemento de importância para a realização dos seus projetos. Iludia-se, visto que o marquês, indiferente aos dois partidos reinantes, decidira obedecer passivamente às ordens trazidas do seu país. E uma delas seria afastar por completo da mente de Carlota Joaquina a ideia de pretender a ser regente da Espanha. Em seguida terminar com o objetivo português de desmembrar as colônias espanholas e, por fim, cortar as asas da América. A infanta não se enganou por muito tempo sobre a missão e a solidariedade do embaixador da sua Pátria. Mudou de política, devido às oposições encontradas no momento, mas não variou de ideias. O papel de D. Carlota, depois dos sucessos havidos em Buenos Aires e da chegada de Casa Irujo, estava terminado, e ela se devia aquietar e recolher à sombra. A infanta, porém, julgava a resignação uma fraqueza e uma humilhação.

Assim pensando, recomeçou intenso trabalho, intentou novos planos, contando, apesar de tudo, com o auxílio do Governo espanhol.

Antes disso, nos fins de 1809, chegara do Rio a notícia da convocação das Cortes de Cádiz,<sup>227</sup> em Espanha. A notícia desagradou

---

<sup>227</sup> Assembleia constituinte instalada na cidade de São Fernando, província de Cádiz (Andaluzia) em 1810, posteriormente transferida para a capital Cádiz em 1811 por causa da Guerra de Independência Espanhola (1808-1814).

imenso ao príncipe regente, que, pela primeira vez, compreendeu a sua cobardia fugindo de Portugal, e teve medo de que, seguindo o exemplo da Espanha, o seu povo as convocasse igualmente, diminuindo as prerrogativas absolutas da sua coroa. E, sempre tartufo, declarou a Casa Irujo que se havia forçosamente de tomar uma decisão no caso em que as Cortes espanholas, poderosas como eram, elegessem a infanta D. Carlota para exercer as funções executivas.

Acrescentava que, de acordo com o conde de Linhares, julgava justa a partida da mulher para a Espanha, caso as mesmas Cortes reconhecessem os seus direitos. Nunca esses dous perseguidores maiores da infeliz infanta pensaram no seu interesse, mas somente em afastá-la do Rio de Janeiro, onde ela, como terrível adversária, fazia quase sempre abortar os seus planos de duplicidade e de traição. Esse projeto, porém, não se realizou, apesar dos esforços do príncipe e de Linhares em quererem afastar da Corte portuguesa a princesa espanhola.

Entretanto, já em 1806, quando houve a invasão inglesa de Buenos Aires, a cidade do Rio de Janeiro se tinha convertido em terra de exílio e de encontro para muitos indivíduos decididos a reconquistá-lo. E foram estes os homens que sugeriram a Carlota Joaquina a ideia de proclamar-se regente do Rio da Prata.

Entre eles, todavia, existiam alguns desejosos de proclamar a independência de Buenos Aires sob a proteção inglesa. E estes contrariavam terminantemente os projetos de Carlota Joaquina, que, sempre impulsiva, quis que fossem detidos e castigados. Mas... embora nesse ponto unida a Casa Irujo, ela não conseguiu apressar as negociações, que, longas e complicadas para tal fim, deram tempo a que os conspiradores fugissem, só restando dos mesmos um pobre frade franciscano, que foi expulso do Rio de Janeiro.

O conde de Linhares era, na corte portuguesa, o maior inimigo de Carlota Joaquina, contrariador constante de todos os desejos da infanta.

A história conta que o primeiro-ministro era homem que não recuava diante de nenhum meio, quando se tratava de triunfar. Desse modo, vendo o prestígio da infanta na América do Sul e o apoio que

encontrava em fugir à autoridade de D. João, ele iniciou a luta contra ela, principiando por malquistá-la com os filhos e semeando calúnias de todo gênero sobre a reputação da princesa.

Em 1810, rebentou a revolução em Buenos Aires,<sup>228</sup> revolução que ecoou profundamente no Rio de Janeiro. O príncipe regente temeu que graves consequências o atingissem e fosse o gesto dos argentinos imitado pelos brasileiros. A infanta e o embaixador espanhol, compreendendo melhor a gravidade da situação, uniram-se intimamente, a fim de evitar grandes perigos para as colônias.

Carlota Joaquina mostrou-se então incansável nesse trabalho, sacrificando pela causa da Espanha tudo que podia sacrificar. E, enquanto, durante essa revolução, a figura de lorde Strangford surge altiva, dúplice e despótica, a de Carlota Joaquina aparece enérgica, diplomática e eficiente.

Todos conhecem demasiado o valor da ação da infanta nesse caso para que eu insista em analisá-la. Direi somente que, como sempre acovardado diante dos acontecimentos platinos, o príncipe regente decidiu-se a aceitar os conselhos da esposa e em fazer o que ela determinava, parecendo, aliás, muito estranha e suspeita a Casa Irujo essa maneira de favorecer as pretensões de Carlota Joaquina. Entrementes, Linhares e Strangford, irritados, amaldiçoavam o embaixador espanhol, escrevendo cartas contra ele aos seus governos. E, exclusivamente, a infanta, leal e valente, usava de meios claros, lícitos e previdentes, a fim de evitar um desmoraçamento geral. Sucessos graves realizaram-se ainda em Buenos Aires, sem que a infanta hesitasse em se sacrificar pessoalmente, sem mais esperanças sequer de recompensas ou gratidões. O seu patriotismo fazia parte da sua essência e a Espanha mereceu-lhe sempre imenso amor e imparcial dedicação.

---

<sup>228</sup> A Revolução de Maio, ou Revolução de Buenos Aires, ocorrida em maio de 1810 em Buenos Aires, capital do Vice-Reino do Rio da Prata, foi a primeira revolta bem-sucedida no processo de independência na América do Sul.





## CAPÍTULO XIX

Pelas noites ardentes do verão carioca, Carlota Joaquina não conseguia dormir. Fitando o céu constelado do Rio, ela evocava o da sua bela Espanha e suspirava... Que viera ela fazer tão longe da Pátria e neste Brasil onde se encontrava completamente isolada e combatida? Ela não ignorava as graves calúnias, tisonando a sua reputação, a infâmia das vigilâncias, não lhe respeitando sequer a vida íntima, e a frieza dos afetos daqueles filhos, que amamentara e velara e aos quais ensinavam o molesto<sup>229</sup> e a ingratidão para com a própria mãe!

E ao Presas, a seu lado muitas vezes e por longas horas, nessas noites de agonia e de febre quase mortais, no silêncio escuro e soturno da cidade adormecida, a infanta dizia:

– Que melancólico horror contém esta vida, Presas! Tudo me falta e todos me traem! Só, abandonada e martirizada num país estrangeiro, *padeciendo*<sup>230</sup> *moral e fisicamente, que puedo*<sup>231</sup> *esperar?* Dizem de mim as maiores torpezas, inventam as maiores calúnias. Querem imobilizar-me e inutilizar-me para que não veja ou censure as torpitudes do meu marido, as tiranias de Strangford e a diplomacia empeçonhada<sup>232</sup> e dúbia de Linhares. Em Portugal chegou o povo às últimas covardias e ousaram os favoritos de D. João dar-me um jardineiro do Ramalhão, camponês rude e grosseiro, como amante! Aqui, neste Rio, onde sou uma intrusa, a *espanhola*, como Maria

---

<sup>229</sup> Que causa moléstias, incômodos.

<sup>230</sup> Palavra espanhola: padecendo; sofrendo.

<sup>231</sup> Palavra espanhola: posso.

<sup>232</sup> Corrupta.



Antonieta,<sup>233</sup> rainha de França, era a Austríaca, tenho sofrido insultos, ofensas e insolências, que João não me permite punir. Ah! se eu conseguisse partir, retomar a liberdade perdida!

O seu secretário tentava consolá-la, mas a infanta não era mulher que se apaziguasse com argumentos abusivos.

Ela continuava:

– Minha filha Maria Teresa desposou o primo, Pedro Carlos, sem a minha autorização e mesmo contra a minha vontade: João e Linhares uniram-se para perpetrar esse matrimônio que me desagradava e que eu repelira. *Mire usted*,<sup>234</sup> Presas, tudo o que é contra mim encontra o beneplácito desses dois homens.

À noite, solene e triste, ainda se envolvia no seu véu de constelações, como os homens nos seus lençóis, quando Presas partia, apiedado da ama e senhora, que, embora infanta, surgia-lhe mais infeliz do que ele!

Carlota Joaquina, enervada pelas confidências e mais triste ainda pela evocação dos seus sofrimentos, permanecia muito tempo à janela, mirando os vultos eretos das palmeiras do Brasil, com cujas cabeleiras nenhuma brisa brincava. A cidade escaldava, parecendo vítima de um incêndio oculto, e às narinas da princesa chegava o cheiro forte de folhas apodrecidas, de águas contaminadas, de humanidade em secreção.

Em 1812, D. Pedro Carlos adoecia; de febres nervosas, afirmam alguns, de debilidade congênita, declaram outros.

O fato é que, no dia 26 de maio, ele morria... O enterro foi magnífico, impressionante. Formou a guarnição inteira em redor do esquife<sup>235</sup> e toda a aristocracia da hora desfilou atrás do mesmo. A cidade ecoou ao ruído dos sinos, tocando finados, e inúmeros archotes<sup>236</sup> arderam nas ruas.

---

<sup>233</sup> Maria Antonieta (1755-1793), rainha da França e Navarra, guilhotinada durante a Revolução Francesa.

<sup>234</sup> Expressão espanhola: veja você.

<sup>235</sup> Caixão de defunto; ataúde, féretro.

<sup>236</sup> Tochas, fachos.

Carlota Joaquina, ainda vencida pela emoção, não se impedia de declarar ao marido:

– Tinha eu ou não razões para combater tal matrimônio? Do teu plano, restam uma noiva e um órfão.

O pequeno D. Sebastião,<sup>237</sup> filho do casal, nem conhecera o pai e, no silêncio angustioso da Boa Vista, somente Maria Teresa e o príncipe regente choravam o morto.

Pedro Carlos, nevropata,<sup>238</sup> mudo e esquivo, jamais conseguira o afeto dos que o cercavam.

O luto, entretanto, durou seis meses e a corte portuguesa, de feição já melancólica e soturna, transformou-se num verdadeiro cemitério de vivos, onde o pranto e os suspiros eram de rigor.

---

<sup>237</sup> Sebastião Gabriel de Bourbon e Bragança (1811-1875), filho de D. Pedro Carlos e Bourbon e de D. Maria Teresa de Bragança.

<sup>238</sup> Doente do sistema nervoso; neuropata.





## CAPÍTULO XX

Certa manhã, triste e chuvosa, em que nuvens plúmbeas<sup>239</sup> velavam o céu azul deste Rio tornado inóspito e agressivo na opacidade dessa atmosfera desusada, Casa Irujo pediu uma audiência à infanta. Admirador agora da grande inteligência dessa mulher, que lhe tinham feito conhecer como leviana e sensual em extremo, ele se tornara seu amigo e quase solidário com os seus projetos.

Sobre o velho sofá de mogno, com assento de palhinha, amarelada pelo tempo, Carlota Joaquina tomou assento, enquanto, numa poltrona do mesmo estilo, o embaixador espanhol se instalava, dizendo logo:

– Precisam os espanhóis de cem mil pesos. Mandaram-me dizer de lá, de Montevidéu, que com esse dinheiro e alguma roupa será mantida a sua fiel guarnição. Sem isso, nada feito e tudo por terra! Eu sou pobre, não recebo ordenado, nem casa bancária alguma me emprestaria cem mil réis! Todavia, indispensável se torna conseguir esse dinheiro, *señora! Que hacer?*<sup>240</sup>

Carlota Joaquina mirava-o com espanto. Como conseguir tal quantia? Cem mil pesos constituíam afinal uma fortuna. Mas a princesa não era criatura que desanimasse diante de qualquer esbarro à sua vontade. Transfigurou-se de súbito. Ela arranjará os cem mil pesos, que diabo!

– Como? – perguntou o diplomata, atônito e duvidoso.

---

<sup>239</sup> Da cor do chumbo; soturnas, pesadas.

<sup>240</sup> Frase espanhola: senhora! O que fazer? (tradução livre).

– *Ven-te comigo*<sup>241</sup> e eu te mostrarei de que modo conseguiremos essa importância – respondeu a infanta, erguendo-se do velho sofá e tomando nervosamente a mão do embaixador.

Levantou um velho reposteiro<sup>242</sup> carmesim,<sup>243</sup> abriu uma porta, que rangeu nos seus gonzos,<sup>244</sup> e introduziu o diplomata num aposento, cujo único adorno eram cofres pregueados com as suas armas. Neles, guardava a princesa as suas joias e as suas alaias;<sup>245</sup> as suas ricas mantilhas<sup>246</sup> espanholas e as outras recordações da sua terra.

Simple e quase sem gestos, a infanta falou a Irujo:

– Tenho aqui as minhas joias e tenciono entregá-las todas a ti para o fim a que te referes.

O embaixador mirava a princesa com assombro, sendo esse enorme assombro que o impeliu a escrever mais tarde para a Europa:

*– Admirable la infanta! Me abrió sus cofres y presentó sus joyas, y tomando una en sus manos, me dijo: esta no te la puedo dar porque es el retrato de mi marido, pero todas las demás que aquí ves, y creo valer siete o ocho veces más la suma que necesitas, están a tu disposición. Véndelas, empéñalas, hace lo que quieras, contanto que se socorra inmediatamente Montevideo.*<sup>247</sup>

Comovido, *aturdido*, o marquês quis recusar o dom da infanta. Tamanha magnanimidade atordoava-o.

– E seu marido consentirá que se despoje assim desse tesouro?  
– indagou o diplomata, temeroso da aventura.

---

<sup>241</sup> Frase espanhola: Venha comigo (tradução livre).

<sup>242</sup> Peça decorativa que, como uma cortina, cobre as portas internas de palácios, igrejas e outras grandes construções.

<sup>243</sup> Vermelho; da cor do carmim.

<sup>244</sup> Neste contexto, alude às dobradiças da porta.

<sup>245</sup> Utensílios e adereços de adorno.

<sup>246</sup> Mantos finos e rendados que cobrem a cabeça e caem sobre os ombros. A mantilha é um item do traje tradicional das espanholas.

<sup>247</sup> Frases espanholas: Admirável a infanta! Abriu-me os cofres e apresentou-me suas joias e, pegando uma nas mãos, disse-me: não posso te dar esta porque é o retrato do meu marido, mas todas as outras que aqui vês, e creio valerem sete ou oito vezes a soma que necesitas, estão à tua disposição. Venda-as, penhora-as, faz o que quiseres, desde que se socorra Montevideú imediatamente (tradução livre).

– As joias são minhas, só minhas. Ele nada tem com elas.

– Esperemos um pouco e talvez arranijemos essa quantia sem ser preciso despojá-la dos seus brilhantes – disse Casa Irujo. – Procurarei o príncipe, Strangford e mesmo Linhares e contar-lhes-ei o que sucede.

– Podes ir, *amigo mio*,<sup>248</sup> mas será tudo inútil, verás!

Efetivamente, D. João, consultado, alegou penúria, Linhares, astuto, declarou que daria o dinheiro se, com ele, se fosse embora a princesa, e Strangford, abanando a bela cabeça de anjo louro, afirmou que satisfazer ao colega seria ir contra os interesses do seu país.

Assim, só Carlota Joaquina teve o gesto nobre e impulsivo de querer salvar os espanhóis da América, gesto que ninguém premiou e que muitos ridicularizam.

O castelhano só teve que voltar à casa da infanta, de onde saiu com o embrulho das joias. Constavam elas de três leques, semeados de brilhantes, de pulseiras maciças, ricos colares, dados pela família, arrecadas,<sup>249</sup> broches e brincos de imenso valor. E, mais magnânima ainda, generosa, como uma verdadeira princesa de contos de fada, juntou às joias uma carta, endereçada aos chefes em Montevidéu, na qual lhes recomendava dispusessem daquele dinheiro como se lhes pertencesse. Ele era dom da pátria, dom da Espanha!

Passados alguns dias, explodiu uma grossa cena na Quinta da Boa Vista.

Informada da vilania dos três personagens, aos quais Casa Irujo se dirigira em vão, Carlota Joaquina, encontrando-os reunidos, exprobrou-lhes<sup>250</sup> veementemente o ignominioso proceder. Ao marido, que mastigava uma coxa de frango, retirada da sebosa algibeira,<sup>251</sup> ela acusou de mesquinharria abjeta;<sup>252</sup> ao inglês de

---

<sup>248</sup> Frase espanhola: amigo meu.

<sup>249</sup> Brincos de argola filigranados.

<sup>250</sup> Censurou; repreendeu, criticou.

<sup>251</sup> Bolso integrado à roupa, usado para guardar pequenos objetos.

<sup>252</sup> Desprezível, ignóbil.

felonia<sup>253</sup> torpe, e a Linhares, de tartufice pérfida. Esquecendo protocolo, polidez e etiqueta, ela lhes disse verdades cruas e nuas. E de balde o pobre e aflito marquês espanhol lhe fazia sinais para que se calasse.

Antes de abandonar os três homens, que a escutavam estarecidos, a infanta, virando-se para Strangford, pálido, mas firme, atirou-lhe a última pedrada, dizendo-lhe que ela<sup>254</sup> favorecia as insurreições na Europa, batia os franceses, porém, na América, traía os espanhóis!

O príncipe nada disse, mas, no seu íntimo, jurou vingar-se e vingar os amigos das verdades amargas que a mulher lhes atirara. E vingou-se covardemente como sempre e conforme veremos.

---

<sup>253</sup> Ato desleal; traição.

<sup>254</sup> Conforme o original. Optou-se por conservar o pronome feminino, apesar de parecer equivocado no contexto, pois a autora pode ter intencionado referir-se à Inglaterra, e não a lorde Strangford.



## CAPÍTULO XXI

Casa Irujo, ainda que munido das joias da princesa, não sabia como tirar proveito das mesmas. Assim, inquieto e hesitante, voltou de novo à casa de Carlota Joaquina, a fim de confabular com a mesma, dizendo-lhe:

– Ignoro, Alteza, como poderei converter essas joias em dinheiro. Talvez haja um meio que desconheço.

A infanta, com os brilhantes no regaço, meditava.

– Espera, *amigo mio*, que também a isso darei um remédio. Volta aqui na semana próxima e levarás a importância.

Casa Irujo, confiante na ação de Carlota Joaquina, saiu mais alegre.

A coisa, porém, não foi tão fácil como a princípio parecia.

Debalde a princesa dirigiu-se aos ricos da cidade, tentando empenhar ou vender aquelas magníficas joias, que eram recusadas entre lamúrias ou terrores:

O medo ao príncipe regente impedia-os de realizar o negócio.

Afinal, a infanta lembrou-se de um fidalgo nababesco,<sup>255</sup> que, várias vezes, lhe tinha oferecido os seus serviços. Era o visconde do Rio Seco,<sup>256</sup> que, amável e curvado, se prostrou aos pés de Carlota Joaquina, antes de saber do que se tratava.

---

<sup>255</sup> Possuidor de grande riqueza, que ostenta grande luxo.

<sup>256</sup> Joaquim José de Azevedo, 1º barão e visconde de Rio Seco (em Portugal), 1º barão com Grandeza e visconde com Grandeza de Rio Seco e 1º marquês de Jundiá (no Brasil) (1761-1835), foi um nobre português. Exerceu funções palacianas tanto na corte portuguesa quanto na brasileira, como, por exemplo, conselheiro real e imperial e alcaide-mor de Santos.



Mas... diante da pretensão da futura rainha do Brasil em vender-lhe os seus brilhantes, pôs-se vermelho como um tomate.

– Mentiria a V. Alteza se dissesse que não possui dinheiro suficiente para comprar essas joias, que valem um milhão e oitocentos mil cruzados, por barato. Entretanto, não posso fazê-lo.

– Por quê? – indagou Carlota, já irritada.

– Porque o príncipe não mo perdoaria – replicou vexado o visconde.

– Ora essa, se as joias me pertencem, que tem o príncipe a ver com elas? São regalos do meu pai, Carlos IV da Espanha, e não do príncipe.

– Sei, Alteza, mas o Sr. D. João VI e o Sr. conde de Linhares cairiam como feras sobre mim se eu condescendesse em atender ao pedido de Sua Alteza. Aliás, o príncipe regente já me proibiu de entabular qualquer negócio com a senhora princesa.

– Sim? que grandes canalhas esses dous homens, *caramba!* Pois, se quiser, pode ir já contar-lhes que eu, filha de um rei de Espanha e moradora num país que detesto, precisei de dinheiro e *usted*<sup>257</sup> mo negou. Vá já, visconde, não perca tempo – gritou quase Carlota Joaquina, empurrando o fidalgo para fora da sala.

E tão covarde era este, que, sem hesitar, galopou até os aposentos de D. João, a fim de narrar-lhe o incidente.

E, mal saiu o visconde, o príncipe regente mandou chamar os seus favoritos, a fim de, por sua vez, pô-los ao fato do vexame e das aperturas<sup>258</sup> da esposa.

Lemos agora no livro de Assis Cintra:

D. João, o favorito Lobato e o intendente de polícia<sup>259</sup> estavam reunidos na saleta de despacho do Príncipe Regente. Este último comentava:

---

<sup>257</sup> Palavra espanhola: contração de *vuestra merced*, você, senhor.

<sup>258</sup> Situação difícil; embaraços, apertos.

<sup>259</sup> Paulo Fernandes Viana (1757-1821), magistrado, desembargador e intendente-geral de Polícia da Corte e Estado do Brasil de 1808 a 1821.

– Pois é, Sr. intendente. Está tudo explicado. O gringo Salazar,<sup>260</sup> na carta agradecendo a remessa do prelo<sup>261</sup> [Carlota Joaquina, *com permissão do marido*, havia enviado a Salazar o prelo pedido], reclama da princesa o milhão de cruzados que lhe prometera para o levantamento de tropas que a proclamarão rainha do Reino do Rio da Prata. Já leste a cópia desta carta, Lobato?

– Não, Alteza.

– Pois aqui está ela – disse D. João, tirando de uma gaveta uma folha de papel. – Como sabes, *o intendente de polícia tem dez dos seus melhores agentes em torno da princesa*. Um deles conseguiu embriagar o enviado de Salazar e, cuidadosamente, abrir e tornar a fechar a carta do caudilho<sup>262</sup> à Princesa. Leia, anda!

E o favorito Lobato pegou da cópia da missiva e começou a percorrer as suas linhas:

“Senhora Princesa.

Os negócios políticos do Rio da Prata vão de vento em popa. Falta-nos agora tão somente o milhão de cruzados que Vossa Alteza prometeu para levantarmos o povo e proclamarmos Vossa Alteza Real Rainha do Rio da Prata. Insistimos pela remessa do dinheiro, porque o seu retardamento pode prejudicar a nossa santa causa. Beijo as mãos de Vossa Alteza Real.

Do vassalo reverente e devoto

*José Salazar*”<sup>263</sup>

Lobato deu a cópia da carta ao patrão e iniciou um muxoxo de desdém.

– Esta minha mulher não recua diante de nada – disse D. João, apertando os lábios.

---

<sup>260</sup> José Maria Salazar, comandante da Marinha espanhola e chefe do cabildo de Montevideu em 1810.

<sup>261</sup> Aparelho manual ou mecânico que serve para imprimir.

<sup>262</sup> Chefe militar; líder político que possui uma força militar própria.

<sup>263</sup> Cintra, *Os escândalos de Carlota Joaquina*, 1934, p. 79-80. Destaques da autora.

Movimento no corredor e, de súbito, penetrou no aposento um homem, agente de polícia, que desejava avisar ao chefe que a princesa Carlota Joaquina encarregara o liberto Felismino,<sup>264</sup> negro da sua confiança integral, de entregar o cofre, contendo as suas joias, a bordo do cargueiro *Santa Maria*, onde se encontrava o irmão de Salazar.

O príncipe saltou da sua poltrona ao ouvir tal relato, tornando-se rubro de cólera. Dos seus bolsos caíram ao chão pedaços de frango já dilacerado e a boceta<sup>265</sup> de rapé.

– Corra, Sr. intendente, corra a impedir tamanha infâmia e prenda, se for necessário, o crioulo Felismino e o irmão do famigerado Salazar. Exijo que traga à minha presença esses dois salafrários e o cofre de joias.

Efetivamente, uma hora depois, o irmão do caudilho de Montevideu, o preto Felismino e os brilhantes da princesa achavam-se diante do príncipe regente.

Este, sempre com o seu ar bonacheirão,<sup>266</sup> declarou ao pobre gringo que ele seria detido por algum tempo até que lhe passasse o delírio de proclamar a infanta, sua esposa, Rainha do Rio da Prata.

– Quanto a ti, negro, não morrerás, mas irás passar alguns dias no tronco. Isso te ensinará a não obedeceres cegamente à tua senhora.

E à saída dos dous... culpados, D. João sorria para Lobato com maior afeto do que nunca.

De repente, murmurou para o lacaio favorito:

– Agora, nós, meu amigo: vai depressa à rua Direita e traze-me aqui o ourives da casa real, Antônio Gomes da Silva.<sup>267</sup> Preciso dos seus serviços urgentes, a fim de substituir esses brilhantes por outros.

---

<sup>264</sup> Cintra, em vários trechos d'*Os escândalos de Carlota Joaquina*, 1934, nomeia-o como Felisbino, antes escravo de Carlota, que foi por ela alforriado e a serviu até o fim de sua vida.

<sup>265</sup> Caixinha redonda, oval ou oblonga, feita de materiais diversos.

<sup>266</sup> Bonachão.

<sup>267</sup> Antonio Gomes da Silva, ourives da casa real desde Portugal, tendo vindo para o Brasil junto com a corte portuguesa. Pai adotivo de *Chalaga*.

E foi desse modo, iníquo e escuso, que D. João burlou Carlota Joaquina, substituindo-lhe as joias verdadeiras por falsas.

Nesse tempo, Carlota Joaquina já habitava Botafogo. E, satisfeita, julgava ter remediado ao transe de Montevidéu, quando recebeu um chamado do marido, que, com a sua carta acompanhando a real dádiva, nas mãos, a esperava.

A cena entre ambos foi terrível e houve mesmo um momento em que D. João teve medo de que a mulher lhe batesse como na noite de casamento.

Carlota Joaquina, segura dos seus direitos, exigia as suas joias, enquanto o príncipe, tartufo e bonacheirão, prometia entregá-las, se ela tivesse calma e juízo.

Afinal, com um sorriso de falsa bondade nos lábios, ele meteu nas mãos trêmulas da princesa o cofre de joias falsas, cofre que ela arrebatou, dizendo-lhe, aliás, impropérios e injúrias em castelhano.

A pobre fora completamente iludida, visto que essas joias, mandadas a Montevidéu, voltaram, porquanto não correspondiam a nada.

Pouco tempo depois, Carlota Joaquina era encerrada no Convento d'Ajuda<sup>268</sup> por ordem real.

---

<sup>268</sup> Trata-se do Convento de Nossa Senhora da Conceição D'Ajuda, mosteiro feminino localizado no município do Rio de Janeiro. Derrubado no início do século XX.





## CAPÍTULO XXII<sup>269</sup>

Quem trai é sempre traído. Assim, D. João VI, que havia exilado da sua corte o amoroso Chalaça, viu-se vítima daquilo que tantas vezes fizera aos outros: da duplicidade alheia.

Francisco Gomes da Silva (o tal Chalaça), que, tantas vezes, espiara Carlota Joaquina, a fim de lisonjear o príncipe regente, fora, por seu turno, vigiado e envolvido numa trama diabólica.

Mas... com os olhos e o interesse fixos sempre no Paço, ele não ignorava nada do que lá se passava, sendo um dos primeiros a saber da prisão da infanta no convento d’Ajuda. Desse modo, quando, procurado por certo enviado do almirante Sidney Smith, comandante, ainda nessa hora, da Esquadra Inglesa no Atlântico Sul, convidando-o a ir à sua presença, o ex-favorito não hesitou. Tratava-se nada menos do que libertar Carlota Joaquina do seu encerramento e de fazê-la evadir o mais breve possível, pois a princesa agonizava de tristeza, quando não gritava de cólera.

Mediante dinheiro e muito dinheiro, o filho do ourives da Casa Real se encarregaria de, com o auxílio de quatro marinheiros ingleses, assaltar o muro do Convento e, por meio de uma escada, facilitar a fuga da infanta. Ela se recolheria em seguida a bordo da nave inglesa, disfarçada em marujo, e, daí, partiria para Buenos Aires, a fim de se encontrar com Salazar e organizar com ele e os amigos o reinado do Prata.

---

<sup>269</sup> No original consta “XXIII”, o que foi, provavelmente, um erro tipográfico, e não somente na numeração deste capítulo. Na presente edição, este capítulo, os dois seguintes e o último foram renumerados na sequência correta.

Até certo ponto, a aventura obteve sucesso. Ao ser avisado, porém, D. João da fuga da esposa, tremeu de susto e recorreu aos serviços do conde de Linhares; que, também espavorido,<sup>270</sup> não sabia que resolução tomar.

O pobre intendente de polícia, interpelado, torcia as mãos, na impotência de descobrir o paradeiro da princesa.

– Ela não é pássaro para ter voado fora daqui, sem deixar rastros – dizia o primeiro-ministro, aniquilado.

– Ah! não, minha mulher não tem asas, mas garras – exclamava D. João, mexendo-se e remexendo-se irritado na cadeira.

Chamou depressa o Lobato, lorde Strangford e o marquês de Irujo. Talvez eles saibam de alguma cousa. E também o conde de Anadia, ministro da Marinha. É preciso que Carlota seja encontrada.

Enquanto esse rebanho aristocrático se ocupava de seu desaparecimento, Carlota Joaquina, muito lampeira<sup>271</sup> no seu costume de marinheiro, conversava no seu beliche<sup>272</sup> com Sidney Smith e o traidor Chalaça sobre as incoerências e as imbecilidades do marido.

O ex-lacaio do príncipe era o primeiro a rir-se das *boutades*<sup>273</sup> da soberana, contando, por sua vez e para a lisonjear, os ridículos do patrão.

Entretanto, ao sair da corveta<sup>274</sup> Bedford, abrigo da infanta, Francisco Gomes da Silva ia um tanto inquieto. E, quando o seu digno progenitor, que falseara as joias da infanta, lhe perguntou quanto ganhara para ajudar a princesa a evadir-se de tal convento, ele respondeu:

– Para que quer saber, meu pai?

– Tenho razões fortes para que me respondas – disse o velho.

– Pois bem – tartamudeou o Chalaça –, ganhei 400 moedas de ouro, com as quais pretendo estabelecer-me na rua do Ouvidor.<sup>275</sup>

---

<sup>270</sup> Aterrorizado, amedrontado.

<sup>271</sup> À vontade, serelepe, atrevida.

<sup>272</sup> Camarote na embarcação.

<sup>273</sup> Palavra francesa: tiradas espirituosas ou engraçadas.

<sup>274</sup> Navio de guerra de porte médio e boa mobilidade.

<sup>275</sup> Rua do centro da cidade do Rio de Janeiro.

– Sim? Só recebeste então 400 moedas de ouro por um serviço em que arriscavas a vida? Pouco, Chiquinho, muito pouco, filho! Olha: o senhor conde de Linhares promete mil escudos e mais um esplêndido emprego no Paço a quem o avisar de onde se acha a princesa.

Chalaça abriu os olhos, fungou instintivamente e, depois de meditar alguns minutos, saiu, dizendo para o velho ourives:

– Vou tomar um pouco de ar e já volto.

O ancião sorriu maquiavelicamente e deixou-o ir. Sabia muito bem que as suas palavras não tinham caído nos ouvidos de um surdo. Todavia, ao chegar às portas do Paço, o Judas<sup>276</sup> não foi bem sucedido, porquanto o intendente interno da casa de D. João,<sup>277</sup> não desconhecendo a proibição do mesmo, tentou prendê-lo. Lobato, porém, informado de que o canalha pretextava render um importante serviço ao soberano, pediu a este que o recebesse.

A alegria do Chalaça não teve então limites e, tranquilamente, ele vendeu Carlota Joaquina!...

D. João e seu favorito exultaram. O serviço do traidor era, realmente, enorme, visto que essa revelação permitia ao príncipe, a essa hora rei do Brasil, vingar-se do almirante Sidney Smith, a quem ele odiava e de quem se queixaria ao Almirantado britânico,<sup>278</sup> *embora rodeando-o de iarinhos<sup>279</sup> e de homenagens!*

A infanta gozava da sua liberdade e da esperançosa solução dos seus projetos no Rio da Prata, quando o príncipe regente a foi buscar a bordo da corveta Bedford e a levou ao Paço.

Começou de novo a torturante existência de Carlota Joaquina, mais do que nunca cercada de esbirros<sup>280</sup> do marido, de impopularidade no meio português e do desafeto dos filhos.

---

<sup>276</sup> Traidor, por antonomásia, em alusão à figura bíblica de Judas Iscariotes, apóstolo que traiu Jesus.

<sup>277</sup> Um policial ou segurança da casa real.

<sup>278</sup> De 1707 a 1964, o Almirantado (*Admiralty*) era o departamento do governo britânico responsável pelo comando da Marinha Real.

<sup>279</sup> Termo não localizado. Possível erro tipográfico.

<sup>280</sup> Agentes de polícia; guarda-costas, capangas.



Mais tarde, sabedora da volta do Chalaça e da amante à Corte, onde ocuparam os mesmos postos antigos, ela compreendeu que o infame a traía, comprometendo assim o almirante, que confiara nele.

D. João, esperto, embora displicente, sempre soube explorar os vícios dos seus subordinados e isso em seu proveito.

A infanta, porém, não se resignara a ser despojada das suas joias. E, a fim de se vingar do marido que a prendera num mosteiro e a fora buscar numa corveta, ela o acusou diante do intendente da Polícia de lhe ter furtado os brilhantes.

– Sim, Sr. Intendente, acuso meu marido de se ter apoderado das joias com que minha família me presenteou. E ou ele mas entrega já ou faço um escândalo.

O intendente, perturbado, olhava para um e para a outra, sem pronunciar uma só palavra. Bufava e remia.<sup>281</sup>

– Esse incidente, Alteza – acabou ele dizendo –, não é da minha alçada.

– Não quero saber de nada. Desejo, somente, que os meus brilhantes e esmeraldas roubados me sejam entregues.

D. João, nervoso, tomava rapé, respirando forte, quando Lobato, familiarmente, penetrou no aposento.

D. João sentiu-se animado e mais varonil com a presença do seu favorito.

– Carlota, não sou um ladrão! E se alguém furtou as tuas joias foi o teu amigo Salazar – murmurou afinal o rei do Brasil, espirrando ruidosamente. – E, se continuares a injuriar-me – acrescentou, trocando um olhar com Lobato –, mandarei prender-te!

– Prender-me a mim, infanta de Espanha – gargalhou Carlota Joaquina –, tu, João, não ousarás fazê-lo. És demasiado covarde!

A essa injúria, D. João empalideceu...

Ele, um covarde? quando, afinal, era soberano absoluto?

---

<sup>281</sup> Possível erro tipográfico. No entanto *remir* significa reparar falha ou crime, libertar, resgatar.

– Prenda essa mulher – disse imperiosamente para o intendente – e encerre-a num convento.

O intendente hesitou, mas Lobato, confiante no poder do patrão, avançou para a infanta, que, por meio de um bofetão estralado, fê-lo recuar.

E, diante dos três homens agora estarecidos, Carlota Joaquina abandonou o salão, dizendo, como era o seu costume, em espanhol, as maiores insolências ao rei.

Este, apavorado, pedia, com as pupilas reviradas, auxílio ao intendente e ao lacaio querido, que nada ousavam fazer.

Algum tempo depois, Chalaça, que voltara a conquistar a estima e o afeto de D. João VI, procurou Carlota Joaquina, a fim de – dizia ele – prestar-lhe um relevante serviço.

A infanta, veemente e reacionária como toda espanhola, odiava-o e não o queria acolher. Sugestionada, porém, pela sua dama, ela decidiu-se a ouvi-lo. Curvado, meloso e solícito, o falso Chalaça, que havia vendido a soberana, começou a falar:

– Senhora, vim aqui a fim de dizer-lhe que foi D. João quem roubou as suas joias e meu pai, o pobre, quem as falsificou. Ourives da casa real, ele tinha que obedecer às ordens do seu patrão ou, do contrário, seria encarcerado. Pode-se brincar com D. João, mas não com o Sr. conde de Linhares, sua alma negra.

– Prove-me isso que diz – declarou a infanta – ou eu não acreditarei no que afirma.

Chalaça titubeou alguns segundos, continuando em seguida:

– Juro-lhe que os seus brilhantes foram desmontados e substituídos por falsos. E a prova está – hesitou um leve segundo – neste que furtei do seu diadema.

Efetivamente, Carlota Joaquina reconheceu no belo brilhante róseo um dos enfeites da sua coroa e apertou os lábios.

– Agora acredito-o e faço-lhe presente voluntário da joia roubada, porque *ladrón que roba ladrón tiene cien años de perdón*.<sup>282</sup> E diga-me uma cousa: por que nos traiu se o almirante lhe tinha pago tão generosamente os serviços?

– Eu trair alguém? – clamou Francisco Gomes da Silva. – Seria um infame e acabo de dar-lhe a prova de que não o sou, senhora!

Ele olvidava o furto da joia e outras infâmias de igual jaez<sup>283</sup> e não ignoradas por Carlota Joaquina.

E como esta o mirasse, entre cética e espantada de tão profundo cinismo e ele o notasse, o falsário continuou:

– Juro pelos meus vivos e pelos meus mortos, D. Carlota, que não fui eu o traidor...

E a infanta de Espanha, apesar de toda a sua inteligência e argúcia,<sup>284</sup> acreditou no ladrão e no traidor.

---

<sup>282</sup> Frase espanhola: Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão (tradução livre).

<sup>283</sup> Natureza; conjunto de traços e características.

<sup>284</sup> Senso aguçado de observação, agudeza de espírito; sagacidade.



## CAPÍTULO XXIII

Nesse momento angustioso da sua vida, a infanta de Espanha teve de recorrer a toda a sua coragem e vitalidade para resignar-se às fórmulas de existência que o marido lhe permitia. Mãe extremosa, observava com lástima o desafeto ou a indiferença dos filhos para com ela, a impopularidade agressiva do povo, cercando-a de epítetos<sup>285</sup> malsonantes,<sup>286</sup> de calúnias torpes, a malquerença do conde de Linhares e a vigilância dos agentes de D. João, que não parava nem mesmo diante da sua alcova.<sup>287</sup> Mulher, ela foi atacada na sua honra e, rainha, no seu prestígio. Acuada como um animal, censurada nos seus menores gestos, palavras ou ações, Carlota Joaquina fremia de raiva e soluçava de impotência. O futuro rei do Brasil, metuculoso, mesquinho e perseverante na vingança da sua inferioridade perante a esposa, não desanimava. E, em frente à condenação dos filhos, do povo e do ministro todo poderoso, a infeliz soberana estertorava num país de exílio, entre gente inóspita e adversária, num grande desconforto de alma e de corpo. Se trocava algumas frases com um homem, este era sagrado imediatamente seu amante e se, triste ou mal-humorada, não lhe dava atenção, alcunhavam-na logo de atrevida ou de mal-educada.

Como corvos negros sobre um corpo apodrecido, as infâmias mais abjetas tombavam sobre a sua frente, que não se curvava, mas se enrugava de cólera impotente. E a existência dessa criatura, nascida num centro civilizado, casada aos 10 anos por política com um

---

<sup>285</sup> Qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha.

<sup>286</sup> Desagradáveis à audição.

<sup>287</sup> Cômodo residencial, quarto de dormir.

príncipe neurastênico de raça, enfermiço<sup>288</sup> nas suas ideias religiosas e completamente adverso de mentalidade à esposa espanhola e trazida violentamente para uma primitiva colônia de Portugal, não era certamente de rosas.

Os historiadores, que a acusam, não lhe fizeram a psicologia, adotando uns dos outros uma forma idêntica e impiedosa de a julgarem.

Entretanto, a revolução de Buenos Aires continuava interessando a corte portuguesa e sobretudo Carlota Joaquina. As autoridades espanholas tentavam sufocá-la, mas não o conseguiam. E o governo britânico, por sua vez, decidiu-se afinal a vencê-la, mas, como sempre, sem critério e sem firmeza e simplesmente no terror de que o Brasil imitasse o Rio da Prata, tomando a ofensiva. Quanto ao governo inglês, este favorecia surdamente a revolução, visto que, se ele o quisesse em verdade, ela seria esmagada imediatamente.

Carlota Joaquina, nesse período, conservava-se imóvel, sentindo que nada mais tinha a fazer, mas, incapaz de passividade, prosseguia, desejando a vitória da Espanha e o proclamando bem alto, quando a deixavam manifestar-se. Ela não ignorava a interferência dos britânicos na confusão de Buenos Aires e Salazar igualmente.

Assim, quando se romperam as ligações com Montevidéu, por ordem da Junta,<sup>289</sup> Salazar declarou bloqueado Buenos Aires e toda a costa ocidental.

O marquês de Irujo tremeu ao saber dessa notícia, não ignorando qual seria a cólera de lorde Strangford ao ser informado dela. E, conversando receoso com a infanta, notou que esta, ao contrário dele, recebia-a com agrado.

Todavia, o embaixador inglês não pôde reter uma grande ira, quando foi posto ao conhecimento dos sucessos.

Era a derrota de todos os seus projetos, planos e interesses. Usaria da força ou da influência de Carlota Joaquina, se se tornasse necessário.

---

<sup>288</sup> Que vive sempre doente, enfermo; doentio.

<sup>289</sup> Conforme Francisco Doratioto (2010, p. 11), era uma junta de governo instaurada em Buenos Aires em 25 de maio de 1810 “que se recusava a obedecer outra autoridade que não fosse a do Rei Fernando VII, que fora aprisionado por ordem de Napoleão Bonaparte”.

Por sua vez, o conde de Linhares se irritou e tentou terminar com o bloqueio, dizendo muito prejudicial essa medida e de funestas consequências para todos.

Mas a onda se avolumava cada vez mais e o ódio inglês crescia e surgia, claramente, agora, aos olhos de toda gente.

Trocaram-se cartas, ameaças e ordens entre D. Gastão Vigodet,<sup>290</sup> homem de particular energia e de grande patriotismo, e o almirante britânico, em que o primeiro se recusava tenazmente a satisfazer os interesses ingleses e a terminar com o bloqueio.

Mas... este foi levantado afinal, em dezembro de 1810, para os navios ingleses diante das ameaças do seu governo de reunir maiores forças a fim de proteger o seu comércio. E, desse modo, fracassou o bloqueio em Buenos Aires.<sup>291</sup>

E também, apesar de imobilizada pelo marido, todos esses sucessos tiveram em Carlota Joaquina uma imensa repercussão.

Na corte portuguesa, D. João e o seu ministro insistiram sempre em servir-se dela, da sua influência e do seu prestígio para subordinarem os acontecimentos. Invocavam constantemente os sagrados desejos da infanta a sua bondade e a sua magnanimidade, mas, eles próprios, a tinham desprestigiado de um modo tão cruel e brutal, que ninguém cria mais nos seus protestos.

Transcrevo estas linhas do livro de Pedro Calmon:

Em 24 de Julho de 1811 o sonho de Linhares, do aumento do Brasil com a ocupação do Rio da Prata, começava a realizar-se: o príncipe já ousava divergir de Strangford, que

---

<sup>290</sup> José Gaspar de Vigodet (1764-1835), militar espanhol designado governador de Montevideu em 1810 e, logo depois, em 1811, vice-rei do Rio da Prata, tendo sido o seu último governante.

<sup>291</sup> Continua Doratioto (2010, p. 11): “As condições da independência do Vice-Reino do Rio da Prata criaram circunstância favorável para Dom João ordenar, em junho de 1811, a ocupação da Banda Oriental. Isso ocorreu a pedido do Vice-Rei Francisco Javier de Elío, nomeado pelo Consejo de Regencia de Cádiz e que chegara a Montevideu em janeiro desse ano. [...] Em outubro de 1811, Elío assinou o Tratado de Pacificação com o Triunvirato que assumiu o poder em Buenos Aires, pelo qual as tropas desta foram retiradas da Banda Oriental, enquanto Dom João fazia o mesmo com as suas.”

exigia a neutralidade portuguesa e enganava a mulher, prometendo-lhe a fácil expulsão dos sediciosos, que desdobravam sobre as coxilhas,<sup>292</sup> desde Córdoba até Maldonado,<sup>293</sup> a onda das suas cavalgatas<sup>294</sup> bárbaras. *De fato, a política de D. João fazia-se metódica e, calculadamente, impedira a passagem da infanta a Buenos Aires, estimulara a revolução, dividira-a e agora – para limitá-la – estendia à barra oriental a garra de leão.* Casa Irujo proclamava que era um ardil; a princesa, porém, abraçando-se à esperança de um sucesso decisivo, jurava ser o arrependimento dos inimigos, que, por lhe quererem mal, arruinavam na América a causa dinástica.<sup>295</sup>

Os buenaienses, em verdade, à chegada do interventor Xavier Elio, preferiram firmar um tratado de paz e reconciliar-se a entregar-se ao novo poder, que era o Brasil. O marquês de Irujo alegrava-se, mas a infanta, diante desse júbilo que a irritava, afirmou o seu desgosto nesse trocadilho:

– *Es imposible que este marqués no guste de las guineas inglesas y si yo pudiesse ahora, lo mandaria bien pronto a las costas de la Guinéa.*<sup>296 297</sup>

Linhares, igualmente, mereceu ainda mais ódio da princesa, quando, em voz sacerdotal, a aconselhou a “transferir os seus eventuais direitos à sucessão espanhola para o infante D. Pedro Carlos”.

Todavia, as cortes acabaram reconhecendo em Carlota Joaquina a qualidade de herdeira da coroa, sendo essa notícia recebida friamente no Rio de Janeiro.

---

<sup>292</sup> Alude à Cordilheira Grande (*Cuchilla Grande*, em espanhol), cordilheira formada por coxilhas, que cruza o território do Uruguai do oeste ao leste.

<sup>293</sup> Córdoba é a capital da província homônima, localizada na Argentina. Maldonado é uma cidade localizada ao sul do Uruguai.

<sup>294</sup> Cavalgadas.

<sup>295</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 175. Há ligeiras diferenças em relação ao texto original. Destaques da autora. O texto de Calmon usa o termo *banda oriental*, e não *barra oriental*.

<sup>296</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 176.

<sup>297</sup> Frase espanhola: É impossível que este marquês não goste dos guinéus ingleses e, se eu pudesse agora, rapidamente o mandaria para as costas da Guiné (provável trocadilho entre as palavras guinéus e Guiné. O guinéu, em inglês *guinea*, era uma moeda de ouro utilizada para o tráfico de pessoas escravizadas. Guiné, ou Golfo da Guiné, é um território localizado na costa ocidental da África, pertencente a Portugal entre 1493 e 1778, sendo um posto de tráfico de escravizados e local de extração de ouro).

D. João não a cumprimentou sequer, *tendo-se servido, no entanto, sempre do seu nome para realizar os seus projetos.*

A guerra peninsular<sup>298</sup> rolara mortífera e bárbara e a pobre princesa gastara, nesses anos, o seu patrimônio, o seu talento, a sua dignidade de mulher e a sua paciência em suportar os jogos torpes do marido e do seu ministro.

De novo, o seu amor de mãe sofreu um grande golpe com o casamento de outra filha com um enfermigo sobrinho de Espanha.

Já, nessa época, Carlota Joaquina padecia de terríveis enxaquecas, no meio de um isolamento atroz. Vítima do clima, dos que a rodeavam, dessa nobreza de *parvenus*, infestando a corte, ela vivia abandonada e em revolta, sempre com falta de dinheiro para as suas necessidades, porquanto a sua pensão era mínima e inferior à servida aos favoritos do príncipe.

“*Nunca deixou de ser muito desgraçada no Brasil!*”, escreve Calmon.<sup>299</sup>

Afinal, o conde de Linhares morre de repente,<sup>300</sup> sufocado de cólera e de rancor contra D. João, que o invectivou<sup>301</sup> brutalmente, numa ocasião em que o ministro ousou um desacordo com ele. A escolha do sucessor era difícil, visto que Strangford nunca concordava com o escolhido do príncipe. Afinal, D. João, sempre mais ou menos submisso à Inglaterra, nomeou Aguiar,<sup>302</sup> o velho marquês de Aguiar, para seu ministro. E Strangford aceitou a nomeação.

---

<sup>298</sup> No caso, uma guerra entre Portugal e Espanha, países da Península Ibérica – representados por D. João VI e Carlota Joaquina.

<sup>299</sup> Calmon, *O rei do Brasil*, 1935, p. 178. Calmon inicia a frase com *Não deixou*, em vez de *Nunca deixou*.

<sup>300</sup> O conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, faleceu no Rio de Janeiro a 26 de janeiro de 1812, de uma “violenta febre maligna” (Mello, 1881, p. 57).

<sup>301</sup> Repreender, advertir.

<sup>302</sup> Fernando José de Portugal e Castro, 1º conde de Aguiar e 2º marquês de Aguiar (1752-1717), político e juiz português.







## CAPÍTULO XXIV

Não se pode negar a Carlota Joaquina uma benéfica influência sobre os acontecimentos das colônias espanholas. E um dos maiores serviços pela mesma prestados concretiza-se no fato de destruir os planos políticos do governo português, pois, mediante certo convênio, desapareceriam todas as probabilidades que existiam de ele apoderar-se da banda oriental do Rio da Prata, obrigando-o assim a mudar de tática e de estratégia. Deve-se isso à infanta, que lutou energicamente em favor da Espanha. O embaixador Casa Irujo auxiliou-a muito nesse caso, mas Carlota Joaquina, com a coragem e o dinamismo do seu temperamento, foi a verdadeira beneficiadora da sua Pátria. Desse modo, o espírito da infanta, julgado, por alguns, corrompido e astuto, deu provas da sua força e da sua valentia.

Em janeiro de 1812 chegou, entretanto, ao Rio, como já escrevi, a notícia de que as Cortes de Cádiz reconheciam os direitos à sucessão da coroa espanhola de Carlota Joaquina e de sua descendência. O príncipe regente, sem se demover do seu trato habitualmente indelicado para com a esposa, mostrou-se sobressaltado e iracundo<sup>303</sup> contra a pátria de D. Carlota, temendo que o seu prestígio, renovado, esmagasse o dele. Ela, porém, muito se alegrou com o fato, julgando que ele mudaria a sua triste situação na corte portuguesa. Mas... D. João, falido e risonho, desmanchava-a, todavia, constantemente e, atrás dos reposteiros carmesins, maldizia e condenava a esposa, de quem, aliás, vivia separado, embora mandando-a vigiar de noite e de dia. As devassas sobre a sua conduta continuavam e as calúnias não

---

<sup>303</sup> Colérico, irascível, furioso.

lhe poupavam sequer a sua honra de mulher e de mãe. Acusavam-na de adultério, de traição e até de assassinatos. O conde de Linhares, ainda vivo, procurara uma manhã o príncipe regente, para dizer-lhe:

– A esposa de Sua Alteza envenenou o seu dedicado ministro, conde de Casa Verde,<sup>304</sup> por ter ele ordenado certa devassa contra ela e contra os seus cúmplices desejosos de destroná-lo. O que Sua Alteza devia fazer era encerrá-la para sempre no Convento da Ajuda. Essa mulher é um perigo, D. João! Ao seu favorito Lobato ela odeia tanto como a mim.

O príncipe sorria a fim de acalmar o ministro, mas, no fundo, ele sabia, pelos seus agentes, não ser verdade o que este afirmava. Agradava-lhe imenso a opinião do ministro sobre a mulher e, morcegamente, ele o açulava<sup>305</sup> com o seu riso grosso e bonachão.

Um dia, avisaram D. João que o seu grande amigo Lobato morrera! Entre lamúrias e prantos, foi ordenado o transporte do cadáver para a capela real e chamados os cortesãos e os palacianos para vela-rem o corpo.

– Foi Carlota quem o mandou matar, juro-o – murmurava o soberano, aflito e lacrimoso.

Um frade, que o ouvira, esconjurava-se e, num canto, os outros circunstantes, num tom de falso pesar, lamentavam entre si a sorte do favorito, fingindo não escutar o príncipe.

O intendente de polícia, apavorado, mirava fixamente o cadáver, como se quisesse descobrir no seu rosto o nome do seu assassino. E o nome da infanta pairava naquele ambiente mortuário, sem que ninguém, entretanto, o ousasse pronunciar.

---

<sup>304</sup> Diogo José António de Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, 8º conde de Vila Verde (1747-1806), chefe do governo português entre 1801 e 1803, entre outros cargos. Cintra (1934) cita o conde de *Casa Verde* em vários trechos; no entanto, outras fontes, como Cecília Costa (2022, p. 93), afirmam que o responsável pelo pedido de abertura de inquérito e prisão dos implicados na Conspiração dos Fidalgos foi o conde de *Vila Verde*.

<sup>305</sup> Incitava, acirrava a ferocidade.

De súbito, houve movimento no esquife e Lobato iniciou um movimento com a mão esquerda... Suspiros ecoaram e o “morto” gritou:

– Onde estou eu? Que história é esta?

Todos, numa fuga desordenada, abandonaram o velório, enquanto as mulheres, em clamores histéricos, exclamavam:

– Senhor Jesus! Um defunto a falar, nunca o vimos!

Lobato, porém, erguendo-se completamente do caixão, dizia para o frade, única pessoa que permanecera na capela:

– Estou vivo, bem vivo, frade, nunca morri. Onde se encontra o príncipe?

– Estás bem certo disso, meu filho? – perguntou o frei.

– Se estou certo? Ora, padreco, vá depressa chamar o meu patrão ou me pague já a dúvida infamante de duvidar da minha palavra.

O frade, não querendo ouvir mais nada, levantou o hábito e correu a chamar o príncipe, que, babando de alegria, abraçou-se estreitamente ao favorito ressuscitado.

– Que foi isso, meu amigo, que foi? – indagava o príncipe, apalpando com carinho o seu protegido.

– Uma bala que me feriu, mas não me matou – dizia Lobato, olhando nos olhos de D. João.

– Carlota, hein? – interrogou em voz baixa D. João.

– Ignoro-o, mas não o ignorarei por muito tempo – resmungou o lacaio, em tom de ódio concentrado.

Todavia, não fora Carlota quem lhe enviara o balaço, mas certo patricio de quem ele roubara a mulher. D. João nunca soube do caso, insistindo em culpar a mulher de um crime que ela não cometera.





## CAPÍTULO XXV

Continuava, pois, intragável a vida de Carlota Joaquina no Brasil. Afastada brutalmente dos assuntos políticos, enclausurada numa casa sem nenhum conforto e enferma, sem cuidados e sem carinhos, a infanta vegetava, ansiando por volver a Lisboa, sempre mais perto da sua Pátria do que o Rio de Janeiro.

Nesse tempo, D. João triunfava, vendo refletir-se nas águas do Prata as quinas de Portugal.<sup>306</sup> E não fora isso devido à inteligência da mulher, mas à sua capacidade de político, à sua autoridade de soberano. Estava encantado de ter substituído a anarquia artiguista<sup>307</sup> pela ordem e pela força portuguesas. Considerou-se de súbito um grande homem e exaltou os seus méritos, olvidado do auxílio dos luso-brasileiros. E, como as calúnias insistissem em se tramar contra a esposa, acusada de amar fidalgos e inferiores, ele a repeliu completamente do seu lado, reduzindo-a a um isolamento quase absoluto.

Em fevereiro de 1816,<sup>308</sup> a rainha mãe morria sem ter recobrado a razão.<sup>309</sup> Representara sempre um fantasma naquela corte, cheia de aventureiros, de cretinos e de ambiciosos.

---

<sup>306</sup> As intervenções luso-brasileiras sobre a região da banda oriental (Uruguai) ocorrem entre 1811 e 1817, quando esta região é anexada aos domínios portugueses, com o nome de Província Cisplatina

<sup>307</sup> O artiguismo é um conjunto de ideias políticas, econômicas e sociais de José Gervasio Artigas (1764-1850), o principal líder da Revolução Oriental, movimento revolucionário de independência ocorrido, entre 1811 e 1820, no antigo Vice-Reino do Rio da Prata.

<sup>308</sup> No original consta 1916. Possível erro tipográfico.

<sup>309</sup> D. Maria I faleceu em 20 de março de 1816 no Convento do Carmo, cidade do Rio de Janeiro.

D. João, se, de ordinário, era fraco e mau esposo, mostrou-se sempre bom filho para a progenitora demente, indo todas as manhãs beijar-lhe as mãos cerosas<sup>310</sup> e ajoelhar-se diante dela. Cultuador de protocolos, ele nunca deixava de homenagear a louca, como se esta conservasse o seu juízo perfeito. Ninguém, entretanto, na cidade, pensava mais nesse espectro que era D. Maria I, quando ela faleceu, atraindo de novo a atenção sobre a sua figura.

A filha de D. José I agonizou lentamente em São Cristóvão, sem que a Corte se apercebesse de que ela caminhava para a morte... A sua inumação<sup>311</sup> foi magnífica, porquanto o filho, se detestava alegrias e festas, apreciava muito lamúrias e enterros, onde a nota grave e lamentosa era de rigor. E à sua coroação, sucedida um ano depois, a magnificência foi inferior à do enterro materno.<sup>312</sup>

Entrementes, Carlota Joaquina, ludibriada ainda uma vez pelo irmão Fernando VII, que retomara o trono, insistia em casar a infanta Maria Francisca<sup>313</sup> com o irmão mais moço, D. Carlos.<sup>314</sup>

Realmente, o que a pobre mulher desejava era acompanhar a moça e por esse meio libertar-se do Brasil, cujo clima e atmosfera inclementes a iam matando aos poucos. D. João concordou, mas, como era o seu hábito, reservando-se o direito de mudar de opinião sempre que tal lhe conviesse. Assim, chegado o navio espanhol que levaria a filha, ele lanternou, pediu prazo, exigiu explicações, brigou com a esposa, acabando afinal por deixar ir a infanta Maria Francisca, mas retendo Carlota Joaquina contra a vontade desta.

Não admitia a ideia de conceder à mulher a liberdade que ela lhe pedia como um direito sagrado. Não queria ficar sem a vítima, sobre a qual exercia uma vigilância de inquisidor, lendo-lhe as cartas, cercando-a de espões e tentando adivinhar-lhe os pensamentos mais íntimos.

---

<sup>310</sup> Semelhantes à cera.

<sup>311</sup> Enterro, sepultamento.

<sup>312</sup> D. João VI foi aclamado rei do reino de Portugal, Brasil e Algarves, oficialmente, em 6 de fevereiro de 1818, quase dois anos depois do falecimento de sua mãe,

<sup>313</sup> Maria Francisca de Assis de Bragança, infanta de Portugal (1800-1834).

<sup>314</sup> Carlos de Bourbon, infante de Espanha, conde de Molina (1788-1855).

Carlota Joaquina encarnava para ele uma prisioneira, cujo cárcere era a sua própria casa.

D. João VI estava então no apogeu do seu reinado quando o marquês de Marialva foi sondado a respeito de uma arquiduquesa<sup>315</sup> para D. Pedro. Carlota Joaquina, nessa hora, nem consultada foi... E quando D. Leopoldina,<sup>316</sup> a filha solteira do imperador Francisco,<sup>317</sup> aceitou o príncipe e a coroa de Portugal, a infanta de Espanha ignorou o fato muito tempo. Ela não constava para nada nessa corte, que a maldizia e que ela odiava, pela sua ganância, mesquinhez e inferioridade. D. João VI estava transfigurado de júbilo e de orgulho, olvidando-se até algumas vezes de perseguir a mulher. Desejava deslumbrar Viena com o seu luxo, a sua onipotência, a sua *pose* de rei do Brasil. Carlota Joaquina, posta de lado, surpreendia-se diante da generosidade do marido, que ela conhecera sempre avaro e sórdido. Na intimidade, porém, o rei continuava o mesmo: imundo nos hábitos, desconfortado no seu mobiliário, mal servido e parcimonioso nos gastos... E, antes da chegada de D. Leopoldina, as devassas, as inquirições, as delações encheram vida de D. João VI, sempre suspeito de intrigas e vinganças da infanta e até do filho, D. Pedro.

Afinal, a arquiduquesa surgiu como estrela em firmamento negro... Iluminações, festas, danças tiveram lugar. D. Leopoldina, porém, como Carlota Joaquina, sentia pavor pelo clima, pelos costumes da colônia portuguesa. A escravatura causava-lhe, como à sogra, um mal-estar insofrível. E, no entanto, já o Rio de Janeiro começava nesse tempo a civilizar-se. Havia espetáculos, saraus, e as mulheres ostentavam joias valiosas e *toilettes*<sup>318</sup> elegantes. A Candelária<sup>319</sup> iniciava a sua construção e as casas melhoravam de aspecto.

---

<sup>315</sup> Título nobiliárquico. Os membros da Casa de Habsburgo usavam este título.

<sup>316</sup> Maria Leopoldina Carolina Josefa, arquiduquesa da Áustria, imperatriz consorte do Brasil e rainha consorte de Portugal e Algarves (1797-1826).

<sup>317</sup> Francisco I, imperador da Áustria (1768-1835).

<sup>318</sup> Trajes, vestuários.

<sup>319</sup> Igreja da Nossa Senhora da Candelária, templo católico no centro da cidade do Rio de Janeiro.



A rainha, entretanto, continuava a chamar, com a sua franqueza habitual, o Brasil de África. E convenhamos que, nessa época, com a negrada abundante e maltrapilha a se arrastar pelas ruas, pelas casas e com o seu calor ardente e malsão,<sup>320</sup> o nome era justo e equitativo.<sup>321</sup> O rei, todavia, obedecendo ao seu espírito de oposição sistemática à esposa, declarava a América um paraíso, um Eldorado,<sup>322</sup> um céu aberto. No meio desse júbilo, D. João engordava, sorria, cercava-se de frades, enquanto Carlota Joaquina emagrecia, chorava e adoecia. E iniciou ele próprio os banhos salgados,<sup>323</sup> para os quais se dirigia numa cadeirinha, sustentada por dois negros possantes. O rei do Brasil, mais limpo, parecia então mais nédio<sup>324</sup> e mais moço, impondo a moda dos mergulhos no mar, hábito que a infanta já adotara havia muito tempo e que ninguém notara.<sup>325</sup>

Depois do banho, constituía-se em juiz, em intendente de polícia, recebendo agentes, espíões, soldados. Carlota Joaquina julgava esse proceder do marido indigno de um grande soberano. Mas... ela não tinha voz no capítulo e, solitária, rebelde ao seu destino, definhava lentamente... Vingava-se em falar mal dos adversários, que, por sua vez, se vingavam dela, acusando-a de amores vis, de torpitudes indignas de uma rainha, condenações imundas e injustas, que a história não explica, mas transcreve...

---

<sup>320</sup> Nocivo à saúde; insalubre.

<sup>321</sup> Na época, o Brasil contava com 3.617.900 habitantes, sendo 1.728.000 negros escravizados, 202.000 pardos escravizados, 585.500 pardos e negros livres, 259.400 indígenas “domesticados” e 843.000 brancos (Cunha, 2012, p. 37).

<sup>322</sup> Lenda indígena, da época da colonização, sobre uma cidade toda feita de ouro maciço e puro, além de ter muitos outros tesouros.

<sup>323</sup> D. João frequentava a quinta do Caju (na cidade do Rio de Janeiro) para se banhar nas águas do mar da Baía da Guanabara, por indicação de seus médicos, a fim de se curar de uma ferida na perna, resultante de uma picada de inseto. A prática de usar banhos de mar como método terapêutico, pela classe branca e abastada no Brasil, foi iniciada no final do século XVIII.

<sup>324</sup> Brillhante; lustroso.

<sup>325</sup> Até o século XV, os banhos privados e públicos eram comuns na Europa. A situação mudou drasticamente com as inúmeras epidemias que o continente começa a enfrentar – o hábito decresce a partir de uma teoria de que os banhos abriam os poros e, por isso, tornavam-se fontes de contaminações e pestilências, além da questão moral de possibilitar a luxúria. Mas, a partir do século XVII, médicos começam a indicar banhos para a preservação da saúde e a cura de doenças. A ação de D. João inaugura tal recomendação no Brasil, e o uso das praias, para além da cura de doenças, foi se popularizando no decorrer do século XIX.

As gerações que se sucediam adotavam muitas dessas calúnias sem base e sem raciocínio, tornando a infanta espanhola cada dia mais impopular, mais odiada. Diante do seu desprezo em frente dos pasquins em número sempre aumentado contra ela e que D. João não punia, resolveram os inimigos da infanta levantar a aleivosia<sup>326</sup> de que D. Miguel<sup>327</sup> era filho do jardineiro de Ramalhão e que o outro tinha por pai o marquês de Marialva. E pelas ruas sujas do Rio alguns imbecis, seguros da impunidade, ousavam cantar:

*Nem de Pedro  
Nem de João,  
Mas do caseiro  
Do Ramalhão.*

A Europa, no seu profundo egoísmo e na sua eterna velhacaria, apreciava essas infames notícias sobre a filha de Maria Luísa. A *parvenue* duquesa de Abrantes deixara o terreno preparado para o descrédito da irmã de Fernando VII. E, como um rastilho de pólvora, o incêndio se declarara. Assim, quando se deu o assassinato de D. Gertrudes Ângela, esposa de Fernando Carneiro Leão,<sup>328</sup> Carlota Joaquina foi imediatamente suspeitada de ter praticado o crime.

Entretanto, o autor desse atentado foi o negro “Corta Orelha”, completamente devotado à sua senhora, que, testemunha da bofetada servida à infanta pela vítima, lhe enviou dois tiros do seu bacamarte,<sup>329</sup> tiros que a prostraram morta junto à sua sege.<sup>330</sup>

---

<sup>326</sup> Injúrias, calúnias.

<sup>327</sup> Miguel I (1802-1866), cognominado de “o Absolutista” e “o Tradicionalista”, foi regente do Reino de Portugal de 1826 a 1828, em nome de sua sobrinha e noiva D. Maria II, e depois rei de Portugal e dos Algarves entre 1828 e 1834. Foi o terceiro filho de D. João VI e Carlota Joaquina.

<sup>328</sup> Trata-se de Gertrudes Angélica Pedra, casada com José Fernando Carneiro Leão, 1º conde de Vilanova. Conforme o texto *1820...*, s.d., “Noronha Santos, conhecido pesquisador da história do Rio de Janeiro, atribuiu o crime a um homem conhecido pela alcunha de ‘Orelha’, a mando da rainha Carlota Joaquina, amante do marido da vítima”.

<sup>329</sup> Antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula.

<sup>330</sup> Carruagem.

Afirmam os distintos historiadores dessa época que Carlota Joaquina era amante do belo Fernando e *que só poderia ser ela a criminosa*. Existem por aí páginas solenes, dramas complicados, tendentes a provar a culpabilidade da rainha. Nenhum fato, porém, concreto jamais a demonstrou... Mais fácil será um quadrúpede voar do que a calúnia cessar os seus estragos.

A infanta, entretanto, era talvez a amante do formoso Carneiro Leão. Natural se tornava que ela procurasse certo consolo numa terra de exílio, separada do marido como vivia e tendo a solidão e o abandono como companheiros únicos e deficientes para a sua alma ardente de castelhana.

Depois, *quem nunca pecou, sobretudo nesse gênero de pecados, que lhe atire as pedras*.<sup>331</sup> Os moralistas, julgadores de Carlota Joaquina pelos seus amores e não pela sua inteligência, bondade e sofrimento, são sempre Aretinos<sup>332</sup> fantasiados de Simões de Nantua.<sup>333</sup>

O fato é que não sucedia neste Rio de Janeiro, primitivo e colonial, nenhum acontecimento, político ou fora de comum, de que Carlota Joaquina não fosse responsabilizada. Sem amigos de nenhuma espécie, vítima de ingratidões e de intrigas soezes,<sup>334</sup> a infanta de Espanha nem na própria família encontrava arrimo.<sup>335</sup> Fernando VII, sensual e covarde, temia-a, enquanto as opiniões de alguns espanhóis, influenciados pelo que diziam dela no Brasil, ridicularizavam-na. Na corte portuguesa, o conde de Linhares, negando sempre a sua inteligente atuação na política da colônia, odiava-a. E tendo, como tinha, o poder na mão, era ouvido e acreditado.

Não realizando o seu ideal, que seria colocar sob a base do protetorado português a incorporação da banda oriental do Rio da Prata,

---

<sup>331</sup> Referência à citação bíblica, presente em Evangelho de João 8, 7.

<sup>332</sup> Referência a Pietro Aretino (1492-1556), conhecido como *o flagelo dos príncipes*, por seus escritos panfletários de grande força satírica.

<sup>333</sup> *Simão de Nantua ou o mercador de feira*, obra de Laurant-Pierre Jussieu (1792-1866), escritor francês, publicado em 1818. Livro utilizado no ensino primário que conta a história de um mercador que percorre a França e oferece conselhos morais.

<sup>334</sup> Reles, vil. Torpe.

<sup>335</sup> Auxílio, proteção, apoio.

ele culpava a mulher de D. João VI da não vingança do seu plano. Lorde Strangford, suspeito servidor e muito relativo amigo do Brasil, se integral do seu país, condenou igualmente Carlota Joaquina ao ostracismo e à malevolência, presenciando a sua rebeldia à Grã-Bretanha, que aconselhara o marido àquela fuga infame, que até então ela deplorava. “A sua habilidade diplomática, a sua astúcia masculina” contribuíram muito a separar o casal soberano e a inutilizar todos os atos da rainha. Calculista, frio e invencível, ele conseguiu influir no ânimo dos melhores elementos, cercando D. Carlota e que lhe secundavam inteligentemente os projetos. Desse modo, com o auxílio de D. João, subserviente inalterável à Inglaterra, Strangford afastou Sidney Smith, Casa Irujo, terminando por José Presas. E, quando ele notou a solidão em torno da infeliz soberana, exultou de júbilo, júbilo que se acentuou quando foi assinado, em 1822, o armistício entre o governo de Buenos Aires e o do Brasil.<sup>336</sup> Tranquilo e orgulhoso, pôde então lorde Strangford gozar do seu triunfo. Vencera Carlota Joaquina e os rebeldes argentinos!

---

<sup>336</sup> Em 1822, houve uma tentativa de armistício, mas a iniciativa malogrou, dadas as lutas políticas na região. Ainda haveria conflito armado pela posse da Província Cisplatina (atual Uruguai) entre 1825 e 1828.





## CAPÍTULO XXVI

Os últimos dias, pois, da educanda do Padre Scío de São Miguel foram terríveis no Brasil. Já nos prenúncios da horrível doença, que a faria recorrer ao suicídio<sup>337</sup> mais tarde, ela vivia existência tormentosa e insofrível nesta colônia, onde só contava indiferentes ou adversários.

Ainda solitária e afastada da política, ela – a pobre enferma – era temida e vilipendiada. E essa desgraçada, que mostrara tanta repugnância pela raça negra, só conservava a devoção da preta Maria Josefa e do africano Felismino. Sentindo a morte acompanhá-la noite e dia, ela se agarrou ao catolicismo e, como boa espanhola que era, tornou-se clerical e beata. Confessava-se e comungava continuamente, sabendo, como sabia, não possuir outro protetor senão Deus! Entretanto, ainda fraca e doente, ela mantinha intactos os seus ideais, censurando a ação governamental do marido e a ambição dos aventureiros que o rodeavam. Desprovida de tartufice e dotada de coragem indomável, a infanta-rainha nunca se curvou à hipocrisia dúplice de D. João. Nesse momento, sobretudo, em que o filho triunfava do pai, pelo seu liberalismo e franqueza natural, ela compreendeu, antes de todos, que, brevemente, esta colônia recobriria a sua independência.

Todavia, ferida nas mais íntimas fibras do seu organismo de mulher, Carlota Joaquina não esmoreceu. E, assistindo à fraqueza do marido, à sua hesitação receosa de voltar a Portugal e de entregar o governo brasileiro a D. Pedro, a enérgica soberana estremecia de des-

---

<sup>337</sup> Conforme Cintra, *Os escândalos...*, 1934, p. 264, Carlota desenvolveu câncer de útero. Também Gomes (2007, p. 165) aventa as duas possibilidades (a doença e o suicídio).

prezo. Emagrecida, pálida e com os largos olhos tornados imensos na magreza do rosto, a infanta da Espanha tentava esconder e esmagar o seu sofrimento. E, enquanto D. João tremia diante da menor dor física, chamando apressuradamente o médico da corte, a esposa, valente e bravia, reagia heroicamente contra o mal que a devorava.

Os filhos, separados dela, viviam a sua própria vida, e mesmo D. Pedro, suggestionado e obsedado pelas lutas políticas, pouco se ocupava da mãe dolorosa.

– Quando voltarei eu a Portugal? – murmurava a rainha, mirando a barra do Rio. – Regressarei, porventura, viva? Toda essa natureza pujante, esse calor terrível, esses miasmas pútridos apressam a minha morte. João teme a volta a Lisboa e eu a desejo ansiosamente. Aliás, o momento de regressar inadiavelmente se aproxima, mas ele, que abandonou o seu lugar na hora do desespero, receia que o não recebam com agrado, o que será muito justo. Deus que o inspire a tomar o caminho de Portugal. *No puedo más!*<sup>338</sup>

Mas só o céu, no seu cáldo azul tropical, e o mar, com as suas ondulações monótonas, respondiam às tristes injunções da desventurada rainha. Prisioneira, guardada à vista, numa terra iniciando-se à mais prisca das civilizações e vítima de um homem exclusivamente firme e feroz quando se tratava dela, Carlota Joaquina era uma presidiária familiar e política. E se alguém, penalizado com a torturante situação da infanta, ousava aproximar-se da mesma, os covardes espiões do rei corriam a delatá-lo, na certeza de que D. João arranjará meios de afastá-lo. A miséria ou a inconsciência da humanidade em todas as épocas regozijava-se com essa aparente capitulação da mais inteligente mulher da hora. No sombrio recanto do solar melancólico, Carlota Joaquina não se dava, entretanto, por vencida totalmente e, já em Lisboa, ela provou a sua energia e a sua firmeza de ideias, tomando parte nos planos tendentes à ventura de Portugal, que, em recompensa e por meio de conspirações, quis entregar-lhe a gestão e as rédeas do governo. Assim, enquanto D.

---

<sup>338</sup> Frase espanhola: Não posso mais! (tradução livre).

João, acovardado, jurava a Constituição,<sup>339</sup> que lhe retirava o caráter absoluto do seu trono, ela era encerrada no palácio de Ramalhão por não ter querido imitá-lo.

Antes disso, porém, a situação de Portugal começara a trazer sérias inquietações a D. João VI. Napoleão, vencido, afastava-se... Carlota Joaquina aproveitava o estado de alma do marido para induzi-lo a voltar a Lisboa. A hesitação e a dúvida mordiam ainda, entretanto, o espírito do rei, que se sentia bem no Brasil, na Quinta da Boa Vista, no meio dos escravos e no gozo dos cálidos ares da colônia. Contemporizava, segundo o seu costume. D. Pedro, audacioso, alegre, familiar, conseguira a estima dos brasileiros, que nunca tinham sentido afeto por D. João. E a ideia veio afinal – forçada pelas circunstâncias – ao rei do Brasil de abdicar no filho a coroa, que lhe custara uma fuga covarde e imenso trabalho... Se D. Pedro de Alcântara permanecesse no seu lugar, ele seria sempre o dono dessa terra que fora o seu refúgio e o seu Eldorado. Mas... D. João, que vencera sempre a mulher, pulverizando-a à força de desgostos, de perfídias e de calúnias, e que traíra os seus melhores servidores, era mau psicólogo quando se tratava do filho mais velho.

– Estás iludido a respeito de Pedro – dizia-lhe Carlota Joaquina. – Se o julgas um débil carneiro ao qual botarás facilmente as rédeas, enganas-te. Ainda se preferisses o Miguel, talvez este te ouvisse mais que o outro.

Porque a infeliz mulher tinha louca adoração pelo filho, que diziam do amor...

E este, meigo, caridoso e *niño*,<sup>340</sup> como ela dizia, pagava com usura quando podia o afeto da pobre criatura, isolada, doente e constantemente sem dinheiro.

---

<sup>339</sup> Uma revolução liberal constitucionalista vai se formando, em Portugal, até que eclode em agosto de 1820, exigindo que o rei volte. A revolução chega ao Brasil e, em fevereiro de 1821, após um motim, D. João é obrigado a jurar as bases constitucionais das cortes de Lisboa, decidindo aí seu retorno a Portugal.

<sup>340</sup> Palavra espanhola: menino; rapazinho.



No meio dessa confusão, Carlota Joaquina não cessava de incitar o esposo a partir, censurando-lhe a morosidade nas decisões, a atonia moral em que se balançava sempre que se tratava de agir.

Mas... o rei do Brasil não era homem a tomar resoluções rápidas e dizia à rainha que precisava estudar melhor o caráter do filho. D. Pedro, por seu lado, observava o pai e não o entendia. Nas meias palavras que este pronunciava a razão não brilhava claramente. E se D. João achava o primogênito leviano, D. Pedro julgava o progenitor um enfermo e um indeciso. Passou até pela mente do rei a ideia de enviar o filho a Lisboa em seu lugar; ideia que D. Pedro declarou não poder realizar.

Afinal, Carlota Joaquina triunfou, graças à cumplicidade involuntária de D. Pedro, que, na manhã de 26 de fevereiro de 1821, ufano do seu golpe contra o pai e em favor de uma Constituição, liberando os povos do poder absoluto dos soberanos, resolveu fazer a viagem, entregando, aliás, de má vontade, o governo ao filho.<sup>341</sup> Carlota Joaquina exultava, orando fervorosamente a Deus para que o marido não mudasse de resolução. Fora ela, em verdade, desgraçadíssima neste Brasil e o seu calvário começara na Bahia, primeiro porto do seu triste desembarque.

Entretanto, tomada a decisão de voltar, D. João não a executava. Conferenciava longamente com diplomatas, ministros e favoritos e não se decidia a partir. E ele, que, tão rapidamente, ordenara a fuga de Portugal, não encontrava forças de volver a ele. Chorava e se lamentava sempre que Carlota Joaquina lhe apontava a necessidade de abandonar o Brasil, que já o tinha por indesejável, adorando o príncipe, cujas ideias liberais agradavam ao povo.

A rainha não sossegava e, diante do pranto de D. João, ela não se continha e murmurava:

---

<sup>341</sup> Nessa data, eclode, no Brasil, um levante constitucionalista motivado por movimento similar iniciado um ano antes em Portugal. Culmina com a desistência de D. João VI do reino brasileiro, deixando o filho Pedro em seu lugar, e seu imediato retorno a Portugal.

– Um rei que chora não merece sê-lo. Um rei morre, mas não deita lágrimas. Tu pareces um *monogote*,<sup>342</sup> oh! João! Tem coragem, *hombre*!

Carlota Joaquina somente sossegou quando a fragata que levava a família real zarpou da Baía de Guanabara.<sup>343</sup> Até então ela temera que o rei a mandasse volver...

E quando, de longe, Carlota Joaquina avistou a cidade do Rio de Janeiro, a brilhar sob o sol vermelho do dia e com as suas casas de cócoras sobre as ruas, estreitas tiras deselegantemente abertas no solo, ela suspirou.

Teria terminado o seu sofrimento na dura terra de exílio ou ele recomençaria em Portugal, aonde a levavam como prisioneira? Oh! a sua doce e perfumada Espanha, certamente jamais ela a veria!

E as lágrimas da rainha caíam lentas e grossas no mar do Brasil.

---

<sup>342</sup> Possível erro tipográfico. Observa-se que existe o termo espanhol *monigote*, que significa boneco, marionete.

<sup>343</sup> Porção do oceano Atlântico que adentra a terra, localizada no atual estado do Rio de Janeiro.





## CAPÍTULO XXVII

A viagem de D. João VI foi, todavia, angustiada, enquanto que a de Carlota Joaquina refletia o júbilo intenso que ela experimentava. E, à medida que a fragata real avançava, o rosto do rei se contraía de desespero e o da infanta se dilatava de prazer...

A 3 de julho, a nau, que levava a família soberana, entrou no Tejo. Foi logo cercada de marítimos e recebida ao som de salvas...

D. João apresentava uma fisionomia de mártir e a mulher a de uma criatura liberada de um cárcere. Ela queria desembarcar a todo transe, mas o marido tinha de esperar ainda algumas horas certa delegação das Cortes e outros membros da regência, a fim de ser informado do que lhe convinha fazer. Carlota Joaquina batia o pé de impaciência e de cólera.

Afinal, surgiram os homens que deviam dar ordens ao rei e assinar-lhe uma morada, onde ele estaria entregue a si próprio. E, acompanhado dos mesmos, D. João dirigiu-se ao Palácio das Necessidades,<sup>344</sup> sentando-se na sala do trono, na única cadeira que lá havia. Não contavam com a rainha, que julgavam morta e enterrada no Brasil... Esta, irritada com a passividade do rei, fugira para Queluz. E, enquanto este, tendo ao lado D. Miguel e D. Sebastião, jurava obedecer à Constituição,<sup>345</sup> ela negava-se a fazê-lo, sendo, como sempre o foi, a cabeça pensante e enérgica desse casal disparatado. Daí em dian-

---

<sup>344</sup> Palácio (com um convento integrado) construído por D. João V no século XVIII ao lado da Capela de Nossa Senhora das Necessidades, em Lisboa. Atual sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

<sup>345</sup> Ao retornar a Portugal, D. João, mesmo a contragosto, jura fidelidade às bases da Constituição que seria elaborada naquele ano por assembleia de deputados eleitos em Portugal, Algarves e Brasil.

te, a vida de D. Carlota Joaquina foi a de uma prisioneira no Ramalhão, privada de direitos e submetida às maiores penas e humilhações.<sup>346</sup> Não aparecia nas festas e a sua pessoa não interessava ninguém. Era uma morta-viva para todos. E somente o filho, D. Miguel, lembrava-se dela e ia beijar-lhe a mão de vez em quando. O povo, vendo-a vencida, amaldiçoava-a, como já tinham feito os brasileiros, e as alcunhas mais pejorativas caíram sobre ela, desde o instante em que recusara jurar a Constituição. E até a proclamação de Pedro I como imperador do Brasil deixou-a quase indiferente.<sup>347</sup>

D. João, entretanto, continuava a temê-la, sentindo que ela protegia D. Miguel, o filho adorado, contra ele próprio. E, não tendo mais à mão a sua polícia do Rio, os seus agentes, os seus espiões, estremecia de pavor à ideia de qualquer ato leviano da esposa. Os filhos, igualmente, rebelavam-se contra a sua autoridade, julgando o pai inepto, fraco e subserviente. E, a qualquer ato de D. Miguel contra ele, D. João acusava logo Carlota Joaquina, cuja política ele sabia sagaz e valente. Perdoava, pensando desse modo, aos herdeiros, odiando cada vez mais a esposa. Jamais se consolou de ter voltado a Portugal, abandonando a sua Quinta da Boa Vista e os encantos do Rio de Janeiro. Compreendia, demasiado tarde, que se devia ter aliado à infanta e não a ter combatido como sempre o fizera. E, ao sentir-se enfermo, começou a experimentar medo da morte e do inferno. A “escaramuça miguelista”<sup>348</sup> quebrara-lhe ainda mais os nervos e a dieta rigorosa, a que o médico o sujeitou, doía-lhe à gula voraz e insatisfeita. Depois, receava que o

---

<sup>346</sup> Carlota Joaquina entendia que o juramento a uma constituição civil representava a diminuição dos poderes reais. Seu pensamento claramente absolutista execrava a ideia de que um rei ou rainha pudesse obedecer a ordens de outrem, principalmente de súditos. Ao se negar a jurar a Constituição, Carlota Joaquina foi desterrada para o município de Sintra, nos Palácios de Ramalhão e de Queluz (os textos variam em relação ao palácio).

<sup>347</sup> Após a declaração de independência do Brasil da dominação portuguesa, em 7 de setembro de 1822, D. Pedro I é aclamado imperador do Brasil, em 12 de outubro do mesmo ano.

<sup>348</sup> É possível que a autora, assim como Calmon (1935, p. 316), refiram-se à denominada *Abrilada*, quando D. Miguel, à época comandante-chefe do exército, em abril de 1824, liderou uma sublevação absolutista com apoio de Carlota Joaquina e outros partidários, prendendo personalidades civis e militares de Portugal, cercando o palácio do rei e contestando o liberalismo português. A sublevação não é bem-sucedida e acaba com o exílio de D. Miguel na Áustria, só retornando para Portugal após a morte de D. João VI.

envenenassem e, não raro, antes de comer, mandava alguém provar da iguaria a ele destinada.

Carlota Joaquina, informada dos pavores do marido, experimentava, a um só tempo, pena e desprezo por ele. Iria o esposo acabar tremendo como sempre vivera? Ela, mulher, mas filha da Espanha, a Valente, saberia morrer na hora precisa, sem lamúrias, sem gemidos, sem gestos trágicos.

Certa manhã, alguém lhe sussurrou aos ouvidos que a acusavam de estar envenenando lentamente o marido para colocar D. Miguel no trono. Ela sacudiu os ombros com desdém: tinham-lhe dado todos os nomes, só lhe faltando o de uxoricida,<sup>349</sup> que lhe serviam agora. Foi cuidar de D. João, que, cada vez mais doente, se enfraquecia de modo visível e desesperançoso. Expirou ele, afinal, rodeado dos filhos e na ausência da esposa, que, sempre enferma, se recolhera, por algumas horas, ao seu aposento. Pedro Calmon conta que, dous meses depois, em audiência que Carlota Joaquina lhe concedeu, o embaixador A'Contt<sup>350</sup> declarou que ouvira dos lábios da rainha viúva a acusação de terem envenenado o marido “com doses sucessivas de água tofana,<sup>351</sup> um composto de arsênico”.<sup>352, 353</sup> Entretanto, existe na nossa Biblioteca Nacional<sup>354</sup> um livro, em cujas páginas se lê que D. João VI foi envenenado numa laranjada por certo médico *brasileiro*.<sup>355</sup>

---

<sup>349</sup> Aquela que comete o homicídio do próprio marido.

<sup>350</sup> Trata-se de William A'Court, barão de Heytesbury (1779-1860), político e diplomata britânico. Foi embaixador em Portugal de 1824 a 1828.

<sup>351</sup> *Aqua tofana*, veneno líquido muito tóxico, incolor, inodoro e insípido, composto à base de arsênico e de chumbo.

<sup>352</sup> Trióxido de arsênio é o mais importante composto comercializado do arsênio, altamente tóxico.

<sup>353</sup> Calmon, 1935, p. 321.

<sup>354</sup> Fundada em 29 de outubro de 1810, tem como núcleo original a Real Biblioteca de Portugal, transferida no contexto da vinda da família real para o Brasil. Desde 1910, ocupa um prédio, na cidade do Rio de Janeiro, construído especificamente para abrigá-la. A partir de 1990, denomina-se Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>355</sup> Referência não encontrada. Calmon, em *O rei do Brasil*, 1935, p. 320, diz: “As laranjas fizeram-lhe mal”.

Esse volume, procurado por mim ansiosamente e sob a informação do ilustre Dr. Basílio Magalhães,<sup>356</sup> não foi encontrado.

Apesar disso tudo, Carlota Joaquina continua a receber os apoios<sup>357</sup> de assassina do marido.

Da calúnia, ainda sem base, sempre ficam restos...

---

<sup>356</sup> A autora provavelmente se refere a Basílio de Magalhães (1874-1957), historiador, político, folclorista e professor mineiro, que foi diretor-interino da Biblioteca Nacional de 1917 a 1918.

<sup>357</sup> Denominação afrontosa, alcunha ofensiva.



## CAPÍTULO XXVIII

Depois da morte de D. João VI, a existência de Carlota Joaquina continuou a se ressentir dos golpes e das calúnias que a tinham maculado.

Os portugueses, após terem-na apreciado no começo, detestavam-na agora e, embora sabendo-a condenada à morte pela terrível moléstia que a minava, eles não se condoíam dela.

Abandonada no seu palácio, sem dinheiro próprio, pois as joias lhe tinham sido roubadas e o pouco que possuía dava aos necessitados, menosprezada pelos irmãos, Carlota Joaquina, entre Maria Josefa, sua única dama de honra, e o negro Felismino, morria um pouco todos os dias...

Essa infanta espanhola, cujo destino fora amargo, preparava-se, todavia, para a última viagem, intrépida e brava como nunca cessara de ser durante a vida. Ao contrário do marido, choramingas e moleirão, que, no terror covarde do fim, recorria sem cessar a padres e a médicos, ela, atracada a uma guitarra, cantava<sup>358</sup> *malagueñas* e *saetas*<sup>359</sup> com a sua doce voz, tornada débil pela doença.

Outras vezes, contemplativa, alargava os tristes olhos pelo céu de Portugal e rememorava o que sofrera debaixo dele e do do Brasil! D. Miguel, o seu preferido, entregue à política, não tinha muito tempo para se ocupar da pobre moribunda. Mãe extremosa, ela se encontrava sem ninguém a seu lado na hora derradeira, lembrando-se, entretanto, com prazer, que sempre dera aos filhos os melhores

---

<sup>358</sup> No original está “contava”, um possível erro tipográfico.

<sup>359</sup> Tipo de música espanhola religiosa.



conselhos. Evocava Maria Teresa, tão ingênua e tão linda, que, ao se ver viúva e moça, tentara penetrar na senda dos amores ilegítimos e a quem ela dissera, beijando-a carinhosamente:

– Casa-te depressa com algum rapaz bom e forte e não enveredes pelos maus caminhos. Estes não conduzem à felicidade, mas à dor e à desonra.

Certo escritor, traçando os últimos momentos da rainha do Brasil, foi de uma crueldade sem par. Os termos, de que se serve, são duros, chicoteantes, impiedosos para a morta. Atribui ele o câncer uterino de Carlota Joaquina às devassidões, às torpezas da vida dessa infeliz, julgada pelos homens com aquela falta de indulgência que Jesus eternamente condena, dizendo:

“Não julgueis se não quiserdes ser julgado.”<sup>360</sup>

Ora, a ciência, graças a Deus, não está, igualmente, de acordo com esse feroz escritor e considera o câncer moléstia infecciosa e não uma resultante do proceder... mais ou menos libertino das suas vítimas.

O caso é que a infanta espanhola veio demasiado cedo a este planeta, onde a sua mentalidade adiantada, a sua indiferença sincera pelas convenções e preconceitos mesquinhos da época, o seu justo desdém pelo marido lhe causaram dor e prejuízo.

No Brasil daquele tempo, ela deve ter padecido horríveis angústias, clamando contra o desconforto e a sujidade da terra, contra o clima e a passividade dos habitantes. Perseguida, vigiada, objeto de ódio para os aventureiros e ambiciosos que cercavam o marido, invejoso da sua inteligência e do seu dinamismo, ele, fracalhão, guloso e hesitante, a desgraçada padeceu, efetivamente, mais do que era possível suportar nesta colônia, então arrabalde imundo de Portugal. Olvidam o seu gênio, a sua atividade sagaz e firme, o seu amor materno, para se referirem somente aos seus erros e aos seus amores privados, inventando e aumentando o número dos mesmos.

---

<sup>360</sup> Citação bíblica, refere-se ao Evangelho de Mateus 7,1.

Se Carlota Joaquina tivesse surgido nesta época, os louvores não lhe faltariam e seria até considerada uma admirável mulher, elogiada nos periódicos, e as suas menores frases citadas em livros.

Questão do modo de se verem os fatos e as pessoas... Questão também de graus dos prismáticos...<sup>361</sup>

No entanto, já planejando o suicídio que a libertaria dos padecimentos que quase a esmagavam, Carlota Joaquina foi sempre interessante e luminosa. Nas longas noites de insônia, sentada junto à sua dama de cor, a infanta recapitulava a sua vida, mandando uma terna saudade aos raros que tinham sido bons para ela.

– Como era linda em pequena a minha Maria Teresa! Seguiu os meus conselhos e agora está feliz. Tenho muita pena da outra! Não possuí sequer a tranquilidade de espírito. Olha, Maria Josefa, nesses momentos, em que canto, rememoro todo o meu passado.

“Vejo-me em Queluz com as minhas açaфatas espanholas, tão alegres e graciosas! Depois, ouço os gritos da minha sogra, o lúgubre badalar dos sinos e os soluços da música religiosa. Em seguida, a viagem desesperada para o Brasil, a chegada a S. Salvador e o aperto que senti no coração ao encontrar-me tão longe da Espanha. Que engano nos serve a existência, meu Deus!”

A preta tentava consolá-la, murmurando palavras vagas... Calava-se, porém, notando que os dedos trêmulos da enferma brincavam lentos com as cordas da guitarra, que então gemia dolorosamente.

– Tive poucos amigos, muito poucos amigos. O almirante Sidney Smith, José Presas e o marquês de Marialva. De todos três, o que mais me encantou foi Marialva. Era um maravilhoso cavalheiro, um adorável camarada. Eu gostava tanto dele, que o julgaram meu amante. Ah! fui muito caluniada, Maria! muito, mas que importância tem agora a calúnia para mim, que breve morrerei!

– Pobre senhora! – dizia a mulher, enxugando os olhos.

– Se até me deram como amante do jardineiro do Ramalhão! Que queres tu de mais falso e calunioso?

---

<sup>361</sup> Referência ao ângulo resultante do desvio da luz quando refletida em um prisma.

– Sua Majestade amante de um inferior? Nunca o acreditaria – declarou a velha amiga, com voz melancólica.

– Ah! tenho sofrido muito, demais, excessivamente. Agora, porém, vou descansar. Depois de morta, dirão de mim o que quiserem, porque, onde estarei, a baba humana já não me atingirá.

Maria Josefa ignorava o plano trágico de Carlota Joaquina, mas, ao escutar essas palavras, estremeceu...

No cérebro forte daquela valente infanta agitava-se já a ideia de precipitar o desfecho fatal, sendo seu único confidente o preto Felisbino. Também a vida para essa Majestade apagada não tinha mais encantos. Esgotara na luta travada contra o marido e os inimigos a melhor das suas forças, quase toda a sua vitalidade de mulher.

Nunca esquecera o seu suplício no Brasil, a maldade de Linhares, a perseguição de Strangford, nem a ingratidão dos que ela tinha servido, amparado e querido. E muitas vezes, com os olhos parados e os dedos manejando a guitarra da sua terra, ela murmurava para si mesma:

– Eu era digna, entretanto, de melhor sorte!

Entretanto, quem, em 1830, chegasse à presença dessa criatura que se preparava para morrer, admirar-lhe-ia a coragem e a simplicidade. Como a ardente cigarra, tão censurada pela burguesa formiga, ela findou-se, cantando as canções da sua bela Espanha, de onde fora exilada aos 10 anos! Morreu entre um negro – ela, que tanto os desprezara! – e uma velha preta, que lhe cerrou docemente as pálpebras.

Com uma xícara de chá, confeccionado com folhas empoçadas,<sup>362</sup> ela se envenenou e morreu, caindo sobre a esteira rasgada, onde se sentara. E foi seguida do preto Felisbino, que lhe bebeu os restos, que Carlota Joaquina deixou para sempre Portugal e a sua gente, este horrendo mundo e a sua inexorável humanidade.<sup>363</sup>

A memória da infanta não tem sido respeitada e, morta, ela insiste em ser vilipendiada como o foi viva. No entanto, bem analisada

---

<sup>362</sup> Envenenadas; tóxicas.

<sup>363</sup> Carlota Joaquina faleceu em 7 de janeiro de 1830, aos 54 anos, ainda no desterro.

a existência dessa mulher, encontraríamos nela aspectos que fariam glorificar a de um homem.

E, quando o grande silêncio da morte a envolveu, pendida aquela fronte que tanto desejava, combatera e fora amaldiçoada, a infeliz infanta da Espanha acabara de cantar:

*En porfías soy manchega  
Y en malicia soy gitana.  
Mis intentos y mis planes  
No se me quitan del alma.*<sup>364</sup>

FIM

---

<sup>364</sup> Em disputas sou de La Mancha / E em malícia sou cigana. / Minhas intenções e meus planos / Não me arrancam da alma (tradução livre). La Mancha é a região central da Espanha.



## FONTES CONSULTADAS PARA A ELABORAÇÃO DAS NOTAS

1820: crime misterioso. Site Rio: um olhar no tempo. [s.d.]. Disponível em: [http://www0.rio.rj.gov.br/rio\\_memoria/1820.htm](http://www0.rio.rj.gov.br/rio_memoria/1820.htm). Acesso em: 9 ago. 2022.

ABRANTÈS, Laure Junot, duchesse d'. *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 à 1811*. Paris: Ollivier, 1837. 2 v.

ABRANTÈS, Laure Junot; SAVINE, Albert. *Le Portugal il y a cent ans: souvenirs d'une ambassadrice*. Paris: Louis-Michaud, 1912.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. *Carlota Joaquina: cartas inéditas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 407 p.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Carlota Joaquina, a herdeira do Império Espanhol na América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 251-274, 1997.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Carlota Joaquina e a revolução de independência no Rio da Prata. In: ENCONTRO da ANPHLAC, 3, 1998, São Paulo. *Anais eletrônicos [...]*. Disponível em: [http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/francisca\\_0.pdf](http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/francisca_0.pdf) Acesso em: 6 ago. 2022.

BIBLIOTECA AECID (Biblioteca de la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo). Site. Disponível em: <https://www.aecid.es/ES/biblioteca>. Acesso em: maio-ago. 2022.

CABRAL, Dilma. Intendente/Intendência Geral de Polícia da Corte e Estado do Brasil. In: *Arquivo Nacional, MAPA Memória da Administração Pública Brasileira*. Site. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index>.

php/dicionario-periodo-colonial/217-intendente-intendencia-geral-de-policia-da-corte-e-estado-do-brasil. Acesso em 26 jul. 2022.

CALMON, Pedro. *O rei do Brasil: vida de D. João VI*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.

CINTRA, Francisco de Assis. *Os escândalos de Carlota Joaquina: rainha do Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

COSTA, Cecília. *O primeiro conde da Barca: um iluminado na corte de dom João*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2022. 288 p.

COSTA, Luís Edmundo de Melo Pereira da. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis (1763-1808)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932.

CUNHA, Euclides da. *Á margem da história*. Porto: Livraria Chardron, 1909. 390 p. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/2d87182a-7283-46d2-92bc-14df66d7f9a1>. Acesso em jul. 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DICCIONARIO bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. Tomo 5.

DICIO: Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: maio-ago. 2022.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: maio-ago. 2022.

DORATIOTO, Francisco. Poder naval e política externa do Império do Brasil no Rio da Prata (1822-1852). *Navigador: Subsídios para a História Marítima do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 9-20, 2010.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1049>. Acesso em jul. 2022.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis (1763-1808)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932.

EDMUNDO, Luiz. O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 109, v. 163, p. 7-549, 1º de 1931. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147&start=310>. Acesso em jul. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. [S.l.: s.n.], 1913. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: maio-ago. 2022.

FONSECA, L. Simões da. *Diccionario encyclopedico illustrado da língua portuguesa*. 5. ed. melhor. Rio de Janeiro: H. Garnier, [c. 1900].

GALDÓS, Benito Pérez. *La corte de Carlos IV*. 4. ed. Madrid: Imp. y Litografía de La Guirnalda, 1886. 302 p.

GALLICA. Site. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>. Acesso em: maio-ago. 2022.

GIEDROYC, Romuald. *Resumé de l'histoire du Portugal au XIX siècle*. Paris: Librairie d'Amyot, 1875. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6225396q/f24.item.r=de%20graces%20et%20de%20charmes>. Acesso em jul. 2022.

GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. 5. reimpr. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. reimpr. com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. xxxiii, 2922 p.

JOSÉ Bonifácio – Obra Completa. Site. Disponível em: <https://www.obrabonifacio.com.br/>. Acesso em: maio-ago. 2022.



LUCCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Part of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818*. Londres: Samuel Leigh, 1820. Disponível em: [https://purl.pt/23656/4/ds-xix-252\\_PDF/ds-xix-252\\_PDF\\_24-C-R0150/ds-xix-252\\_0000\\_1-682\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/23656/4/ds-xix-252_PDF/ds-xix-252_PDF_24-C-R0150/ds-xix-252_0000_1-682_t24-C-R0150.pdf). Acesso em 19 jul. 2022.

MANGUEL, Alberto. *Dicionário de lugares imaginários*. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 495 p.

MELLO, José Alexandre Teixeira de. *Ephemerides nacionaes*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Notícias, 1881. Tomo I. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182936>. Acesso em jul. 2022.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español* 2. ed., 4. reimpressão. Madrid: Gredos, 2003. 2 v.

PASQUAL, Camila Marcelina. *O Chalaça, de José Roberto Torero: o romance e o diálogo com a tradição*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. 135 f.

PRESAS, José. *Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reina de Portugal, la señora doña Carlota Joaquina de Borbón, escritas por su antiguo secretario José Presas*. Burdeos (Bordeux): Casa de Carlos Lawalle Sobrino, 1830.

RIO Memórias. Site. Disponível em: <https://riomemorias.com.br>. Acesso em: maio-ago. 2022.

RUBIO, Julián Maria. *La infanta Carlota Joaquina y la política de España en América (1808-1812)*. Madrid: Imprenta de Estanislao Maestre, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/lainfantacarlota00rubiuoft/page/n11/mode/2up?view=theater>. Acesso em jun.-ago. 2022.

TRINDADE, Luísa. Corpo e água: os banhos públicos em Portugal na Idade Média. *digitAR: Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes, Coimbra*, n. 2, p. 206-221, 2015. Disponível em: <https://estudo-geral.sib.uc.pt/handle/10316/41534?mode=full>. Acesso em: jul. 2022.

VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das (orgs). *Dicionário do Brasil joanino: 1808-1821*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 476 p.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Site. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Portada>. Acesso em: maio-ago./2022.

WIKIPEDIA: la enciclopedia libre. Site. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Portada>. Acesso em: maio-ago. 2022.

# Coleção Escritoras do Brasil

Esta coleção, iniciada em 2018, foi idealizada e tem a curadoria da Biblioteca do Senado Federal.

Títulos publicados:

- v. 1 – A mulher moderna  
*Josefina Álvares de Azevedo*
- v. 2 – Ânsia eterna  
*Júlia Lopes de Almeida*
- v. 3 – Opúsculo humanitário  
*Nísia Floresta*
- v. 4 – Mármore  
*Francisca Júlia da Silva*
- v. 5 – A judia Raquel  
*Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz*
- v. 6 – Cancros sociais  
*Maria Ribeiro*
- v. 7 – Um drama na roça  
*Carmen Dolores*
- v. 8 – Dálias  
*Auta de Souza*
- v. 9 – A infanta Carlota Joaquina  
*Chrysanthème*

Coleção Escritoras do Brasil  
Biblioteca do Senado Federal  
escritorasdobrasil@senado.leg.br

A **Coleção Escritoras do Brasil** busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As versões digitais das obras da **Coleção Escritoras do Brasil** estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e na página da Livraria do Senado.



Disponível online

